

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as crianças que se viram obrigadas a crescer depressa demais e a todos os jovens e adultos que não têm tempo para admirar a beleza do mundo, nem para sonhar ou imaginar, nem para se encontrarem com eles mesmos. Dedico este trabalho a todos os que se vêem dentro do TGV que é a sociedade, rumo não sei aonde, com o intuito de competir, inovar e inventar em prol da economia.

A todos os que estão afastados da sua humanidade, do seu tempo de viver, criar, explorar, experienciar para si mesmos e não em função de.

AGRADECIMENTOS

À minha família, pela paciência, compreensão e motivação. Aos dois amores que perdi, que me fizeram questionar sobre o sentido da vida e de que forma a quero ocupar e preencher.

Ao mestre, tutor, co-orientador e amigo Jorge Fraga, por todo o apoio e ensinamentos mas especialmente porque em sete anos me proporcionou experiências e vivências artísticas que me ajudaram a conhecer-me e definir-me.

À Professora Orientadora, Doutora Madalena Leitão por todo o acompanhamento, aconselhamento e motivação. Por me ajudar no processo da escrita e todos os formalismos que o envolvem com toda a paciência.

A todos os meus professores e colegas deste percurso académico por todas as trocas, partilhas e aprendizagens.

À Zunzum – Associação Cultural, por acreditar e ajudar a tornar possível a concretização deste projeto.

Ao meu tesouro e companheiro de viagens, Rui Pêva.

Ao José Loureiro, Mara Maravilha, Márcia Leite e Roger Bento por toda a dedicação, amizade, conselhos e por estarem presentes neste percurso.

Ao Paulo Carrilho, Daniela Fernandes, Marta Santos, Paulo Neto, Luís Belo, Catarina Figueiredo, Vladimiro Pereira e ao Pedro Duvalle pela dedicação e entrega.

A todos as entidades públicas e privadas que ajudaram na concretização do projeto.

RESUMO:

Procura e exploração de técnicas e ferramentas em cada uma das linguagens artísticas que serão integradas num espetáculo teatral multidisciplinar – drama, música, cenografia, iluminação, tecnologia - para um resultado artístico distanciado do Realismo e submerso numa exaltação do Maravilhoso e do Imaginário, desenvolvido com uma comunidade de artistas de Viseu, para um público infanto-juvenil. “Polichinelo” é a consequência de dois desejos por parte da criadora: a recriação de um mundo imaginário, como forma de compensação das frustrações do mundo existente; a valorização do elemento Maravilhoso na dramaturgia e encenação. Como pôr em cena o conceito Maravilhoso? Fugir ao nosso entendimento da dicotomia espaço/tempo para a criação de texto, marcações, cenários, adereços, iluminação, seleção musical. Será esta uma forma de criar o Maravilhoso?

PALAVRAS-CHAVE

Dramaturgia, Encenação, Direção Artística, Maravilhoso, Animação Artística.

ABSTRACT

Research and exploration of techniques and tools in each of the art forms that will be integrated in a multidisciplinary theatrical spectacle - drama, music, set design, lighting, technology - for a detached artistic outcome of Realism and submerged in an exaltation of Wonderful and the Imaginary, developed with a community of artists of Viseu for a juvenile audience. "Polichinelo" is the result of two desires on the part of the author: the recreation of an imaginary world, as compensation for the frustrations of the existing world; Wonderful enhancement of the element in dramaturgy and staging. How to stage the concept Wonderful? Escape to our understanding of the dichotomy space / time for creating text, tags, sets, props, lighting, music selection? Is this a way to create the Wonderful?

KEYWORDS

Dramaturgy, Staging, Artistic Direction Wonderful, Artistic Animation.

ÍNDICE

Índice de quadros	IX
Índice de figuras	X
Introdução	1
CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	4
1. – O Maravilhoso	5
1.1. – A Criatividade e a Imaginação	6
1.2. – A Importância do Maravilhoso na Vida da Criança	9
2. – Dramaturgia	10
2.1. – O Processo de Escrita – da Ideia ao Texto	10
2.2. – Técnicas de Escrita e Reescrita	11
3. – Linguagens Teatrais	13
3.1. – Richard Wagner – Obra de Arte Total	13
3.2. – Século XX – Revoluções Técnicas e Estéticas	14
CAPÍTULO II – O PROJETO	18
1. – Objetivos do Trabalho de Projeto	19
2. – Mapeamento	19
3. – Planeamento e Cronograma de Tarefas	20
4. – Metodologias	23
5. – Avaliação e Instrumentos de Avaliação	26
CAPÍTULO III – MEMÓRIA DESCRITIVA	28
1. – A Escrita do Texto	29
1.1. – O Ponto de Partida	29
1.2. – As Maravilhosas Aventuras de Polichinelo	30
1.3. – A Escrita de Polichinelo – Equilíbrio entre Escritora, Encenadora e Produtora	30

2. – A Seleção da Equipa	33
3. – Encenação e Ensaios	35
3.1. – Criação do Grupo e Construção dos Personagens	35
3.2. – Ensaios de Leitura, Exploração do Corpo e da Voz	37
3.3. – Ensaios de Marcação	37
3.4. – Ensaios com Cenários e Figurinos – Ensaio Aberto	38
3.5. – Ensaios Técnicos	40
3.6. – Elementos do Espetáculo que nos Remetem Para o Maravilhoso	40
4. – Figurinos, Adereços e Caraterização	41
4.1. – Vestir os Atores	41
4.2. – Criar o Dragão e os Adereços	42
4.3. – Caraterizar	43
5. – Cenografia e processos de construção	44
6. – Banda Sonora	48
7. – <i>Design</i> Gráfico – Imagem do Projeto	49
8. – Comunicação e Divulgação	49
9. – Apresentação do Espetáculo – Estreia	49
CAPÍTULO IV – RECOLHA DE DADOS E SUA ANÁLISE	52
1. – Auto-Avaliação	53
2. – Hetero-Avaliação	54
2.1. – Questionário ao Público	54
2.1.1. – Tratamento dos Questionários do Grupo 1	55
2.1.2. – Tratamento dos Questionários do Grupo 2	58
2.1.3. – Tratamento dos Questionários do Grupo 3	63
2.1.4. - Tratamento dos Questionários do Grupo 4	64
2.2. – Questionários à Equipa do Projeto	65

3. – Reflexão	75
CAPÍTULO V – CONCLUSÕES E REFLEXÃO CRÍTICA	76
1. – O Projeto Polichinelo e a Animação Artística	77
2. – Síntese Conclusiva	78
3. – Impacto Desejado e Sustentabilidade do Projeto	79
Referências Bibliográficas	80
Anexos	83

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO I – Tempo e Atividades	20
QUADRO II – Cronograma de Tarefas	22
QUADRO III – Recursos Humanos	24
QUADRO IV – Tipologia de Ensaios e Dramaturgia	25
QUADRO V – Conceitos/Fontes de Inspiração	29
QUADRO VI – Apresentação da Equipa	34
QUADRO VII – Características dos Personagens	36
QUADRO VIII – Seleção Musical	48
QUADRO IX – Divisão dos Questionários em Grupos	54
QUADRO X – Perguntas do Questionário Entregue ao Público	54
QUADRO XI – 1ª Pergunta, Grupo 1 (5-17 anos)	55
QUADRO XII – 2ª Pergunta, Grupo 1 (5-17 anos)	56
QUADRO XIII – 3ª Pergunta, Grupo 1 (5-17 anos)	58
QUADRO XIV – 1ª Pergunta, Grupo 2 (18-59 anos)	59
QUADRO XV – 2ª Pergunta Grupo 2 (18-59 anos)	60
QUADRO XVI – 3ª Pergunta Grupo 2 (18-59 anos)	63
QUADRO XVII– 1ª Pergunta, Grupo 3 (60-75 anos)	63
QUADRO XVIII – 2ª Pergunta Grupo 3 (60-75 anos)	64
QUADRO XIX – 3ª Pergunta Grupo 3 (60-75 anos)	64
QUADRO XX – Perguntas do questionário entregue á equipa de trabalho	65
QUADRO XXI – Pergunta 1	66
QUADRO XXII – Pergunta 1.1	67
QUADRO XXIII – Pergunta1.2.1	67
QUADRO XXIV – Pergunta 1.2.2	69
QUADRO XXV – Pergunta 2	70

QUADRO XXVI – Pergunta 2.1	70
QUADRO XXVII – Pergunta 2.2	71
QUADRO XXVIII – Pergunta 3	72
QUADRO XXIX – Pergunta 3.1	74

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Auditório IPDJ Viseu, local da estreia <i>Polichinelo</i>	20
Figura 2 – <i>Afrika</i> , Image Theatre, Praga	29

“O produtor é aquele que tem por ofício a transformação dos sonhos dos artistas em realidade para que o público possa sonhar.” (Kavantan, 2012, pag.11)

INTRODUÇÃO

A forma como o animador percebe a realidade, aliada à sua intuição e, ao conjunto de experiências vividas e conhecimentos teóricos e práticos, vai determinar a natureza da sua ação criativa, do seu processo criativo. Estamos perante um conjunto tão complexo e sui generis de variáveis, que nos remete para a infinidade de possibilidades de projetos, assim como formas de implementação e métodos de trabalho – cada ser é único, portanto a forma como organiza a informação que capta do exterior e a relaciona com a sua estrutura interna, permite-lhe projetar/criar de forma igualmente única, podendo assim deixar a sua marca; “o artista, quando modela uma obra, exprime-se de tal modo a si mesmo que o resultado constitui um reflexo singular do próprio ser, daquilo que ele é e de como o é.” (Abreu et al., 2006, p.12).

O animador artístico apresenta-se ao longo deste projeto como um artista/criador nas artes do espetáculo, assim como gestor e produtor do processo criativo, nas suas diferentes fases de implementação.

A constante e rápida evolução e transformação da sociedade torna cada vez mais pertinente e desejada a ação criativa de um animador que poderá ajudar nos processos de integração e (re)educação, sendo a criação artística uma poderosa ferramenta do animador artístico. O presente projeto encontra-se definido num tempo e num espaço. É o resultado de um conjunto de preocupações sociais e descontentamento perante um panorama político decadente que representa uma corrida sôfrega para a resolução de problemas económicos e materiais, contribuindo para as exigências de automatismo e celeridade de respostas de que a sociedade é refém e motor ao mesmo tempo. Acredita-se que o principal problema está na própria definição dos problemas apontados pelo “país”, uma vez que todos eles correspondem a um plano terreno e material da vida humana. Se as preocupações políticas contemplassem da mesma forma o plano espiritual do Homem, onde englobamos a educação, a moralidade, a cultura e as artes talvez vivêssemos mais felizes – até mesmo no campo económico. Para completar ainda esta ideia, diz-nos Rodari (1993) que, se uma sociedade que se rege pela economia, baseada em interesses de produtividade e lucros, precisar de homens “...fieis

executores, diligentes produtores, dóceis instrumentos sem vontade – quer dizer que está mal feita e que temos que mudá-la. Para a mudar, são precisos homens criativos, que saibam usar a imaginação” (p. 196).

Seguimos desta forma, para a seguinte definição de projeto:

Todo projeto supõe ruptura com o presente e promessas para o futuro. Projetar significa tentar quebrar um estado confortável para arriscar-se, atravessar um período de instabilidade e buscar uma estabilidade em função da promessa que cada projeto contém de estado melhor do que o presente... As promessas tornam visíveis os campos de ação possível, comprometendo seus atores e autores. (Gadotti cit por Baffi, 2002, para.5)

O projeto “Polichinelo” parte do desejo de recriar “um mundo e uma sociedade imaginários – arcaico ou futurista – que compensam a repressão e as frustrações do mundo e da sociedade existentes.” (Guiraud, 1973). Sentimos ainda uma súbita curiosidade pela temática do que não é real, do que é fantasia, maravilhoso, infantil, humano, imaginação, sonho, metáfora, simbólico... Conceitos que abordaremos mais à frente. Conseguiremos que durante sensivelmente uma hora, os espetadores adultos viagem para outro mundo esquecendo os problemas, as pressas, os objetivos, as metas, as pressões, as exatidões...? Que se recordem de como é bom parar e se permitirem ter tempo para sonhar, imaginar, fantasiar?

Polichinelo é um espetáculo teatral criado para toda a família, que partiu de um conto infantil “As Maravilhosas Aventuras de Polichinelo” de Henrique Marques Júnior, foi reescrito para texto dramático numa ação que pretende cativar não só os mais pequenos como também fazer imergir os adultos no campo do Maravilhoso, apelando à capacidade do Homem de sonhar, imaginar e criar.

O presente projeto incide sobre todo um processo de criação de um espetáculo teatral, desde a escolha do tema, à escrita do texto, à linguagem e estética postas em cena pelos cenários, figurinos, adereços e iluminação, até às marcações definidas pela encenação, ao trabalho de atores, à seleção musical, ao design gráfico... tendo como linha orientadora de todas as áreas artísticas postas aqui em sinergia, a criação do Maravilhoso em palco.

Este trabalho encontra-se dividido em quatro capítulos. No primeiro, pretendemos uma fundamentação teórica acerca dos conceitos desenvolvidos no projeto, tais como Maravilhoso, Dramaturgia, Encenação e Linguagens Teatrais. São apresentadas referências de outros autores que dissertaram acerca dos conceitos e que assim, sustentam o nosso trabalho.

No segundo capítulo, apresentamos os objetivos, o mapeamento, o planeamento e cronogramas, as metodologias para a execução do projeto e os instrumentos de avaliação.

No terceiro capítulo é apresentada a memória descritiva de todas as fases do processo. Desde a escrita do texto, à seleção da equipa, encenação e ensaios, construção de figurinos, cenários, adereços, caracterização, escolha da banda sonora, criação da imagem do projeto, comunicação e divulgação, apresentação do espetáculo.

O quarto capítulo diz respeito à avaliação do trabalho criativo apresentado e à análise dos dados recolhidos nos questionários

Por último, o quinto capítulo remete-nos para a conclusão e o impacto desejado e para a relação entre o presente projeto e a Animação Artística

Este trabalho pretende que o animador consolide um conjunto de aprendizagens e também que explore novas técnicas e desenvolva o seu potencial criador, conferindo-lhe um caráter experimental e bastante enriquecedor, na área das artes do espetáculo e da Animação Artística.

CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Se uma imagem presente não faz pensar numa imagem ausente, se uma imagem ocasional não determina uma prodigalidade de imagens aberrantes, uma explosão de imagens, não há imaginação. (Bachelard, 2001, pag. 1)

1. O MARAVILHOSO

A fim de colocar o maravilhoso em palco, tornou-se necessário compreender este conceito, e outros que lhe são próximos, tais como fantasia, imaginação, criatividade. De uma forma imediata, o termo maravilhoso reporta-nos para o que é surpreendente, admirável, deslumbrante, encantador, espantoso, sobrenatural. Para o estudo, frisamos o sobrenatural como sendo tudo aquilo que escapa às leis naturais.

Segundo Marinho (2006) o conceito surgiu pela primeira vez na *Poética* de Aristóteles, com a palavra *Thaumaston*, que significava espanto, surpresa e admiração causados pelo irracional, o absurdo e o impossível.

“Lo maravilloso no es un dios, daimon, destino o fuerza externa, sino la suspensión del *telos* de la naturaleza en aras de las condiciones de operación de las representaciones miméticas, que, en el caso de la acción trágica, producen compasión y temor en un auditorio que sabe (...) que su sufrimiento también es ficticio.” (Armella, 2002, p.70).

Assim sendo, percebemos que o maravilhoso consistia na fuga à finalidade da Natureza, ou às leis naturais, em cena, causando por isso no espetador emoções também elas fictícias/irreais.

Ao longo da história e até aos dias de hoje o maravilhoso foi sendo identificado nas várias épocas ganhando forma através de mitos, lendas, fábulas e contos mas também no teatro, na escultura, na pintura, no cinema... Quantas representações não há, ao longo da história das artes, de deuses que decidiam os destinos dos homens, da valentia de heróis com poderes sobre-humanos, da existência de seres mágicos, monstros e híbridos (sereias, dragões, gárgulas, centauros, grifos, unicórnios...). Segundo Oliveira (2005a) inicialmente essas criações serviam para justificar fenómenos que o Homem não conseguia explicar, pois o conhecimento científico era limitado e, sendo assim, o pensamento mágico dominava sobre a lógica e a razão.

Tzvetan Todorov (1981), no séc XX, classificou o Maravilhoso como género literário, assim como o Fantástico e o Estranho. Segundo o autor, o género Fantástico implica “...vacilação comum ao leitor e ao personagem, que devem decidir se o que percebem provém ou não da “realidade”, tal como existe para a opinião corrente.” (p.24). Esta hesitação é sentida, por exemplo, nos contos de Edgar Allan Poe, em que os personagens encaram com situações estranhas e oscilam na sua explicação, entre o real e o sobrenatural, transmitindo ao leitor essa vacilação, que é acentuada pelo facto da narração ser, normalmente feita, na primeira pessoa.

Por sua vez o Estranho acontece quando há uma situação que pertence ao Fantástico mas que mais tarde ou mais cedo, apresenta explicações de ordem racional. Pelo contrário, estamos perante o Maravilhoso quando o leitor aceita novas realidades e novas leis, ou seja os elementos fantásticos não afetam os personagens nem os leitores.

Ao finalizar a história, o leitor, se o personagem não o tiver feito, toma entretanto uma decisão: opta por uma ou outra solução, saindo assim do fantástico. Se decidir que as leis da realidade ficam intactas e permitem explicar os fenômenos descritos, dizemos que a obra pertence a outro gênero: o estranho. Se, pelo contrário, decide que é necessário admitir novas leis da natureza mediante as quais o fenômeno pode ser explicado, entramos no gênero do maravilhoso. (Todorov, 1981, p.24)

Assim sendo, o maravilhoso, que é o que nos interessa para o estudo, implica a criação de elementos do fantástico, que não pertencem á realidade tal qual a conhecemos, que saem da ordem natural e que se regem por leis diferentes das que governam no nosso mundo. O autor do maravilhoso deve portanto, imaginar e criar situações ou elementos que não são reais.

1.1. A criatividade e a imaginação

São vários os autores, que se debruçam nestas matérias e lançam-nos perspectivas, não muito distantes umas das outras, sobre a criatividade e a imaginação segundo diferentes áreas do saber, filosofia, psicologia, fenomenologia, arte, entre outros... Partimos para esta temática não como o objeto de estudo principal e não da forma exaustiva que o tema poderia requerer como estudo primordial, mas com o intuito de perceber de que forma estes conceitos estão presentes na vida do indivíduo. Pretendemos confirmar se a criatividade e a imaginação quando estimuladas, aumentam a qualidade da relação do homem consigo próprio e com o mundo.

Algumas palavras são várias vezes repetidas e comuns em várias obras que refletem acerca do tema, tais como, *forma, estímulos, consciência, percepção, relação, intuição, movimento, imagem...*

Ostrower (2001) diz-nos que criar é formar, dar forma a, "...ao agir, ao imaginar, ao sonhar, sempre o homem relaciona e forma." (p.9), pois o ser humano, como ser consciente, sempre sentiu a necessidade de formar para conhecer e compreender a

vida, para se orientar. Desta forma, ele relaciona, organiza, seleciona, ordena os estímulos e as múltiplas situações, que ocorrem ao seu redor e dentro de si. Formando ou criando, o homem compreende a vida e compreende-se a si mesmo. Desde sempre o homem sentiu necessidade em comunicar, mais uma vez, através de formas ordenadas e a própria linguagem ou a "...apropriação dos signos em forma de conceitos possibilita um salto qualitativo no desenvolvimento humano por simbolizar internamente o mundo externo, liberando-o do imediatismo da ação direta com a natureza, constituindo seu mundo interno." (Vigostsky, 1988 cit. Lopes, Costa & Barroso, 2011, p.6).

Ora, se criar, é uma ação que permite ao homem perceber o mundo, então concluímos que é uma capacidade inerente ao ser humano. A criatividade faz parte desta experiência e, segundo Cavalcanti (2006):

é um processo exigente que recorre aos níveis mais elevados de abstracção, devendo encontrar um canal de concretização que pode ser o mais diverso possível, englobando uma produção variada que atenda às necessidades do corpo e da alma, mas que sobretudo redimensione a existência humana emprestando-lhe sentido e significado... Criar exercita a nossa dimensão humana... quanto mais formos capazes de simbolizar, compreender e interpretar o mundo mais nos humanizamos. (p.90)

Dentro desta definição concluímos que a criação tanto pode corresponder a uma ação física, quando o indivíduo transforma a realidade, como mental com a mesma finalidade de transformar, estando assim ligada ao conceito de imaginação, em que o indivíduo, segundo Bachelard (2001), mais do que formar, deforma as imagens adquiridas pela percepção, e só assim ele imagina. "O vocábulo fundamental que corresponde à imaginação não é *imagem*, mas sim *imaginário*. O valor de uma imagem mede-se pela extensão de sua auréola *imaginária*. Graças ao *imaginário*, a imaginação é essencialmente *abertura*, a própria experiência da *novidade*"(p.1). Quer com isto dizer o autor que a tónica não se encontra na imagem, mas sim na capacidade do indivíduo de a partir dela, deformá-la, mudá-la, misturá-la com outras imagens, originando assim, a novidade, o novo.

Rodari (1993) acrescenta que esta "função criadora da imaginação" é igualmente inerente ao homem, seja ele cientista, técnico ou artista, "... é condição necessária da vida quotidiana" (p.195). Assim, compreendemos que a criatividade e a imaginação criativa são capacidades inerentes ao ser humano que lhe conferem a sua humanidade através de uma relação constante com a "materialidade". Essa relação envolve

ordenações, diferentes de indivíduo para indivíduo, tendo em conta as suas dimensões biológica, orgânica, cultural, social, emocional, intelectual.

Para criar é preciso imaginar mas também será necessário ao indivíduo desejar, apaixonar-se o que provoca a intenção de. “Mais do que um simples ato proposital, o ato intencional pressupõe existir uma mobilização interior...” (Ostrower, 2001, p.10). A autora fala-nos também da imaginação criativa que surge em primeiro lugar porque há afinidade ou empatia com uma “materialidade” e neste processo fala-nos de um vivenciar de vida que é global e rejeita o “especializado”. Ou seja, para existir imaginação criativa o sujeito deverá ter em conta a visão global “do amplo fenómeno que é o humano, o seu *humanismo*”, a identificação com a matéria deverá provir da vida e do trabalho e não deve ser confundida com a “mentalidade mecânica e unilateral da superspecialização” (idem, p.38), uma das exigências da sociedade atual para com o indivíduo.

Já podemos concluir que os conceitos abordados neste capítulo contribuem para a humanização, e conseqüente sentimento de bem-estar e realização. Mas estaremos perante as condições mais favoráveis à criação e conseqüente humanização?

para poder exercer o seu potencial criador, agir criativamente em sua vida, seria preciso aos homens integrar-se enquanto pessoas, desenvolver-se e alcançar algum nível de maturidade e de individuação. Seria preciso aos homens encontrar condições de vida e de trabalho que proporcionassem os meios de realização de suas potencialidades, onde o seu fazer representasse uma fonte de conscientização interior a partir da qual eles se renovariam espiritualmente. Mas, as injunções a que a maioria tem que se submeter a fim de sobreviver nessa sociedade fragmentada e complexa, impedem que sua formação se amplie em qualquer sentido humanista. Quanto muito as pessoas se tornam profissionais, com horários e expedientes, mas sem tempos para viver. (Ostrower, 2001, p.134)

Partilhamos desta sensibilidade com a autora, e dela advém a nossa necessidade de criar. Pretendemos comunicar o sentimento de contradição em que vivemos, perante as pressões e exigências sociais que nos exigem “excepcionalidade”, que nos impõem um ritmo “que quase ultrapassa o ritmo orgânico” e não nos permite tempo, tempo de viver, de nos relacionarmos com outra “materialidade” que não o trabalho/a especialização, para assim aumentarmos o nosso potencial criador.

1.2. A importância do maravilhoso na vida da criança

A criança encontra-se com o maravilhoso através dos contos de fadas, histórias carregadas de fantasia e imaginação, que captam a sua atenção e despertam a sua curiosidade. Por norma os contos acontecem em lugar e tempo indeterminado (por exemplo: “Há muito tempo atrás, num reino muito distante”), mas partem de situações ou problemas ligados à realidade.

Não há certezas quanto à origem dos contos tradicionais, a sua transmissão oral há-de ter acompanhado a história da humanidade. “Quanto aos contos tradicionais, os autores concordam pelo menos em um ponto: parecem ter ocupado desde sempre um lugar importante nas sociedades, ao menos desde a pré-história.” (Gutfreind, 2003, p.22). Mas em relação aos contos de fadas foi Perrault que introduziu este género literário, no século XVII. Outros autores conhecidos contribuíram muito para enriquecer a literatura infantil, dentro do mesmo género, tais como os Irmãos Grimm, Hans Christien Anderson, Lewis Carrol, entre outros.

A relação benéfica da criança e do conto de fadas foi principalmente estudada por Bruno Bettelheim. Antes, porém, devemos perceber que a criança ao longo do seu crescimento, passa por diferentes estágios ou fases de desenvolvimento, sejam eles psicossocial (Freud), psicossocial (Erikson) ou cognitivo (Piaget). Em cada uma das fases, a criança tem que lidar com tensões e desafios como forma de descobrir ou construir um sentido para a sua vida. “Exactamente porque a sua vida é muitas vezes desconcertante, a criança precisa mais do que ninguém que lhe dêem a possibilidade de se compreender a si própria neste complexo mundo que vai enfrentar.” (Bettelheim, 2003, p.12). O autor refere ainda que é nos contos de fadas que a criança encontra sentido para muitas das suas questões e anseios.

Os contos de fadas e a fantasia conseguem ajudar a criança na sua formação e na busca da sua identidade, na medida em que ela se identifica com este tipo de linguagem simbólica que age no seu inconsciente na identificação com os personagens e os seus problemas (percebendo como poderá resolvê-los) ou atributos/qualidades (identificando como poderá vir a ser). “A criança compreende intuitivamente que, apesar destas histórias serem *irreais* elas não são *falsas* ... elas representam uma experiência interior... descrevem por forma imaginária e simbólica os passos essenciais do crescimento e da obtenção de uma existência independente.” (ibidem, p.97).

Como conclusão, o conto de fadas tem algumas características que permite esta influência na vida da criança. Segundo Siewert (s.d)

- O tempo e o espaço indeterminado, o que permite à criança libertar-se da dureza da realidade, tendo em conta que ela nunca aconteceu de facto, o que lhe dá espaço para imaginar.

- O uso da metáfora, que suaviza a identificação da criança com o personagem que exprime os conflitos que a afligem no momento, sem, portanto, ameaçar a criança.

- O uso de personagens sem muito detalhe, sendo mais típicas do que únicas, facilita à criança a identificação dos seus conflitos.

- Trabalham conflitos existências como a morte, o abandono, a separação...

- O final feliz; depois de reparados todos os problemas, o bem vence o mal e assim a criança é trazida de volta à realidade.

Portanto, o conto de fadas, pela sua linguagem simbólica torna-se um meio de representações bastante próximo e confortável para a criança, que lhe transmite várias soluções e explicações sobre os diferentes conflitos que ela vive, ajudando-a a compreender e atuar nas várias fases do seu crescimento.

2. A Dramaturgia

A dramaturgia foi uma das fases do processo do presente projeto. Como tal, neste capítulo expomos algumas das técnicas utilizadas por diversos escritores, refletimos, ainda, sobre a disciplina como uma característica do dramaturgo e sobre a inexistência da fórmula correta e ideal para o processo, pois cada autor encontra o seu próprio caminho. “De facto, não existem regras neste processo” (Gooch, 1998, p. 8)

2.1. O Processo de Escrita – da Ideia ao Texto

Segundo Ubersfeld (1996), num sentido tradicional, a palavra dramaturgia significa o trabalho do autor, as obras teatrais. Atualmente é um dos termos teatrais que possui três aceções: é o estudo da construção do texto de teatro; designa o estudo da escrita e da poética da representação e, por último ela é a atividade do dramaturgo, que compreende não só o estudo do texto e da representação mas também da relação entre a representação e o público, que deve recebê-la e compreendê-la. Ryngaert (1992) diz-nos que é difícil hoje em dia definir as características da escrita teatral em termos teóricos. Segundo critérios como: os géneros; a noção de ação (que começa com Aristóteles) e a dissociação entre o dizer e o fazer; a fonte da palavra e seu destinatário e a ação sobre o espetador; é que conseguimos “avaliar as evoluções dos textos e situá-los numa perspectiva histórica.” (p.29)

O texto dramático para teatro compreende um título e um género. Quanto ao material textual, compreende as didascálias e pode conter diálogos ou monólogos. Implica uma narrativa e uma intriga, uma noção de espaço e tempo, e a criação das personagens.

Segundo Gooch (1998), o mais difícil é usar o tempo de forma produtiva para pensar, isto enquanto ainda não se acendeu a lâmpada em cima da nossa cabeça e nos sentimos bloqueados e confusos. Desta forma o autor deve, antes de mais, ter consciência e conhecimento de si próprio por forma a recorrer a estratégias para captar e prender o pensamento para a tarefa em causa. São vários os tipos de comportamentos por parte dos autores aquando do processo de escrita. E se alguns preferem trabalhar as suas ideias isolados e só dar a conhecer o produto acabado, outros sentem uma

necessidade compulsiva de mostrar as páginas à medida que as escrevem; e, desde os anos 70, com o surgimento da oportunidade para os dramaturgos trabalharem em colaboração com as companhias de teatro em seminário, através da improvisação de actores e numa variedade de métodos teatrais, a necessidade de mostrar e comunicar o método de escrita tornou-se mais premente. (idem, p.9).

A ideia pode surgir de uma história que já existe, de uma imagem visual, de um sentimento em relação a problemas sociais ou relações humanas, de um tema filosófico... Qualquer coisa, mas na verdade qualquer que seja o estímulo inicial, a partir do momento que temos uma ideia, um conjunto de faculdades de ordem emocional, sensual e intelectual começam a agir. Também os nossos sentidos e sentimentos nos guiarão através de uma série de decisões, funcionando também como motivadores conscientes ou subconscientes enquanto avançamos na obra, assim nos diz Gooch (1998).

2.2. Técnicas de escrita e reescrita

São várias as técnicas exploradas para a escrita e reescrita de texto. Falemos da reinvenção do médium, com especial enfoque em William Burroughs e na sua técnica de reescrita *cut-ups* e da Autoria Partilhada, Criatividade Colaborativa, onde partimos do *exquisit forrest*, um projeto de arte interativa criado por Aaron Koblin, que nos remete para o *exquisite corps*. A *exquisit forest* é uma peça envolvente de arte digital experimental que estimula a participação, e mostra as possibilidades de utilização da tecnologia e da internet na narrativa colaborativa.

Segundo Hugnet (1934) o *cadavre exquis* é inventado em França com os surrealistas, como um exercício de escrita coletiva. Cada um define num pedaço de papel um substantivo, que se tornará no sujeito de uma frase, sem que os restantes membros vejam ou saibam o que lá está escrito. Depois dobra-se o papel e entrega-se ao vizinho do lado esquerdo, enquanto se recebe o papel do vizinho do lado direito. De seguida escreve-se um substantivo, adjetivo ou qualificação. O processo repete-se cada vez que se adiciona novo texto – dobrar o papel, passar ao vizinho e receber do lado direito – acrescentando o verbo, o complemento direto e o adjetivo ou frase de qualificação deste último complemento direto. Chegado o processo de escrita ao fim, desdobra-se o papel e lê-se o resultado final em voz alta, depois de ter a certeza de uma concordância gramatical.

Uma outra preocupação do surrealismo é a libertação do inconsciente, que André Breton ressalta no seu manifesto surrealista, ensinando o processo do automatismo para fazer emergir o inconsciente. A escrita automática - poética não premeditada - consiste numa escrita rápida, sem ter um assunto preconcebido, sem paragens nem revisões durante o processo. O que se pretende com esta técnica é que o escritor se manifeste livremente, sem qualquer castração ou repressão por parte do consciente, vencendo os mecanismos de censura e expondo o inconsciente. O resultado deste processo é um texto que apresenta articulações inesperadamente sugestivas, as relações lógicas não servem de apoio ao leitor, não lhe restando outra saída senão entregar-se ao universo do sonho proposto pelo texto.

Breton no seu manifesto surrealista, “Imaginação querida, o que sobretudo amo em ti é não perdoares...Reduzir a imaginação à servidão, fosse mesmo o caso de ganhar o que vulgarmente se chama a felicidade, é rejeitar o que haja, no fundo de si, de suprema justiça.” (Breton, 1924, para. 4)

William Burroughs desenvolveu outra técnica de escrita denominada de *cut-ups*. A técnica consiste em cortar e colar folhas de textos de outros autores, dando origem a um novo texto. Desta forma surge o conceito de autoria partilhada, na medida em que “é considerado impossível a qualquer texto ganhar espaço no mundo, se não produz o seu corte/recorte sobre o já existente” (Vasconcelos, 1996, p.244), portanto, parte-se de textos de outros autores, corta-se e cola-se originando um novo texto com um novo autor.

São várias as técnicas de escrita desenvolvidas por diferentes autores que se inserem em movimentos artísticos na sua época. O intuito das mencionadas, *cadavre exquis*, escrita automática e *cut-ups*, assenta em conceitos de liberdade, coletivo, e

autoria, para a concretização em textos não realistas, com exaltação do inconsciente e do sonho.

Jean Pierre Sarrazac (2005) salienta a evolução da prática da escrita dramática, como um processo que inicialmente ocorria de forma mais isolada, por parte do escritor deslocando-se para a oficina, um espaço semipúblico, um processo de trocas e transparência.

3. Linguagens Teatrais

Neste capítulo, serão referidos alguns contributos importantes para o desenvolvimento do presente projeto, nomes importantes da história do teatro que em cada período da história, de certa forma quebraram com convencionalismos e trouxeram novas abordagens à cena teatral.

3.1. Richard Wagner – Obra de Arte Total

Richard Wagner, maestro, compositor e diretor de teatro introduziu, no período Romântico e Simbólico, tão importantes contributos para as artes na época, que serviram de referência a futuristas que aliaram as potencialidades tecnológicas à combinação das várias formas artísticas. A sua “obra de arte do futuro” ou “obra de arte total” alega um espírito coletivo na criação do produto artístico para uma única ação artística. Este conceito foi, nessa época, um importante contributo, que alterou a visão sobre a arte, rompendo com regras e formalismos iluministas, que até então consideravam as linguagens artísticas como expressões separadas, mas também anteviu o que seria a abordagem dos futuristas, que introduziram inovações tecnológicas à união das várias artes para o processo de criação do produto artístico. Wagner foi um revolucionário, o seu legado está na origem de múltiplas ações artísticas desenvolvidas por reconhecidos nomes “A obra de Wagner foi o ponto de partida para Appia, e em menor grau para Craig, bem como às ideias do teatro total de Piscator e do teatro abstrato da Bauhaus.” (Urssi, 2006 p.44)

Perante uma ópera decadente e um drama esgotado, Wagner propõe-se aliar as duas linguagens artísticas combinando também a dança, cenografia (pintura e arquitetura) e iluminação num único espetáculo. Se até então as óperas eram espetáculos a ser vistos nos seus trechos mais famosos (o espetador era livre de entrar e sair quantas vezes quisesse, para conversar, ler, comer...), Wagner pretendia com a

sua obra de arte total um outro nível de fruição do espetáculo por parte da audiência. A junção das várias linguagens artísticas seria acutilante para uma nova atenção e imersão do espectador. E com este intuito, foi o primeiro a mergulhar a sala no escuro e a criar um espaço próprio para os músicos (fosso de orquestra) por forma a destacar e valorizar o nível de representação. Com um espetáculo que contempla as várias formas artísticas e novas técnicas - onde está presente o drama, a música, a dança, novas técnicas de iluminação de cena, cenários e pinturas, um argumento mítico... - harmoniosamente bem conjugadas, o espectador é genialmente “abatido” por um conjunto de sensações e emoções que o prende e o envolve na ação. E temos a formação do novo público.

3.2. Século XX – Revoluções Técnicas e Estéticas

Importa para o estudo, focar as transformações que a prática teatral sofreu a partir do século XX, a era dos grandes avanços tecnológicos. Para tal será necessário nomear importantes mestres do teatro, que como artistas assumem um papel importante de

agentes de civilização e de cultura, evidenciando aptidões claras, em termos científicos, técnicos e culturais, para intervir inter e pluridisciplinarmente, comunicando a sua percepção do mundo, os modos de ver que lhe conferem caracterizações decisivas, prolongando para o futuro as suas diferenças culturais. (Oliveira, 2005b, p.21)

Começemos por analisar os anos 20, época em que o teatro assume influências do cinema quando encenadores na URSS e na Alemanha transportam para a cena projeção de fotografias e filmes. Devemos mencionar, neste ponto, Meyerhold, considerado o pioneiro no emprego da projeção e E. Piscator, quem realizou as experiências mais refinadas de imagens técnicas no palco, como refere Isaacsoon, (2011). Estas implementações por Piscator “Inseridas em um momento histórico de enorme turbulência sociopolítica, correspondiam à busca de articulação da arte teatral com a realidade em que a representação do ator deveria ser autêntica, rigorosa, aberta, desprovida de ambiguidade neo-realista” (Isaacsoon, 2011). Portanto, Piscator não vê o emprego da imagem em cena como uma função decorativa, mas sim como uma ferramenta que torna as representações históricas em palco mais realistas, sendo que não substituem o papel do ator, pelo contrário, exige-se ao ator um trabalho que busca o aparecimento de personagens reais, sem lugar à fantasia e ao exagero.

Canhoto (2009) sugere-nos três trabalhos de Piscator, nos quais se verifica o seu trabalho inovador na conjugação das tecnologias multimédia com o espaço teatral “...Hoppa, We Live! juntou projecções com efeitos espaciais e sonoros; Rasputin incluiu um globo rotativo onde eram projectados filme, texto e ilustrações; The Adventures of Soldier Schweik continha cenários projectados.” (Canhoto, 2009, p.10) O ator-encenador desenvolveu também um projeto com Walter Gropius e a Bauhaus que nunca se viria a concretizar, dada a subida ao poder de Hitler e dos nazis. Um projeto de “um teatro de teatro-globo, flexível, que permitia a mudança do espaço de representação durante o espetáculo utilizando séries de projetores e lâmpadas de cinema, transformando as paredes e os tectos em cenas mutáveis” (Vasques, 2007, p.9). Para Piscator, a inclusão da linguagem multimédia trazia uma expansão do espaço ficcional, tornando a tecnologia narradora.

Também Adolphe Appia e Gordon Craig apresentaram contribuições preciosas para a reforma do espaço cénico no teatro ocidental do século XX. Appia parte dos contributos de Wagner, mas denota alguma contradição no drama wagneriano e contesta nas suas obras o tradicional uso dos telões de pinturas como panos de fundo, a pintura realista e bidimensional, assim como Craig “não pode colocar-se o corpo do actor, que é volume, ao lado de uma tela pintada, que é uma superfície; a cena exige a escultura, a arquitetura, o volume.” (Ribeiro, 1998, p.109)

Os experimentos no teatro de Meyerhold tiveram igualmente a contribuição de Wagner, pelo uso da sinfonia como elemento importante para a compreensão da acção, o uso do *leitmotiv* e na reivindicação do teatro simbólico.

Nos anos 70 a linguagem teatral torna a assumir novas formas com a presença de vários dispositivos multimédia,

a cena não é trabalhada como simples lugar de transposição de um texto, mas acha-se explorada como lugar de construção de uma escrita visual e sonora. Ela aparece assim, significado próprio construído na articulação de todos os elementos cénicos, atuação, cenário, figurino, música... acentuando as diferenças entre imagens reais e virtuais sobre a cena, muitas das experiências cénicas contemporâneas constroem um novo espaço, onde a presença e o efeito da presença se entrelaçam. (Isaacsoon, 2011, p. 19)

Vasques (2007) refere que o século XX marca a história do teatro do Ocidente, como um período de grandes revoluções técnicas e estéticas, levando o teatro e outras áreas artísticas a novos espaços de experimentação.

Tanto Craig, como Meyerhold e como Appia demonstram uma recusa pelo naturalismo e realismo seguindo o simbolismo e o expressionismo na construção da cena teatral. Já Piscator procura estabelecer uma relação próxima entre o teatro e a atualidade contemporânea, num teatro documentário e político. Segundo Borie, Rougemont e Scherer (2011) Craig recusa a arte como imitação da vida, "...opõe ao realismo a sugestão e a busca da expressão pelo esquematizar do cenário, o estilizar do gesto, o uso de algumas cores fundamentais aliadas ao jogo de luzes – sendo estes elementos utilizados com toda a riqueza dos seus valores simbólicos." (p.386), idealiza ainda um teatro em que o ator deveria ter as qualidades de uma marioneta, livre das suas emoções, que não "encarnasse" ou "vivesse" o personagem mas que "representasse" e "simbolizasse". Meyerhold, por sua vez, aluno de Stanislavski, mas que acabou por se definir contra ele, "... procura o caminho do «teatro-teatral». Utiliza o repertório simbolista, mas sobretudo desenvolve uma reflexão sobre o espaço (...) e as técnicas de interpretação (...) das suas investigações emanam o construtivismo cénico e a biomecânica do ator." Para o encenador russo, a cena e o ator tornam-se "máquinas eficazes, instrumentos perfeitos ao serviço da tarefa política e social que, daí em diante, deve ser a do teatro." (Borie, Rougement & Scherer, 2011, p. 396).

Os mesmos autores referem que Piscator introduz um teatro político, que exprime a realidade das relações sociais e dramáticas. Assim "Ansiando por um teatro militante e proletário, busca uma ligação estreita com a actualidade quotidiana, abrindo caminho a um teatro documentário ... e define o papel da técnica no interior desta «dramaturgia sociológica» que quer promover." (p. 440).

E não podemos deixar de referir Stanislavski e Brecht que contribuíram com estudos tão importantes e novos métodos para a montagem teatral e acabaram por influenciar tantos outros mestres da área. Stanislavski, naturalista, centrou-se na interpretação do ator apelando ao verdadeiro e ao vivido, a que o ator teria acesso conjugando sentimento, mente e vontade. Todo o seu trabalho viria de dentro para fora, ou seja, da memória emotiva. Mais tarde, Brecht vem defender o teatro épico e os seus princípios de distanciamento.

quanto aos actores, já não se metamorfoseavam completamente, mantinham uma certa distância em relação ao seu papel, apelando visivelmente à crítica. Não era mais permitido ao espectador que, de boa fé, se identificasse com as personagens e se abandonasse acriticamente às emoções. O distanciamento era indispensável para que a peça fosse compreendida. O

natural teve que se adaptar à marca do estranho, do anormal e do insólito. (Borie, Rougement & Scherer, 2011, p. 469)

Segundo Vasques (2003), hoje, - perante uma “sociedade da informação”, “sociedade do conhecimento”, “sociedade pós-moderna”, “Sociedade Tecnológica” (são várias as denominações, mas todas elas traduzem conceitos como fluxos de informação, informatização, aceleração da produção tecnológica, a abundância da imagem, cópia sobrepondo-se ao original, simulacro...), e os avanços na física, na genética, biologia, vida artificial - os artistas das várias artes encontram-se perante uma reavaliação da estética tradicional, sujeitos e interessados nas novas possibilidades para a criação do objeto artístico.

Desde o final da década de 1960, as produções de Robert Wilson moldaram decisivamente a aparência do teatro e da ópera. Pela utilização que faz da iluminação, conciliando as investigações sobre a estrutura de um movimento simples e o rigor clássico da concepção cénica, Bob Wilson apresenta-nos uma visão forte e original, dando interpretações diferentes aos clássicos Peter Pan e Alice no País das Maravilhas. São referidos estes dois exemplos pelo carácter fantástico das obras literárias, aos quais Wilson atribui diferentes interpretações da Walt Disney, com uma visão menos “maravilhosa” no enredo mas igualmente mágica quanto às características visuais, graças à sua concepção de cenários, figurinos e toda a parte técnica dos espetáculos.

CAPÍTULO II - PROJETO

1. OBJETIVOS DO TRABALHO DE PROJETO

Pretendemos com este projeto criar um espetáculo teatral dirigido ao público infanto-juvenil e adulto, orientando cada uma das áreas artísticas que o complementam para uma linguagem que exalte o Maravilhoso e o Fantástico.

Tendo esta premissa como objetivo geral do projeto, destacamos ainda os seguintes objetivos particulares:

- A partir de um conto infantil, escrever um texto dramático para levar à cena
- Constituir uma equipa de trabalho que atue nas diferentes áreas artísticas em prol do espetáculo final.
- Dirigir cada um dos intervenientes e gerir as diferentes sensibilidades artísticas tendo em conta a identidade do projeto.
- Evocar no espetador adulto a importância do Imaginário na vida do indivíduo.
- Sublinhar a presença e importância do Imaginário no espetador infanto-juvenil.

2. MAPEAMENTO

O projeto foi desenvolvido na cidade de Viseu, uma capital de distrito, com cerca de 47 250 habitantes no espaço da cidade. Existem na cidade várias entidades que desenvolvem e promovem atividades artísticas, como por exemplo (sem qualquer tipo de hierarquia nesta enumeração), Teatro Viriato, Teatro da Academia, Naco, Tribal, Zunzum, Companhia Paulo Ribeiro, Companhia Demente, Girasol Azul, Grupo Off, Gicav, empresa Cul de Sac, entre outros... A oferta cultural e artística tem vindo a crescer nos últimos anos, o que demonstra a maior sensibilização da comunidade para as artes e necessidade de fruição de momentos artísticos e culturais.

O resultado final do projeto está preparado para ir aos mais diversos auditórios e salas de teatro, como foi a Águeda, ao Festival i (Auditório Ana Paula Silva), dia 18 de maio e ao Festival de Teatro Jovem de Viseu (Auditório IPDJ), dia 23 de maio de 2014.

O público-alvo deste projeto é a camada infanto-juvenil e familiar. Pretendemos criar uma linguagem atrativa para o adulto e para a criança, sendo possível atrair ambas as faixas etárias, manipulando o discurso verbal e visual.

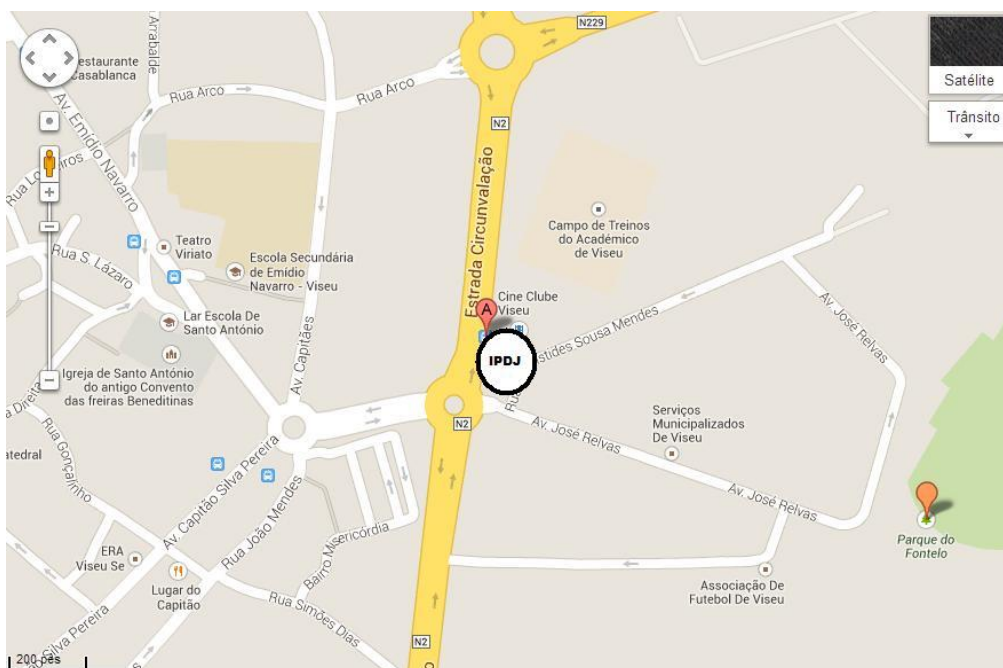


Figura 1 – Auditório IPDJ Viseu, local da estreia “Polichinelo”

3. PLANEAMENTO E CRONOGRAMA DE TAREFAS

QUADRO I – Tempo e Atividades

Tempo	Nov.					Dez.					Jan.				Fev.				Março				Abril				Maio									
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	5					
Seleção da obra																																				
Dramaturgia																																				
Seleção da equipa, Distribuição de tarefas																																				
Trabalho cenografia																																				
Ensaios ESEV / IPDJ / CAFAC / Clube de Viseu / APPACDM																																				
Trabalho figurinista																																				
Trabalho designer gráfico																																				

4. METODOLOGIAS

O animador/artista/criador deve pensar a metodologia que vai seguir na implementação do seu projeto. Há aspetos que deverão estar inerentes à sua ação, como a constante observação do meio no qual desenvolverá o projeto, atualização de conhecimentos teóricos, práticos e técnicos, planeamento de cada ação consoante uma calendarização prévia, capacidade de negociação com a equipa que juntou à sua volta, gestão de recursos, emoções e sensibilidades.

Apesar da tentativa de controlo e planeamento de cada uma das fases do projeto, ainda assim, o animador/criador deverá ter a capacidade de improvisar e ajustar, reajustar e solucionar perante possíveis imprevistos ou obstáculos que surjam na implementação do projeto.

No respeitante ao presente Trabalho de Projeto, essas fases passam por: escolha do tema, revisão da literatura, justificação, formulação do problema, definição de objetivos, escolha da metodologia, recolha de dados e seu tratamento, análise e discussão dos resultados, redação e apresentação do trabalho.

Os métodos de investigação são normalmente divididos em método quantitativo e método qualitativo. O método quantitativo é mais utilizado quando se pretende medir, em estudos descritivos e de relação de causalidade entre as variáveis, normalmente com o objetivo de quantificar a realidade. O método qualitativo prende-se mais com o entendimento de comportamento dos indivíduos, estudo de fenómenos sociais e culturais. Uma vez que este projeto não pretende medir nada, mas sim perceber se o público conseguiu identificar no espetáculo criado, o maravilhoso e porquê, enquadrámos este projeto no método qualitativo. O animador que está a implementar o seu projeto deverá munir-se de registos e ferramentas de avaliação, a melhor forma de validar e justificar o projeto é planejar a utilização de um conjunto de instrumentos de avaliação, que no caso presente consistiram na elaboração de questionários, quer aos que assistiram ao espetáculo, quer aos colaboradores do mesmo.

No referente ao projeto de espetáculo *Polichinelo*, existindo várias frentes de trabalho, foi preciso criar equipa e distribuir tarefas e responsabilidades.

Quadro III – Recursos humanos

Atividades	Recursos Humanos
Dramaturgia, encenação, direção, produção, escolha musical	Mariana Veloso
Assistente de encenação	Marta Santos
Interpretação	Márcia Leite, Paulo Carrilho, Roger Bento, Rui Pêva, Vladimiro Pereira
Desenho de luz	Paulo Neto e Rui Pêva
Vozes Off, gravação e edição	Pedro Duvalle
Figurinos e adereços	Catarina Figueiredo e Daniela Fernandes
Caraterização	Mara Maravilha
Construção de cenários	José Loureiro e Rui Pêva
Design Gráfico	Luís Belo

Para além desta equipa, outras pessoas da comunidade se envolveram no projeto e ajudaram em etapas diferentes da criação e implementação. O quadro acima remete-nos para uma divisão estanque de tarefas, no entanto, salvaguardamos que, este foi um processo de criação partilhado, os vários artistas envolvidos estiveram em brainstorming em alguns momentos ao longo do processo e transitaram de atividade em atividade em ocasiões pontuais, colaborando nelas e discutindo sempre o melhor “caminho” a seguir.

A calendarização foi feita de acordo com a data estabelecida para a estreia. Ou seja, a partir do dia estabelecido para a apresentação do projeto foram programadas reuniões e sessões de trabalho assim como ensaios numa ordem cronológica do futuro até ao presente. À medida que o tempo foi avançando e as várias frentes do projeto também, os ensaios foram tendo intenções diferentes e o espaço de ensaios foi-se completando com os vários elementos que constituem o espetáculo.

ESEV – Escola Superior de Educação de Viseu. Polichinelo foi criado como produção da Zunzum – Associação Cultural, à qual pertencemos como membro artístico e da direção. Assim foi possível gerir o investimento e o orçamento com o apoio da associação, entrando na sua programação anual. Associando o projeto a esta associação encontrámos várias vantagens, para além da que foi referida, também a carteira de contactos e clientes que poderá facilitar a venda do projeto de modo a que se torne rentável para todos os envolvidos.

5. AVALIAÇÃO E INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO

Em *A Avaliação de actividades e projectos de animação* Martinez diz que

Não há olhar, seja para descrever, seja para valorar uma situação concreta, que possa fugir de si próprio, da sua história ou do seu contexto.... É o processo de atribuir valor às nossas acções o que nos permite situá-las e – no mesmo processo – situar-nos no tempo. Uma acção não avaliada, ora se torna intemporal, ora se detém num presente nu e isolado. (Martinez s/d, p. 210)

Por outro lado, a avaliação de um projeto permite-nos ajustá-lo, corrigi-lo, fazê-lo crescer e evoluir. É importante e imprescindível avaliar. Como forma de avaliar o presente projeto foram usados alguns instrumentos como os questionários elaborados para o público e para equipa do projeto, o diário de bordo e o registo vídeo e fotográfico do processo.

Em relação ao método de recolha de dados - o questionário - optámos pelo tipo de questões abertas, em que as pessoas respondem com as suas próprias palavras. Pretende-se saber se o público conseguiu identificar o Maravilhoso/Fantástico/Mágico em cena e que elementos do espetáculo remeteram para esses conceitos? No entanto, as questões nunca foram assim tão diretas, para não influenciar o inquirido. Por exemplo “Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo. Que elementos do espetáculo o remetem para essas palavras?”, e desta forma não induzimos o inquirido a determinado tipo de respostas. O anonimato foi tido em conta com o objetivo de permitir aos inquiridos uma maior liberdade nas respostas. Os resultados dos questionários aos espetadores e aos colaboradores serão analisados no capítulo IV.

Sugere-se para próximas investigações, perceber o impacto que o Maravilhoso tem na população de Viseu. O que é que os conceitos “Maravilhoso, Fantasia, Sonho” representam para as pessoas adultas e de que forma estão presentes nas suas vidas.

Foi igualmente feita uma auto avaliação com base em algumas questões que pretendem avaliar os campos do conhecimento, das emoções e das ações/comportamentos, tais como: Que aprendi sobre mim própria? Que emoções experimentei e porquê? Como conduzi a equipa? O diário de bordo, os vídeos, áudios dos ensaios e as fotografias do processo, tornaram-se uma ferramenta bastante importante para me auxiliar neste momento introspetivo, dando resposta às questões levantadas.

CAPÍTULO III – MEMÓRIA DESCRITIVA

*O caminho é um caminho de crescimento.
Seu caminho, cada um o terá que descobrir por si.
Descobrirá, caminhando.
Contudo, jamais seu caminhar será aleatório.
Cada um parte de dados reais;
apenas o caminho há de lhe ensinar
como os poderá colocar e com eles irá lidar.
Caminhando, saberá.
Andando, o indivíduo configura o seu caminho.
Cria formas dentro de si e em redor de si.
(Ostrower, 2001, p. 76)*

Para uma melhor compreensão dividimos o seguinte capítulo em subcapítulos que representam as várias atividades realizadas ao longo do processo. Apresentamos um resumo do diário de bordo de uma forma mais refletida e organizada.


1. **A ESCRITA DO TEXTO**

1.1. **O PONTO DE PARTIDA**

Depois de alguma pesquisa feita e tendo como objetivo criar um espetáculo teatral no qual o maravilhoso da literatura infantil estivesse presente, deparámo-nos com duas hipóteses, construir um texto de raiz ou partir de uma obra e adaptá-la para texto dramático.

Dentro do Maravilhoso, algumas palavras e imagens deambulavam pelo pensamento e estiveram na base do processo, servindo de inspiração para as várias tentativas de escrita até chegar ao texto final.

Quadro V – Conceitos/fontes de inspiração

O que não é real. Sonho. Seres mágicos. Imaginário.	Magia – Atribuição de características humanas a objectos e atribuição de poderes mágicos a humanos	Viagem para mundos fantásticos	
		<i>Alice no País das Maravilhas, Reinos do Norte, As Crónicas de Nárnia, Avatar.</i>	Figura 2 – <i>Afrkania</i> , Image Theatre, Praga Recurso à luz negra

Apesar de não termos um texto, tínhamos já definidos alguns dos ingredientes que gostávamos que constassem no espetáculo. Mas, ao contrário do que prevemos, isto não facilitou a tarefa. Era necessário organizar estes elementos e criar um enredo que os englobasse de forma natural, sem que a sua introdução parecesse forçada. E assim compreendemos a frustração de um escritor que redige e apaga vezes sem conta o novo texto, neste caso, por estarmos demasiado focados nas viagens para o mundo maravilhoso ou pelas luzes negras ou pelas características mágicas dos personagens e não na criação da história em si, do enredo apelativo, criativo e coerente. Surgiram assim, quadros soltos de texto de difícil encadeamento. (ver anexo)

Depois de alguns devaneios, resolvemos partir para a leitura de contos infantis, por forma a encontrar um enredo já criado e à espera de ser transformado e reescrito.

Surge assim o conto *As Maravilhosas Aventuras de Polichinelo* de Henrique Marques Júnior (1881-1953).

Começou assim o processo de escrita que levou ao texto que hoje é trabalhado pelos atores de *Polichinelo*. Um texto que é posto em cena, nunca está acabado. Uma lição dura que aprendemos. Agradecemos ao Professor Jorge Fraga o precioso acompanhamento nesta primeira etapa – dura, pela inexperiência da aspirante a escritora e suas inseguranças.

1.2. AS MARAVILHOSAS AVENTURAS DE POLICHINELO

O texto original é riquíssimo em elementos cênicos, atores, peripécias. O tempo e os espaços da ação tornam as aventuras ainda mais excitantes, valorizando o pobre Polichinelo – um ser estranho, feio, que nasceu de um ovo mas dentro de um castelo. A quem todos temeram, menos a princesa, acabando por salvá-lo da morte. Polichinelo fica-lhe eternamente grato e passa a ser seu servente. E terá oportunidade de retribuir o gesto à princesa. No meio de imensas peripécias, muitos personagens, desafios e desencontros, a princesa é raptada e Polichinelo é acusado. Parte assim na sua grande aventura – o salvamento da princesa. Pelo caminho, são vários os monstros/situações de perigo que tem que enfrentar, tornando-se aos poucos um herói, mas tais proezas vão acontecendo por sorte e no meio do que inicialmente parecem desastres, ou seja, o humor está sempre bastante presente. Temos um herói bom e simples, terra a terra, mas que nasceu de um ovo e é associado ao mágico Pássaro de Fogo, da História As Mil e Uma Noites. É uma história que envolve mitos (por exemplo do monstro Ciclope), figuras típicas dos contos infantis (piratas, mineiros, sábios, reis, princesas), e até referências a outras histórias (As Mil e Uma Noites, o mito de Ulisses e o ciclope Polifemo...)

Sendo uma narrativa assim tão rica e cheia de possibilidades, sabemos que podíamos escrever imensas peças de teatro, cada uma com perspectivas diferentes, cada uma a partir de elementos diferentes, ideias, palavras, imagens.

1.3. A ESCRITA DE POLICHINELO – EQUILÍBRIO ENTRE ESCRITORA, ENCENADORA E PRODUTORA

A primeira tentativa de escrever o texto partiu com o casal de pastores (o mesmo que começa o conto original), que encontrava no seu galinheiro um ovo grande, enorme, gigante, como nunca antes visto! E tal como acontece no conto, também a nossa adaptação inicial fazia com que a existência daquele ovo fosse descoberta pelo Rei,

indo por isso mesmo, parar ao Palácio onde se reuniam os sábios para discutirem a origem daquele fantástico ovo.

Porém, essas duas páginas de diálogos e didascálias (ver anexo) não foram aproveitadas pelo simples facto de o papel de escritora e de encenadora estarem acumulados na mesma pessoa. A escritora estava contente com as duas páginas de texto, a encenadora estava reticente com a mudança de cenários e do ovo, sendo que talvez não fosse tão importante assim aquela espécie de introdução para justificar logo tanta mudança em palco.

Assim, decidimos começar com o ovo já no Palácio. Depois de uma breve apresentação dos personagens Mordomo e Rei surge, em relação ao ovo, o diálogo:

“Rei – Oh! Mas... (*Boca caída, admiradíssimo*) O que é isto?

Julião – Isto, Sua Alteza Majestade Rei Soberano?

Rei – Algo tão grande?

Julião – Não é um algo! É um ovo, Sua Alteza!

Rei – Então é verdade? É mesmo um ovo gigante! Um ovo como nunca antes visto!”

Percebemos já a existência de duas personagens, o Rei e o Julião – Mordomo Mor do Rei. De imediato, soubemos que alguns personagens eram quase obrigatórios:

- Família real (Rei, Rainha e Princesa) – que representa a família.
- Mordomo/Conselheiro – mor do Rei – que representa a ganância, o mal, o egocentrismo.
- Concelho de sábios – a sabedoria, a magia...
- Polichinelo – o monstro/feio que é bom, mágico também.

Para além destas personagens e do que elas representam, faltava definir quem seria o monstro que raptaria a princesa à ordem do Mordomo e que Polichinelo teria que enfrentar. Na história original é o Cíclope, que Ulisses consegue enganar com a conversa do “Ninguém”, mas não era nossa vontade utilizar esse mito. Aliás, a ideia foi afastar o texto dos mitos e torná-lo mais conto de fadas.

Vários fatores tornaram a escrita um processo lento e doloroso, também pouco livre, mas porque a própria escritora foi encenadora e produtora. (Passamos a utilizar as aspas a partir de agora, sempre que queiramos referir um dos papeis, para não esquecer, que no fundo, são apenas uma pessoa.) Se por um lado isto parece facilitar o processo, uma vez que não há tempo perdido com discussões e tomadas de decisão, nem impasses porque a equipa ainda não chegou a um consenso, por outro, não foi possível viver cada papel isoladamente, as preocupações eram triplicadas assim como

o peso da tomada de decisões e os monólogos que pareciam diálogos – quase sempre internos, precisavam de se fazer ouvir, por forma a consolidar ideias, e a enriquecê-las ou substituí-las. Houve momentos bastante solitários, que nos permitiram crescer, principalmente no que toca à autoconfiança e segurança. Mas que nos permite hoje afirmar que preferimos, sem dúvida, o trabalho de equipa durante este processo criativo. O *brainstorming*, a partilha constante de ideias, soluções, *know-know* e *know-how* de cada elemento de uma equipa.

A uma certa altura, já depois se terem iniciado os ensaios com os atores, surgiu a primeira crise maior. O texto estava já quase terminado quando em discussão com o professor Jorge Fraga ele fez compreender à “encenadora” e “escritora” que o mesmo ator não podia fazer aqueles dois personagens tão distintos, tão opostos (sábio – o bem, mordomo – o mal). Principalmente, quando não fazia parte do resto da encenação, esse código, essa brincadeira, esse jogo de mudança de personagens. De facto, ia parecer forçado, o Roger (intérprete) fazer o papel de mordomo e de sábio, ia-se notar, como é óbvio e poderia fazer o espetador sair da magia, poderia quebrar a envolvência do público na história. E tal só estava inicialmente previsto, porque a “produtora” (que não deixava de ser escritora e encenadora mas que, como qualquer produtora defendia a rentabilidade do projeto) não queria que esta produção tivesse mais do que 4 atores e 2 técnicos. Com esta decisão, a “encenadora/escritora” apresentou os seguintes atores – personagens:

Paulo Carrilho – Rei

Márcia Leite – Princesa Abril

Vladimiro Pereira – Polichinelo

Roger Bento – Mordomo e Sábio – seria o mesmo ator a representar os dois papéis,

Duendes da floresta – vozes gravadas

Dragão – manipulação do objeto pelos atores já referidos.

Felizmente, o professor Jorge Fraga demoveu a produtora e, o “negócio” feito foi, inserir mais um ator que faz ao mesmo tempo papel de técnico em palco. E, assim, a história foi alterada novamente, acrescentando-se uma ator à equipa, que ao mesmo tempo seria técnico (criativo e operador), Rui Pêva.

Se o texto ficou terminado? Não. Nem nunca vai estar. As linhas orientadoras, o enredo, a trama, estão criadas. O texto foi alterado até ao terceiro espetáculo feito, até à data, e será alterado nos próximos a realizar. Está sempre em construção, a ser

melhorado, a crescer a adequar-se aos atores e às personagens que o sentem e transmitem, assim como às reações do público. Ainda assim, quando se sabe quem são os atores que vão desempenhar os papéis que escrevemos, escrevemos para eles, a pensar neles, na forma como o vão dizer, nos tiques que poderão ter... Escreve-se, cria-se a imagem na nossa mente, já com o ator selecionado; de uma imagem florescem milhares delas que se movimentam e o espetáculo vai sendo criado na nossa cabeça, sendo impossível separar a escrita do *mise en scène*, porque somos dotados da capacidade de imaginar e involuntária e automaticamente escrevemos e imaginamos/visualizamos a cena, alheados de tudo o que se passa à nossa volta. Ou será que imaginamos e só depois escrevemos? Das duas formas foi possível.

A partilha do texto foi importante, quer com o professor Jorge Fraga, quer posteriormente com os atores. De certa forma sentimos alívio com a reação dos leitores que manifestaram entusiasmo e motivação para dar corpo e voz ao mesmo.

2. A SELEÇÃO DA EQUIPA

Só depois de iniciado o processo da escrita é que se conseguiu pensar na equipa, tendo em conta o número de atores e os elementos cénicos idealizados. Não houve casting para os atores, porque os convites feitos foram todos aceites. O mesmo aconteceu com a restante equipa, que respondeu afirmativamente aos convites. Grande parte dos elementos já tinha trabalhado connosco através da Zunzum – Associação Cultural, à exceção da estagiária Catarina Ferreira que ficou responsável pela conceção e produção dos figurinos e do ator Vladimiro Pereira, ambos alunos da ESEV – Escola Superior de Educação de Viseu, do curso de Animação Cultural. Apesar das funções atribuídas, os elementos mostraram-se versáteis e bastante empenhados no projeto, os atores auxiliaram na técnica do espetáculo (montagem de cenários, luz e som), assim como na própria construção dos cenários, na pesquisa de músicas para a banda sonora e assistiram a produção, no que diz respeito à aquisição de acessórios e adereços.

Quadro VI – Apresentação da Equipa

<i>Nome</i>	<i>Função desempenhado no projeto</i>	<i>Informações profissionais</i>
Mariana Veloso	Dramaturgia, encenação/direção, produção	Licenciatura em Animação Cultural (3ª edição); Zunzum –AC (gestão, produção, criação artística, atriz); ESEV (docente área Artes e Expressões Criativas)
Márcia Leite	Atriz - Princesa	Mestrado em Animação Artística; Zunzum –AC (gestão, produção, criação artística, atriz); Escola Profissional de Torredeita (docente área Artes e Expressões Criativas).
Paulo Carrilho	Ator – Rei	Enfermeiro; grupo de teatro Viteotónius (direção do grupo e ator); Zunzum -AC (elemento dos órgãos de direção, ator).
Roger Bento	Ator – Mordomo Julião	Licenciatura em Animação Cultural (2ª edição); Mestrado em Animação Artística; Zunzum -AC (elemento dos órgãos de direção, ator); APPACDM.
Rui Pêva	Ator - Sábio, Desenho de luz, Operador técnico (luz e som)	Licenciatura em Animação Cultural (3ª edição); Zunzum –AC (gestão, produção, criação artística, ator).
Vladimiro Pereira	Ator	Estudante do curso Animação Cultural (9ª edição)
Paulo Neto	Desenho de luz	Profissional na ACERT (técnica de espetáculos)
Pedro Duvalle	Gravação e edição das vozes off (duendes e dragão)	Licenciatura em Animação Cultural (1ª edição); Mestrado em Criação Artística Contemporânea, ÂNIMUS (músico, animador, gestor)
Catarina Figueiredo	Figurista (criação e costura)	Estudante do curso Animação Cultural (7ª edição).

Daniela Fernandes	Construção de Cenários e acessórios (dragão).	Licenciatura em Animação Cultural (2ª edição); Zunzum – AC (atriz e figurinista), Animadora em eventos.
Mara Maravilha	Caraterização	ESEV (docente área Artes e Expressões Criativas); Zunzum –AC (elemento fundador, atriz, cenógrafa, figurinista); artista plástica.
José Loureiro	Cenógrafo	ESEV (docente área Artes e Expressões Criativas); Zunzum –AC (cenógrafo); artista plástico.
Marta Santos	Assistente de encenação, ponto	Licenciatura em Animação Cultural (5ª edição); animadora em eventos.
Luís Belo	Design Gráfico	Produção e comunicação de Shortcutz Xpress Viseu; Direção e Edição da Medíocre: Produção e Realização de Musiquim.

Não queremos deixar de referir um elemento demasiado importante em todas as frentes, uma vez que acompanhou e orientou o projeto em todas as suas fases e nas diferentes áreas, o professor e co-orientador Jorge Fraga.

Esta equipa de 15 pessoas partilhou, cresceu, criou, construiu, optou, arriscou e deu origem ao *Polichinelo*. Nenhum dos elementos esteve exclusivamente dedicado ao projeto. Como nos mostra o quadro anterior, cada um dos intervenientes tem a sua ocupação principal (profissional/formação), sendo que nas horas livres, normalmente pós-laborais, era quando nos dedicávamos ao projeto.

3. ENCENAÇÃO E ENSAIOS.

3.1. CRIAÇÃO DO GRUPO E CONSTRUÇÃO DOS PERSONAGENS

“Encenação e Ensaios” representa a etapa que mais tempo de contacto exigiu e um maior número de recursos humanos.

Começou-se por ensaios para criação de grupo uma vez que nem todos os elementos se conheciam entre si. Depois de alguns exercícios de improvisação e confiança, passámos a ensaios de texto. Logo os atores mostraram afinidade com as suas personagens e começámos a trabalhar a construção das mesmas. Carrilho – Rei; Márcia – Princesa Abril; Vladimiro – Polichinelo; Roger – Mordomo e Sábio.

Quadro VII – Características dos personagens

Personagem	Caraterísticas Físicas	Caraterísticas Psicológicas
Rei	Gordo e baixo.	Bobo, confuso, amoroso, bondoso.
Princesa	Menina ágil e bonita.	Esperta, brincalhona, entusiasta, bondosa, corajosa.
Mordomo	Alto, magro, cheio de tiques, maneirista, vertical e direitinho.	Ganancioso, vaidoso, egocêntrico, lambe-botas.
Polichinelo	Magro, corcunda, torto, feio, curvado.	Bondoso, inocente, corajoso, mágico, brincalhão.
Sábio	Alto, jovem.	Misterioso, mágico, culto, sereno, justiceiro

Perante esta caracterização, o primeiro ensaio de todos, começou com um exercício simples de concentração e depois um exercício de apresentação (cada um dizia o nome, animal de estimação preferido, descrição de uma paisagem onde tenham estado que mais os marcou). Seguiu-se o exercício de “casting”. Apesar de sabermos já com quem contávamos e de conhecermos os atores, quisemos perceber o que nos davam, se lhes atribuíssemos uma situação e algumas características físicas e psicológicas. O exercício era simples: um a um deviam entrar na sala, fechar a porta, dirigir-se a uma mesa que estava no centro da sala e arrumar os objetos que se encontravam espalhados pelo chão e em cima da mesa. Foi entregue um papel a cada um com as características já descritas no quadro VII. Os outros atores ficavam a observar, sem terem conhecimento do que estava escrito no papel. Neste primeiro ensaio ainda tínhamos o Roger como sábio e mordomo. Os resultados foram muito ricos, e os comentários dos que ficavam a visualizar o exercício muito importantes. Permitiram-nos melhorar e afinar as características e definir melhor os personagens nas várias fases dos ensaios. Só depois desta primeira sessão é que a história (reescrita) foi contada aos atores (que já tinham tido contacto com o conto de Henrique Marques Júnior), já depois de eles terem “brincado” um pouco com o seu próprio papel. No diário de bordo, a 12 de fevereiro, escrevemos que “Quando convidei os atores, fi-lo já com a ideia do personagem que queria. No entanto, prevejo muito trabalho. Julgo ter à minha frente uma boa equipa. O maior receio é a disponibilidade de cada um. Conseguir cruzar agendas para fazer dois ou três ensaios por semana.”.

3.2. ENSAIOS DE LEITURA, EXPLORAÇÃO DO CORPO E DA VOZ

O texto foi aparecendo, apesar de não concluído e os ensaios seguintes foram de leitura, de experiências vocais (tom, colocação, respiração), e de exercícios de corpo (posturas, tiques, formas de andar, sentar, cair...). Cerca de meia dúzia de ensaios foram dedicados à exploração do corpo e da voz, promovendo o autoconhecimento de cada um, a observação sobre nós próprios e sobre o outro, rumo à construção de um personagem, tendo como base partes do texto da peça de teatro. Alguns problemas foram detetados pela equipa de trabalho: Roger – voz (colocação, dicção); Márcia – falta de confiança (nela e no outro); Vladimiro – voz (projeção), voz e corpo (intenções da ação e do discurso); Carrilho - falta de confiança (nele). Foi importantíssimo detetarmos estas dificuldades, pois conseguimos insistir em cada um dos atores nestes aspetos através de exercícios de confiança, voz e corpo.

3.3. ENSAIOS DE MARCAÇÃO

A versão final do texto chegou muito depois do início dos ensaios, desta forma, os atores demoraram mais tempo que o previsto a memorizar os seus papéis. Apesar de atrasar a fase das marcações, o próprio texto ficou mais rico, pois ia sendo partilhado e melhorado. Perto da conclusão da escrita, percebemos que seria necessário mais um ator para não acumular no Roger a figura do bem e do mal (sábio e mordomo). E assim o Rui Pêva se juntou à equipa, por nosso convite, desempenhando o papel do sábio, e de técnico/operador de som e luz. De alguma forma, sentimos que se tivéssemos tomado esta decisão desde o início, o texto do personagem Sábio poderia ter sido mais explorado, assim como o próprio personagem. Com novo elemento e novo texto iniciaram-se os ensaios de marcação. Um palco, 5 atores entusiasmados e curiosos e uma encenadora insegura mas teimosa. A preparação dos ensaios envolveu imensos desenhos e esboços de movimentações, hipóteses de marcações, jogos e brincadeiras (sempre com a atenção no espetáculo infanto-juvenil). Os primeiros ensaios em si foram verdadeiros laboratórios de experimentações. A primeira e única experiência tida no campo da encenação foi em 2010 no estágio da licenciatura Animação Cultural. Foi uma experiência bem diferente, pois o texto já estava criado “A Cigarra e a Formiga”, de Fernando de Paços e contava apenas com 3 atores. Sentiu-se uma dificuldade acrescida neste projeto, pelo facto de ter 5 atores em palco e em cada cena tornar as suas movimentações equilibradas e não esquecer nenhum deles, ainda que a ação principal estivesse em apenas um ou dois. Este facto aliado à presença dos papéis nas

mãos dos atores correspondeu a um início lento, dando a sensação de pouca evolução, de arrastamento.

Mais uma vez, o professor Fraga teve um papel preponderante neste nosso crescimento. A partir do momento que contámos com a sua presença nos ensaios, houve um crescendo imediato na ação em palco, na nossa confiança e motivação. Para todos, a partilha e a visão de um mestre, tornou o processo muito rico e bastante mais fluido e orgânico. Devo rematar com a seguinte afirmação: em momentos de crise ao longo do projeto, o professor Fraga, como co-orientador, desbloqueou impasses, apresentou soluções e mostrou sempre como nas artes de palco e na vida tudo tem solução, tudo se faz, tudo se consegue. Esta confiança aliada a anos de experiência contagiou os ensaios de energia positiva e motivação.

Em termos práticos, de algumas discussões entre nós surgiram as seguintes constatações, que levaram a aperfeiçoamentos:

- Polichinelo deve ser mais torto, mais maneirista
- Sábio deve ser mais contido, mais sério. Já há muitos “bobos” na peça.
- A escritora não gosta de princesas (a princesa Abril estava imensas vezes “apagada”. Estava em cena mas sem intenções e sem texto.)
- Polichinelo devia ter truques de magia (surgiu o assobio que controla as movimentações do mordomo)
- Sábio devia ser também guarda. Ou seja, uma vez que está sempre em cena, pode brincar com o público e dentro da história, disfarçando-se assumidamente de guarda quando necessário.
- A cena deve ter dois espaços: o interior do castelo (como previsto) e um muro, que delimita o espaço do sábio e das florestas, tão importantes na história.
- O final deve representar o mal a ser vencido. Ou seja, inicialmente a peça acabava com a partida de Polichinelo, depois do Julião fugir do castelo. Mas depois, resolvemos acrescentar a cena em que o mordomo Julião é comido pelo saco do Sábio (crocodilo).

Assim, a dinâmica em palco foi ficando cada vez mais divertida e equilibrada. A partilha, a discussão de ideias e a observação provaram mais uma vez, ser algumas das principais ferramentas do processo criativo.

3.4. ENSAIOS COM CENÁRIOS E FIGURINOS – ENSAIO ABERTO

Os ensaios que se seguiram com cenários e figurinos foram extremamente importantes e mais uma vez, marcações e intenções foram alteradas. O próprio texto

nunca ficou fechado e foram sempre surgindo alterações e melhoramentos. Finalmente imensas marcações de atores e técnicas foram testadas, como por exemplo, a saída do Polichinelo do ovo, as mudanças de cenários que correspondeu às movimentações feitas pelo Roger (Mordomo) com as metades do ovo, e à deslocação das árvores detrás do muro para a frente, as marcações do sábio atrás do muro, e no que respeita às luzes negras, o impacto das árvores e do dragão e a coreografia do dragão, que só foi criada nestes ensaios, já perto da estreia – dia 7 de maio.

No dia 17 de abril fizemos um ensaio aberto. O objetivo deste ensaio foi partilhar o processo com uma comunidade restrita. Foram convidadas algumas pessoas da área artística com o propósito de partilhar com elas o trabalho feito até à data e de ouvir as suas críticas construtivas para fazer crescer o projeto. Este ensaio foi bom em todos os sentidos e para todos. Obrigou a equipa a acelerar em algumas tarefas, e exigiu maior esforço e concentração por parte de todos. Os cenários e os figurinos tiveram um avanço significativo assim como as questões técnicas do espetáculo – desenho de luz e banda sonora. Na verdade, o ensaio aberto só contemplou uma música, mas obrigou-nos a iniciar a pesquisa e a partir desse dia começou a fazer parte dos ensaios. O ensaio aberto e corrido, sem interrupções, permitiu-nos perceber o ponto de situação do espetáculo em todas as suas frentes e de um modo geral. Depois desse dia, ritmos foram trabalhos, figurinos melhorados, cenários afinados e retocados, coreografias e movimentações foram ajustadas e até os adereços. A caracterização não foi feita para este ensaio aberto. Percebemos que o sábio e a princesa precisavam de ganhar mais consistência, como personagens. A música seria um elemento importante, a pintura do muro não estava equilibrada com o restante cenário, e o ritmo do espetáculo precisava de ser trabalhado. Tendo em conta se tratar de um ensaio aberto as críticas foram bastante positivas. As luzes negras surpreenderam todo o público – assim como as árvores e o dragão, o texto recebeu elogios, o ovo que representa a maior parte do cenário, sofrendo alterações ao longo da peça foi também elogiado. De forma geral, o público reagiu muito bem ao ensaio, felicitando-nos e encorajando-nos para os próximos dias de trabalho e de afinações.

Algumas das críticas finais foram tidas em conta por forma a melhorar a qualidade do espetáculo e os ensaios que se seguiram até à estreia foram mais minuciosos em relação a algumas cenas e na fase final foram ensaios corridos para marcar ritmos.

3.5. ENSAIOS TÉCNICOS

O ensaio técnico só se realiza com as condições técnicas previstas e idealizadas presentes. Ora neste caso, era necessário ensaiar num palco com todo o material técnico necessário: mesa de som, mesa de luz, projetores... Assim como com todo o cenário presente e atores, para se proceder a marcações dos atores no espaço, e do cenário no palco.

Antes da estreia, só houveram 3 ensaios de técnica, o que consideramos pouco, principalmente pelo facto do operador estar em palco e ser também ator. Dificultou mais ainda para o ator/operador não termos retorno do som.

No dia 7 de abril o Paulo Neto veio assistir a um ensaio para depois se juntar com o Rui Pêva e criarem o desenho de luz. O primeiro ensaio técnico foi no auditório do IPDJ, local onde estreámos, durante a tarde do dia 14 de abril (segunda feira antes do ensaio aberto). Depois disso só tivemos possibilidade de voltar a usar o mesmo espaço com estas condições técnicas necessárias no dia do ensaio aberto (17 de abril) e no dia da estreia (7 de maio). Confessamos assim, que a parte técnica do espetáculo poderia estar melhor preparada, ou seja, o técnico estar mais à vontade nas entradas e saídas de som e nas marcações de luzes, para o dia da estreia. Foi sim, melhorando nos espetáculos seguintes.

Ao longo de todos os ensaios, o ponto negativo foi a ausência de um espaço fixo de trabalho. Carregar cenários e descarregar e montá-los no espaço cada vez que mudávamos de sítio, foi desgastante e um impasse quanto ao tempo de ensaio.

3.6. ELEMENTOS DO ESPETÁCULO QUE NOS REMETEM PARA O MARAVILHOSO

Apresentamos uma lista de elementos do espetáculo criados propositadamente para nos remeterem para o maravilhoso, fantástico e mágico, nas diferentes áreas envolvidas no espetáculo:

- Homem que nasce de um ovo
- Dimensão do ovo
- Ovo posto pela ave mágica, Pássaro de Fogo
- Ovo que se transforma em trono, púlpito e gruta do dragão.

- Sábio que controla a ação, quando bate com o seu bastão no chão – os restantes personagens (à exceção do Polichinelo) congelam.
- Polichinelo assobia e controla movimentos do mordomo.
- Sábio entra no seu saco e a cabeça dele aparece dois metros acima do chão
- Histórias das florestas mágicas do Polichinelo.
- Sonho do rei com unicórnios com asas.
- Ambiente fluorescente criado com luzes negras
- Árvores bidimensionais de um lado pintadas com tintas fluorescentes com efeitos de cornucópias e do outro pintadas para representar a realidade.
- A existência de um dragão inserido no ambiente de luz negra
- Partida do Polichinelo para outro reino, dentro do ovo.
- Mordomo comido pelo saco do sábio afirmando que vê um crocodilo.

4. FIGURINOS, ADEREÇOS E CARATERIZAÇÃO

4.1 – VESTIR OS ATORES

Partindo de vários esboços iniciais com a Catarina (ver anexos), depressa concluímos o tipo de linguagem a utilizar para os figurinos. Inicialmente as propostas apresentadas eram em muito parecidas às figuras Disney, principalmente no caso da Princesa, mas rapidamente conseguimos distanciar-nos desse universo.

Depois dos esboços aprovados, partimos para a escolha dos tecidos e a fase da confeção. Foram várias as provas feitas e as adaptações, privilegiando sempre o conforto do ator e tendo em conta a sua movimentação em palco. Uma vez que o espetáculo usa da tecnologia da luz negra, o mais difícil foi a escolha de materiais que reagissem e que não fugissem da linha do espetáculo. O figurino do Polichinelo foi, desta forma, o mais exigente, na medida em que teria que reagir à luz negra e teria que ter deformações.

Tendo em conta as características físicas e psicológicas dos personagens, a Catarina apresentou um bom trabalho e a escolha dos padrões dos tecidos foi ao encontro do que era pretendido. Assim, o mordomo ficou “esticadinho”, usando tecidos de riscas verticais e roupas justinhas. O Rei ficou ainda mais gordinho, graças aos cortes

indicados nos tecidos para acentuar a barriga e mais baixinho devido ao comprimento usado nas vestes. Polichinelo ficou deformado com a aplicação de esponja no fato que, ainda reagiu à luz negra, uma vez que usámos duas camadas de tecido, uma branca por baixo e um tecido fino e transparente por cima do branco. A Princesa ficou menininha, mas foram necessários vários ajustes principalmente no corpete. Ao sábio foi conferido um ar mais sóbrio pelo uso de tecidos crus e pela forma de túnica comprida adotada. Inicialmente os tecidos escolhidos para o sábio não corresponderam ao pretendido, uma vez que eram finos e brilhantes. Mas depois conseguimos o aspeto “eremita” com a aquisição dos tecidos indicados. As últimas costuras foram nas túnicas pretas e os gorros de cabeça que os atores vestem aquando da cena da luz negra.

As principais alterações feitas aos esboços finais apresentados prenderam-se com a adequação do figurino aos movimentos a realizar pelos personagens.

4.2 – CRIAR O DRAGÃO E OS ADEREÇOS

Começámos por criar o dragão sem a Daniela. Depois de alguns esboços, definimos o comprimento e a forma do dragão e de que forma iria ser manipulado pelos atores. Comprámos os tecidos e as tintas que iriam reagir à luz negra. Tecido branco, tintas verde e azul para criar padrão com o método de pintura *dripping*. As tintas disponíveis para reagir à luz negra não eram muitas nem de fácil aquisição. Tivemos que nos deslocar a Lisboa e contactar com empresas que utilizam materiais fluorescentes e organizam eventos com luzes negras para estudar melhor esta tecnologia e os materiais reagentes. Assim, as cores adquiridas (as únicas que havia) podiam ser divididas em cores quentes e frias. Como pretendemos criar no ambiente mágico dois momentos: dos duendes bons da floresta e do maléfico dragão, decidimos atribuir ao dragão as cores frias e às árvores as cores quentes. A cabeça foi cedida pelo Roger, um objeto já criado por ele, em esponja que poderíamos alterar para corresponder ao aspeto pretendido. Devido à falta de tempo, achámos melhor incluir alguém na equipa que se ocupasse do dragão e que pudesse também auxiliar na restante construção de cenários, principalmente nas árvores. Desta forma, a Daniela foi convidada e ficou responsável pela imagem criada para o momento da luz negra (construção do dragão e pintura das árvores), segundo algumas indicações dadas. Ao estilo do dragão chinês, os atores para manipularem o dragão colocavam-se debaixo dele, ficando um a segurar e manipular a cabeça e dois distribuídos ao longo do corpo, onde em pontos concretos se encontravam, no interior do tecido, duas meias bolas feitas com a técnica de papel maché e presas ao próprio tecido para ficarem seguras. (ver anexos)

Quanto aos restantes adereços, a maior parte foi adquirida ou já possuíamos: ramo de flores artificial, plantas medicinais artificiais, banco e livros.

Foram construídos o saco do mágico, a almofada do trono e a folha de discurso.

O saco foi idealizado para que pudesse esticar até dois metros de altura. Assim com tecido e 3 aros do jogo hula-hula o efeito foi criado. A almofada foi costurada pela Catarina e a folha do discurso foi feita pela Márcia. Foi feita com um pedaço de pano-cru mergulhado numa mistura de cola branca e água. Depois deixámos secar e pintámos com tinta preta uns rabiscos a imitar letras. Desta forma ficou mais rijo e resistente, permitindo a sua utilização em vários espetáculos.

4.3 – CARATERIZAR

Nas últimas semanas antes da estreia, a pessoa convidada para fazer a caracterização, Mara, foi assistir a alguns ensaios, para perceber o espetáculo e a linguagem estética do conjunto dos elementos cénicos. Assim, no dia 3 de maio passámos a tarde a maquilhar e pentear os atores, fazendo alguns testes em cada um deles. A Princesa e o Sábio foram os mais fáceis, levando apenas uma base branca, risco nos olhos e a Princesa levou ainda sombra nos olhos e batom e no cabelo duas tranças. No Rei foram feitas algumas experiências com o cabelo, com o objetivo de lhe conferir um ar ainda mais ridículo/engraçado. Ficou lambido e brilhante com risco ao meio. Cara pálida, bochechas rosadas, batom nos lábios e risco nos olhos. Fizemos ainda uma coroa muito pequenina que quando colocada na cabeça dele causava risada geral pela desproporcionalidade em relação ao resto da cabeça e do próprio corpo. Quanto ao Mordomo, aproveitámos o cabelo do Roger para o enrolar com rolos, a pintura facial deu-lhe ainda mais expressividade, especialmente com o bigode e três unhas de cada mão foram pintadas de preto, tendo em conta a postura e movimento de braços e mãos que o mordomo faz. O Polichinelo foi mais uma vez, o elemento mais difícil de caracterizar, pelo facto de ter que se ver a sua cara aquando do momento de luz negra. Em conjunto com a Mara fizemos várias tentativas e testes... O problema era: a pintura ser discreta para não ficar desapropriada na luz normal do espetáculo mas ser forte no momento de reagir à luz negra. Um equilíbrio nada fácil de se conseguir. Nos três espetáculos Polichinelo foi com sombra nos olhos e batom nos lábios e o cabelo a pele (braços, mãos, pernas e pés) pintados de verde. A cara nunca ficou devidamente visível à luz negra, por isso surgiu a ideia de criar uma máscara – meia máscara – que o ator utiliza do início ao fim do espetáculo, resolvendo o problema em questão e até

conferindo feições mais bizarras. Será a solução para os próximos espetáculos a realizar.

5. CENOGRAFIA

O momento inicial da construção da cenografia girou à volta da peça central – o ovo. Quando falámos com o cenógrafo, Zé Luís, explicámos logo a importância desta peça. Alguns requisitos foram pedidos, como a resistência, o tamanho e a versatilidade. O ovo devia conseguir ter um ator lá dentro, ser desmontável em duas partes iguais, com um corte na vertical, para que desmontado deixasse de ser ovo e fosse dois troncos (que representavam o interior do castelo), e também púlpito (na altura do discurso), gruta do dragão e rocha. O ator devia ainda conseguir nascer do ovo, ou seja a parte de cima teria também que levar um corte na horizontal para se desmontar. Tendo isto em conta, assim se selecionaram os materiais. Foram várias as fases de construção e as pessoas envolvidas. O líder foi o Zé Luís, mas o Rui Pêva esteve quase sempre presente. O Roger ainda colaborou assim como elementos da comunidade Escola Superior de Educação de Viseu, um dos locais onde o ovo foi trabalhado.

- ESTRUTURA EM VERGUINHA

Esta fase foi feita na Oficina do Zé Ferreiro em Castro Daire. Foram feitos os devidos cálculos da altura, diâmetro e espaçamento entre cada uma das verguinhas (moldadas na forma de circunferência). O projeto do ovo foi idealizado numa placa de madeira, onde desenhámos a estrutura com as medidas reais.

Começámos pelas 11 circunferências horizontais (medir, cortar, curvar/moldar e soldar), depois unindo as circunferências entre si com verguinhas mais pequenas (num total de cerca de 200 peças), soldadas na vertical. Não sobreposemos a verguinha, porque a face do ovo deveria ficar o mais lisinha possível, ou seja, já a partir da estrutura, as arestas e uniões deviam ficar limadas, regulares e sem sobreposições. Entretanto foi feita a estrutura da base para mantermos o ovo em pé, igualmente com verguinha. Depois foram soldadas às verguinhas umas barras de ferro com as formas dos cortes que ovo viria a ter para ser possível desmontar e tornar a montar em cena, ou seja, criámos superfícies de contacto, como forma de encaixe, para as partes que seriam separadas e juntas novamente. Foram depois feitos os cortes devidos e o ovo ficou desmontável. Sentimos uma alegria e um prazer enorme naquele objeto inacabado, mas já com a sua forma de ovo. (ver anexos)

Acabada a estrutura passámos para o revestimento.

- REVESTIMENTO COM RESINA E MANTA DE ROWING

Pensamos que esta foi a fase mais arriscada, porque envolveu materiais com os quais não estávamos tão à vontade. O Zé Luís previa que as coisas reagissem de determinada forma pelo conhecimento que tinha, mas a experiência dele era baseada em objetos mais pequenos que já tinha construído com resina e manta de *rowing*. Mas como sempre confiámos nele e no seu trabalho, seguimos em frente. Permitam-me a expressão “bate sempre certo”, tão usada por ele. Começámos por revestir o ovo com rede de capoeira. Depois com plasticina preenchemos os espaços que havia entre as uniões onde as várias partes do ovo se encaixavam, para não correremos o risco de entrar para lá resina. Entretanto foram soldadas as rodas na base do ovo, pois ele teria que ser facilmente deslocado em palco.

Passámos então para o revestimento. O procedimento foi o seguinte: Cortar vários pedaços de manta de Rowing (em diferentes tamanhos consoante as camadas, nas últimas eram pedaços maiores), verter uma mistura de resina com catalisador por cima do tecido, embebê-lo bem e aplicar na rede de capoeira – a primeira camada – e depois por cima das camadas anteriores. Esticar a manta para ficar com o mínimo de rugas possíveis e deixar secar. No dia seguinte, o procedimento repetia-se, mas antes políamos o ovo para remover arestas já enrijecidas que não eram mais que os próprios fios de tecido que se desprendiam da manta ou às vezes bolhas de ar que ficavam entre as camadas. Foram vários dias a repetir o processo até ficar com uma espessura considerável, o que lhe conferiu maior resistência mas também um aspeto mais arredondado.

Nesta fase houve alguns momentos de desânimo, por ser uma fase lenta (devido ao tempo de secagem das camadas), repetitiva e pela falta que o ovo começava a fazer nos ensaios. Sentimos no Zé Luís também alguma preocupação porque o ovo não estava a ficar com o aspeto liso como era pretendido. Mas nas últimas camadas, com os pedaços maiores de manta o efeito foi conseguido! Quando percebemos que não era necessário aplicar mais manta e resina sentimos algum alívio e uma nova onda de motivação.

Foram novamente feitos os cortes, desta vez na resina e na manta. Para os cortes saírem no sítio certo guiámo-nos pela plasticina que era castanha (as camadas de tecido tinham um aspeto esbranquiçado mas com alguma transparência) e ocupava os espaços vazios, de encaixe da estrutura de ferro, como explicado anteriormente. (ver anexos)

- TRONOS (INTERIOR DO OVO)

Os tronos foram fáceis de construir. Em cada uma das metades foi soldada na parte inferior ovo, um tubo quadrado de ferro onde assentaram as placas de madeira que serviam de assento. Esses pedaços de madeira foram revestidos com tecido, uma imitação de veludo vermelho. Antes de agrafar o tecido à madeira foram cortados dois pedaços de esponja com a forma do assento para torná-lo mais confortável e atribuir-lhe um aspeto mais rico/nobre. Para tapar a estrutura de ferro que se via por dentro do ovo foi usada novamente a esponja que pintámos de azul e colámos à estrutura com silicone. Mas antes, ainda pintámos uns botões de dourado e cosemos à esponja, assim criámos um padrão e enriquecemos o objeto. (ver anexos)

- PINTURA E ACABAMENTOS

A pintura do exterior do ovo foi feita antes da preparação dos tronos. A maior dificuldade foi acertar com a cor. Houve imensas discussões e partilha de opiniões em relação à escolha. Optámos pelo verde água, mas na realidade não gostámos do resultado. A decisão de mudar de cor foi tomada quando depois de construirmos os tronos a combinação de cores – azul, vermelho e dourado mais verde – nos pareceu desequilibrada. O ovo ainda foi para palco desta forma – para um ensaio – mas assim que voltou aos ateliers foi pintado de branco pérola.

Terminámos a construção do objeto com a pintura das arestas de encaixe de cor dourada e da colocação do sisal na base do ovo, para lhe darmos o aspeto de ninho. (ver anexos)

Esta foi a peça mais complicada e demorada na sua construção. Representou também a aprendizagem de novas técnicas e o conhecimento de novos materiais de construção de cenários. As várias etapas foram acompanhadas por nós, o que exigiu bastantes horas de contacto. Na mesma semana tínhamos horas de ensaio, de trabalho cenográfico e de produção (marcação de ensaios, compra de materiais, acompanhamento da figurinista, reserva de espaços de ensaio, contacto com possíveis apoios ao projeto...). Tudo isto em horário pós laboral para todos os elementos. Houve várias alturas de cansaço em que a emoção venceu a razão, mas rapidamente eram ultrapassadas quando nos lembrávamos da linda e competente equipa que tínhamos connosco e do esforço e dedicação que cada um dava para que o projeto fosse bem-sucedido.

- ÁRVORES

As árvores eram um elemento importante do cenário. No entanto a sua construção foi acompanhada de muita angústia. Duas coisas eram certas: estariam em

palco desde o início ao fim do espetáculo e eram deslocadas mais para a frente de cena aquando do momento da floresta mágica (luzes negras). Neste momento elas representavam os seres mágicos da floresta, com auxílio da entrada da voz *off* e do texto proferido.

Depois de alguma pesquisa feita e de muitas observações às árvores por onde passávamos no dia a dia partimos para um primeiro projeto. Os troncos e os ramos eram tubos de pvc com diferentes diâmetros. Conseguimos unir os ramos aos troncos através de ligações de ferro. No entanto a pintura não foi fácil, nem o transporte nem a deslocação em palco. Adaptámos a ideia, passando a ter os ramos em arame revestidos com umas espirais de plástico, mas esteticamente não resultou, pela desproporcionalidade. Com algum tempo já investido, sem tempo, sem ideias, e com vontade de avançar chegou o cansaço.

Decidimos que não poderíamos dedicar mais tempo às árvores e chamámos o Rui Pêva para solucionar o problema, o que aconteceu de facto. Depois de algum *brainstorming* com a Mara começámos a ver as árvores a ganhar forma. O Rui sabia bem o que era pretendido com este objeto cenográfico, que fosse diferente em dois ambientes diferentes (Luz normal e Luz negra), fácil de deslocar em palco e de transportar. Assim apostou na bidimensionalidade com placas de mdf. Escolhemos imagens de árvores que nos agradaram e imprimimos em papel de acetato. Projetámos com o tamanho que queríamos numa parede e desenhámos as formas nas placas de mdf. Com um tico tico cortámos a madeira. Depois, novamente com auxílio do Zé Luís criámos a estrutura das árvores, o que permitiu um sistema de encaixe (sendo possível separar o a base, do tronco, da copa) e uma base com rodas. De um lado foram pintadas em tons verdes, castanhos, preto e branco – o lado real – pela Mara. E do outro lado levou uma base preta e depois foi pintado com tintas fluorescentes com o padrão de cornucópias e pontilhados – o lado mágico – pela Daniela com algumas sugestões da Mara.

Concluimos com este processo que é importante formar equipa e distribuir responsabilidades e tarefas. Não devemos tentar fazer tudo sozinhos.

- MURO

Se inicialmente só estavam previstos os dois elementos cenográficos anteriores (ovo e árvores), surgiu depois a necessidade de um muro que resolveria a divisão do cenário (interior/castelo – exterior/floresta) e o espaço do técnico/ator, Rui Pêva, uma sugestão do professor Fraga. Assim, graças ao apoio da empresa *Por Medida*, o muro foi feito num final de tarde, em madeira, não sobrecarregando o projeto financeiramente

e poupando tempo à equipa. Foram colocadas rodas para a deslocação ser mais fácil. A pintura foi também alterada, inicialmente pintámos com cor de tijolo, mas com as restantes alterações ao resto do cenário, decidimos pintar o muro com o branco pérola do ovo, e depois pintar partes das árvores (troncos, copas) no seguimento das próprias árvores que ficavam por trás do muro. Ideia que partiu da Mara e que executámos, cada vez mais orgulhosos com o conjunto dos elementos, com a cenografia.

6. BANDA SONORA

A banda sonora do espetáculo contemplou efeitos sonoros, música e voz *off*.

Quanto aos efeitos sonoros foi fácil conseguir o que era pretendido: som de trompetes para entrada da realeza e sons de floresta (pássaros, vento, água). O som das trompetes para quando a Princesa chega ao palácio, depois de salva e, o som da floresta para o momento das árvores e dos seres mágicos que ajudam Polichinelo.

A seleção musical exigiu mais tempo e foi pedida ajuda ao músico André Cardoso. No entanto pela falta de tempo, a seleção não ficou a cargo dele, mas aconselhou-nos em relação a alguns estilos, autores e músicas. Pretendíamos usar a técnica do *leitmotiv* (o uso de um tema que se repete para cada personagem ou assunto). Assim, cada personagem teria a sua música. O que acontece com quase todas elas, mas resolvemos usar o mesmo tema para a Princesa e o Polichinelo, não dividindo, neste caso, por personagem, mas sim por assunto (relação de amizade entre a bela e o feio).

Assim apresentamos no quadro abaixo os temas seleccionados para cada uma das personagens/assuntos.

Quadro VIII – Seleção musical

Rei	G. Tartini – <i>Concerto A Sua Eccellenza Lunardo Venier</i>
Mordomo Julião (mal)	Stravinsky – <i>The Firebird</i>
Sábio (magia)	Joaquin Rodrigo - <i>Concierto serenata for harp & orchestra</i>
Princesa e Polichinelo (amizade)	Joaquin Rodrigo - <i>Fantasía para un gentilhombre, for guitar & orchestra</i>
Floresta Mágica	Stravinsky – <i>The Firebird</i>
Dragão	Camille Saint-Saëns - <i>Danse Macabre</i>
Dança Dragão e Polichinelo	Joaquin Rodrigo - <i>Concierto madrigal for 2 guitars & orchestra</i>

Depois da seleção feita, seguiu-se a edição dos temas, que envolveu cortes nas músicas e sobreposição de sons e músicas.

Finalmente, em relação às vozes do dragão e dos duendes/seres mágicos da floresta, pedimos ajuda ao Pedro Duvalle, que gentilmente nos cedeu o estúdio e ainda interpretou a voz de alguns duendes e do dragão.

Duendes – 3 vozes sobrepostas (Mariana Veloso e Pedro Duvalle)

Dragão – 1 voz (Pedro Duvalle)

Depois da gravação o Pedro editou os áudios adicionando alguns efeitos tornando-os mais mágicos.

Ainda assim, foi necessário tornar a mexer na voz do dragão, pois as opiniões refletiam que o dragão devia ser mais maléfico. No último espetáculo, o Roger acabou por fazer a voz dele, mas ainda é um ponto a refletir por nós, uma decisão não tomada.

7. DESIGN GRÁFICO – IMAGEM DO PROJETO

Com a necessidade de comunicar o projeto vem logo a importância de se criar uma imagem. Desta forma reunimos com o Luís Belo, que depressa captou a história e o conceito e o traduziu numa imagem pintada à mão com marcadores. Depois de alguns esboços criados para o cartaz, decidimos rapidamente qual o melhor (apesar de serem todos bons e indicados). O aspeto e a técnica utilizada remetem-nos logo para o universo infantil. Assim, criou o cartaz, o *flyer*, a folha de sala, a *newsletter*, os *banners* para colocar no site e no evento do *facebook*. (ver anexos)

8. COMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO

Depois do material gráfico pronto, foi criado um evento no facebook, foi enviada uma newsletter por correio eletrónico, afixaram-se cartazes e espalharam-se flyers pela cidade. Alguns convites foram entregues em mão, às entidades que apoiaram o projeto e alguns amigos e familiares de cada um dos elementos da equipa. A divulgação terá sido bem feita, uma vez que a sala esteve cheia no dia da estreia. O mesmo aconteceu no Festival i, e no Festival de Teatro Jovem de Viseu.

9. APRESENTAÇÃO DO ESPETÁCULO – ESTREIA.

Este foi um dia de muita ansiedade por parte de toda a equipa. A manhã foi para montagem do cenário e técnica. Durante a tarde ainda se fez um ensaio geral, que não correu nada bem, mas resolvemos não insistir. Os nervos e a ansiedade conseguem

realmente atrapalhar em certas ocasiões. A seguir ao ensaio geral, os atores foram relaxar e concentrar-se até chegar a hora da caracterização. E quanto mais se aproximava a hora do espetáculo, mais o estômago se encolhia. Infelizmente houve também algum mau ambiente com o técnico do auditório do IPDJ durante a tarde, o que só piorou os nervos da encenadora/diretora. Que supostamente deveria ser a mais calma para conseguir transmitir serenidade e confiança à equipa, mas tal não aconteceu. Foi difícil evitar o stress, mas se conseguirmos controlar o pensamento e desviá-lo para o que realmente importa, superamos os possíveis problemas com coisas insignificantes. Assim aconteceu e a nossa preocupação foi canalizada para os elementos da equipa, para os atores que iam para palco e deviam estar confiantes e com pensamento positivo para que tudo corresse bem.

O espetáculo iniciou-se e sentimos um grande misto de emoções: orgulho, prazer, medo, alívio, amor, entrega... a atenção deambulava entre o palco e o público, sempre na expectativa.

A reação do público foi bastante satisfatória e no final conseguimos conversar com alguns elementos que nos fizeram críticas construtivas, essencialmente ao ritmo do espetáculo, à execução técnica e à manipulação do dragão.

O espetáculo que se seguiu, dia 18 de maio, em Águeda, foi inserido na programação do Festival i, organizado pela d'Orfeu. O auditório Ana Paula Silva tem um palco bastante mais pequeno que o auditório do IPDJ, então houve necessidade de reduzir o cenário, optámos por excluir uma árvore e tivemos que rever as marcações. Assim durante a manhã os atores reconheceram o espaço e adequaram algumas movimentações. Aconteceu vermos público em Águeda que já tinha visto o espetáculo em Viseu, na estreia. As críticas por parte da organização foram positivas. Os “bonecos” criados são muito engraçados. O cenário interessante. Mais uma vez, apontaram o ritmo do espetáculo como um ponto a melhorar.

Com as várias críticas a remeterem para o ritmo do espetáculo (tanto no primeiro como no segundo) resolvemos rever em pensamento todo o espetáculo. Com o auxílio da memória em relação às reações dos espetadores durante peça, percebemos que havia partes do texto que não acrescentavam nada à história e faziam cair o ritmo, uma vez que também não eram acompanhadas de movimentos muito dinâmicos. Resolvemos assim, alterar novamente o texto, removendo alguns diálogos, como por exemplo a parte em que o Rei conversa com o Polichinelo sobre o bem que foi ele ter aparecido e o bem que ele tem feito à Princesa. Ainda assim, antes do terceiro espetáculo em Viseu combinámos com os atores assistirmos ao vídeo da gravação do

primeiro espetáculo para que cada um de nós refletisse em vários aspetos: ritmo, texto, voz, corpo. Cada um dos atores depois de se ver discutiu connosco o que poderia melhorar ou manter.

Em Viseu, o terceiro espetáculo, inserido no Festival de Teatro Jovem, organizado pela Câmara Municipal de Viseu, dia 23 de maio, foi o que correu melhor. Tanto pelo ritmo, como pela técnica, como pelo à vontade e confiança dos atores que se mostraram mais brincalhões e viveram mais os papéis de cada um.

Nos três espetáculos realizados as salas encheram. Também no segundo realizado em Viseu, houve público que foi assistir a segunda vez, o que traduz a boa aceitação do espetáculo por parte do público.

CAPÍTULO IV - *RECOLHA DE DADOS E SUA ANÁLISE*

1. AUTO-AVALIAÇÃO

O resultado final do projeto foi ao encontro do que nos tínhamos proposto. Propusemo-nos criar, gerir e produzir um espetáculo teatral que fizesse ressaltar o maravilhoso, a magia e a fantasia e o conjunto de técnicas e tecnologias utilizadas surtiram o efeito desejado. A sinergia das várias áreas de intervenção na criação do espetáculo foi importante para a obtenção deste resultado, a nosso ver, bastante positivo.

Na qualidade de líder de uma equipa, sentimos que fomos assertivos na comunicação, pois desde início estava bem claro na nossa mente o que pretendíamos, responsáveis no cumprimento de horários e prazos, mas tolerantes e compreensivos quanto ao tempo dispensado por cada elemento para o projeto. Fomentámos desde o início a partilha de ideias e opiniões, motivando os participantes e criando o sentido de pertença e envolvimento nas várias fases do projeto. A paixão, vontade e iniciativa transmitidas geravam constantemente uma atitude positiva o que ajudou a solucionar os problemas que foram aparecendo. O facto de termos que estar presentes em todas as frentes gerou por vezes um cansaço extremo, sentimos que devíamos ter delegado ainda mais tarefas e funções. Não lidámos muito bem com a constante pressão e necessidade de tomadas de decisão devido à falta de tempo para reflexão e análise. Ainda assim, não nos arrependemos de nenhuma das decisões tomadas. Devemos confiar mais na nossa intuição, uma das aprendizagens deste processo. A confiança depositada e demonstrada por nós, em cada um dos intervenientes perante os desafios colocados, aumentou o nível de exigência e o empenho nas várias tarefas desenvolvidas.

Aos níveis profissional e de formação, aprendemos muito, uma das vantagens de estar a acompanhar as várias frentes. A criatividade foi estimulada, a transformação foi constante, os vários processos criativos nunca estavam fechados e foram sempre discutidos, permitindo-nos crescer e aprender. Sentimos que fomos ambiciosos, porque nos propusemos a fazer coisas que nunca antes tínhamos feito: escrever uma peça de teatro, trabalhar o maravilhoso em palco, trabalhar em palco com luzes negras, são alguns exemplos de riscos tomados, enfrentados e vencidos; transformados em conhecimentos que nos serão uteis no futuro.

Ao nível pessoal aprendemos a controlar mais as emoções, ganhámos autoconfiança e tornámos mais parte da nossa vida o maravilhoso. Aprendemos que está nas nossas mãos embelezar o nosso dia-a-dia e contagiar os outros, recorrendo à imaginação e à fantasia.

2. HETERO-AVALIAÇÃO

Foram elaborados dois questionários diferentes.

O primeiro foi entregue na noite do espetáculo realizado em Viseu a quase todo o público que estava presente na sala. Não conseguimos entregar às 200 pessoas presentes, mas sim a 170, e foram devolvidos 87 preenchidos.

O segundo questionário foi enviado via email para os 13 elementos que fizeram parte da equipa de trabalho.

2.1. QUESTIONÁRIO AO PÚBLICO

Com este questionário pretendemos que o público caracterizasse e definisse o espetáculo que tinha visto. Dadas as condições para o preenchimento, não pôde ser um questionário longo, ainda mais, porque optámos pelo estilo de pergunta de resposta aberta. Tendo em conta as várias idades presentes no público, na análise das respostas, dividimos os questionários em 4 grupos:

Quadro IX – Divisão dos questionários em grupos

Grupos	Intervalo de idades	Nº de respostas
Grupo 1	5 – 17	30
Grupo 2	18 – 59	44
Grupo 3	60 -75	8
Grupo 4	Não referido	5

Iremos analisar os questionários segundo esta formação de grupos, para ser de mais fácil leitura. Como vimos a idades dos espetadores variou entre os 5 e os 75 anos. A linguagem dos questionários pretendeu-se simples por este mesmo motivo, todos deveriam perceber e poder dar o seu contributo, independentemente do grau de escolaridade, de terem ou não conhecimentos teóricos ou práticos na área.

Quadro X – Perguntas do questionário entregue ao público

Nº de pergunta	Questão	Objetivos
1.	“Defina, usando uma ou duas palavras, o	Pretende-se com esta pergunta que o espetador defina o espetáculo, tendo em conta as emoções mais fortes que experienciou.

	que foi para si o espetáculo.”	Compreender se os adjetivos utilizados nos remetem para o tema em questão: fantasia, mágico, maravilhoso, fantástico, entre outros...
1.1	“Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavra(s)?”	Esta pergunta serve de apoio à primeira. Pretende que o espetador justifique com elementos concretos da ação os adjetivos escolhidos anteriormente. Desta forma conseguimos perceber melhor o porquê dos adjetivos escolhidos.
2	“Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?”	Pretendemos com esta questão, que o espetador defina o momento que mais gostou. Desta forma conseguimos perceber se coincide com alguma das técnicas utilizadas para criar o maravilhoso/a fantasia em cena.

2.1.1. TRATAMENTO DOS QUESTIONÁRIOS DO GRUPO 1

Dentro do Grupo 1 (idades entre os 5 e os 17) contámos com um total de 30 questionários preenchidos. Depois de lidas as respostas à pergunta nº 1, organizámos todos os adjetivos utilizados, por categorias:

Categoria A: Fixe, giro, ótimo, muito bom, interessante, incrível, magnífico, emocionante e espetacular.

Categoria B: Divertido, engraçado, comédia

Categoria C: Maravilhoso, mágico, criatividade, fantástico, fenomenal.

Categoria D: Solidariedade

Categoria E: Não respondeu adequadamente

Quadro XI – 1ª Pergunta, grupo 1 (5 aos 17 anos)

1. Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.	
Categoria	N. de respostas
A	18
B	10
C	8
D	1
E	4

Em primeiro lugar, concluímos que não foi utilizado nenhum adjetivo depreciativo.

A maior parte dos indivíduos utilizou adjetivos da categoria A para definir o espetáculo. Compreendemos que são os mais imediatos e utilizados tendo em conta a faixa etária, principalmente os “fixe”, “giro”, “muito bom” e “ótimo”. A seguir vem a categoria B, com maior número de respostas, que nos remete para o género teatral – comédia. Ainda assim obtivemos 8 respostas dentro da categoria C, que correspondem a idades de 8, 9, 10 e 11 anos e que comprovam que o espetáculo nos transporta para o “maravilhoso”, o “mágico”, a “criatividade”, o “fantástico” e o “fenomenal”.

Houve ainda alguém que referiu a solidariedade, portanto, a história/o enredo terá sido o que mais marcou.

Quadro XII – 2ª Pergunta, grupo 1 (5 aos 17 anos)

1.1. Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavra(s)?				
Categoria A	Categoria B	Categoria C	Categoria D	Categoria E
- Tudo	- Figura do Julião	- Polichinelo	- Ovo e Princesa	- Princesa e Polichinelo
- Tudo	- Julião, Sábio e Polichinelo	- Polichinelo		- Representaram muito bem e aprendi que a diferença não significa que sejam más e as pessoas podem ser feias por fora mas bonitas por dentro.
- Princesa	- Julião, Rei e Sábio	- Dragão, ovo e pássaro		
- Figura do Julião	- Quando Polichinelo saiu do ovo	- Quando Polichinelo saiu do ovo		
- Polichinelo	- Quando o dragão apareceu e desafiou o Polichinelo.	- Quando o dragão apareceu e desafiou o Polichinelo		
- Julião	- Julião	- Julião, Polichinelo e o Sábio Ambrósio		- A história em si é bonita e todas as personagens têm um pouco de graça. A decoração 'tá linda.
- Polichinelo e tudo o resto	- Toda a interacção	- O ovo e a Princesa		- Todos, porém o Julião e o Polichinelo sobressaíram.

- Polichinelo	que tiveram com o público e a diversão que foi transmitida.	- Polichinelo e Julião		
- Personagens e história	- As personagens divertidas, o cenário, o ovo e a própria história.			
- O ovo ser várias coisas e o Polichinelo	- Polichinelo e Julião			
- Polichinelo e Princesa.	- Polichinelo. A beleza da história.			
- Toda a interacção que tiveram com o público e a diversão que foi transmitida.				
- As personagens divertidas, o cenário, o ovo e a própria história.				
- Polichinelo e Julião				
- A constituição e o corpo do espetáculo esteve muito divertido				

Através das respostas dadas podemos concluir que as razões da escolha dos adjetivos que caracterizam o espetáculo se dividem entre os personagens, algumas cenas em específico, como por exemplo, o nascimento de Polichinelo, o confronto do dragão e do Polichinelo e a própria história, ou seja o texto. As respostas dadas para a categoria C, a mais importante para o estudo, remetem-nos para o “Polichinelo”, “o dragão, o ovo e o pássaro”, “o Sábio Ambrósio”, “Polichinelo e Julião”, “o ovo e a princesa”, “quando Polichinelo saiu do ovo”, “quando dragão apareceu e desafiou o Polichinelo”. Todas estas respostas coincidem com elementos de magia do espetáculo.

Mesmo assim, nas respostas às outras categorias também foram apontados momentos ou personagens que representam a magia e a fantasia.

Quadro XIII – 3ª Pergunta, grupo 1 (5 aos 17 anos)

2. Qual foi o momento que mais o marcou/que mais gostou?	
Tipo de respostas	Nº respostas
Nascimento do Polichinelo	4
Ambiente luzes negras (dragão, floresta, dança)	12
Nascimento do Polichinelo e luzes negras	3
Ilegível	1
Outras: - “Princesa” - “A parte em que o Polichinelo chamou o Julião de mamã.” - “O final (mas o espetáculo todo também foi fixe).” - “Foi quando a Princesa defendeu o Polichinelo que não tinha sido ele a meter as flores no púlpito” - “Foi quando o Polichinelo salvou a Princesa” - “Quando o Polichinelo fazia aquele som e controlava o concelheiro mor” (Julião)	

Depois de analisadas as respostas, percebemos que os momentos mais marcantes eram repetidos por vários indivíduos. Assim, organizámo-los como se vê no quadro anterior, para facilitarmos a leitura.

De facto esta última questão mostrou-se importante para o estudo em questão. Neste grupo (5 aos 17 anos), a maioria dos momentos indicados remetem-nos para o maravilhoso e a fantasia.

2.1.2. TRATAMENTO DOS QUESTIONÁRIOS DO GRUPO 2

Dentro do Grupo 2 (idades entre os 18 e os 59) contámos com um total de 44 questionários. Depois de lidas as respostas à pergunta nº 1, organizámos todos os adjetivos utilizados, por categorias:

Categoria A: Excelente, emoção, muito bom, interessante, espetacular, incrível, inesquecível, agradável.

Categoria B: Divertido, engraçado.

Categoria C: Fantástico, maravilhoso, magia, imaginativo, diferente, criatividade, fantasia, surpreendente, único, Disney, infantil

Categoria D: Didático

Categoria E: Movimento, interativo.

Quadro XIV – 1ª Pergunta, grupo 2 (18 aos 59 anos)

1. Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.	
Categoria	N. de respostas
A	17
B	19
C	23
D	1
E	3

Mais uma vez, notámos que não foram utilizados adjetivos depreciativos, portanto a avaliação geral do espetáculo é positiva.

Neste grupo, houve um maior número de indivíduos que utilizaram adjetivos que inserimos na categoria C, e que qualificaram o espetáculo como maravilhoso, mágico, imaginativo, diferente, criativo, fantasioso, surpreendente, único, “disney” e infantil.

A seguir vem a categoria B, que nos remete para o género teatral, a comédia, com os adjetivos “divertido” e “engraçado”. E depois a categoria A. Houve ainda quem definisse o espetáculo com didático (categoria D) e interativo (categoria E).

Quadro XV – 2ª Pergunta, grupo 2 (18 aos 59 anos)

1.1. Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavra(s)?				
Categoria A	Categoria B	Categoria C	Categoria D	Categoria E
- A caracterização dos personagens, a criatividade do texto, excelência dos atores. Os ótimos momentos que conseguiram proporcionar tornaram-no, sem dúvida, espantoso.	- Personagens divertidos. A história que nos mostra que a aparência não é importante.	- A caracterização dos personagens, a criatividade do texto, excelência dos atores. Os ótimos momentos que conseguiram proporcionar tornaram-no, sem dúvida, espantoso.	- Personagens divertidas. A história que nos mostra que a aparência não é importante.	- Todo o trabalho de luminotecnia. Especificamente a parte do dragão e do Polichinelo.
- Ovo gigante e a amizade entre o Polichinelo e a Princesa.	- Cenário e caracterização.	- Ovo gigante e a amizade entre o Polichinelo e a Princesa.		- Ritmo e interação com plateia.
- Julião, Polichinelo, Rei e Princesa.	- Conteúdo da história e aspeto dos personagens, especialmente a coroa do Rei.	- Cenário e caracterização.		
- Conteúdo da história e aspeto dos personagens, especialmente a coroa do Rei.	- Julião	- As personagens.		
- Rei	- Caracterização excelente dos personagens. O texto e a constante interação com o público.	- As personagens que nos transportam para o imaginário. Ótimas representações.		
- A moral, as personagens tipo como Julião.	- Julião.	- Luzes, música e cenários.		
- Capacidade de representação dos personagens. Foram todos demais...	Personagens. Falas dos personagens, atitudes e movimentos cómicos.	- Gostei muito do cenário em si, bem como a representação e história. Foi um momento muito agradável.		

- Sentido de humor.	- Desempenho do Julião	- Luz e cor.		
- A história.	- Discurso entre o Rei e o Julião.	- Polichinelo, a beleza da história.		
- Todos	- Polichinelo, a beleza da história.	- Todo o trabalho de luminotecnia. Especificamente parte do dragão e Polichinelo.		
- Julião e o cenário da luta como dragão.	- Sentido de humor.	- Cenário muito criativo e bonito. Ajudou bastante para um mundo cheio de fantasia. Personagens desempenharam um papel muito competente.		
- Ritmo e interacção com a plateia.	- Cenário muito criativo e bonito. Ajudou bastante para um mundo cheio de fantasia. Personagens desempenharam um papel muito competente.	- Todos os personagens, sem exceção.		
- Cenário, história e as representações dos atores.	- Todos personagens, sem exceção.	- Desempenho dos personagens. A caracterização que estava esplêndido. A cenografia simples que trouxe o "Fantástico" da imaginação para a realidade.		
- Tudo. Os artistas estavam fantásticos (o mordomo era muito engraçado).	- Desempenho dos personagens. A caracterização que estava esplêndido. A cenografia simples que trouxe o "Fantástico" da imaginação para a realidade.	- Cenário simples, texto de fácil compreensão. Adereços e vestuário adequado. Personagens maravilhosas. História do mundo ilusório, de monstros, sábios, "coisas diferentes".		

- Tudo. Especiais o Julião e o Polichinelo.	- Julião e Rei soberano.	- História diferente e original.		
- Todos.	- As cenas em si são muito engraçadas e divertidas. O cenário é fantástico porque é o mesmo, mas consegue mudar tanto para cada cena.	- As cenas em si são muito engraçadas e divertidas. O cenário é fantástico porque é o mesmo, mas consegue mudar tanto para cada cena.		
- Os personagens, o cenário e a história.	- Julião, Polichinelo e o Sábio Ambrósio.	- Cenário, história e as representações dos atores.		
		- Música, cenário e personagens.		
		Tudo. Os artistas estavam fantásticos (o mordomo era muito engraçado).		
		Tudo. Especiais o Julião e o Polichinelo.		
		- Todos.		
		- História e figurinos.		
		- Polichinelo, criatividade e o profissionalismo.		
		- Julião, Polichinelo e o Sábio Ambrósio.		

Este quadro contém respostas que confirmam que os objetivos a que nos propusemos foram alcançados. Alguns exemplos mais concretos: “Cenário muito criativo e bonito. Ajudou bastante para um mundo cheio de fantasia.”, “Todo o trabalho de luminotecnia. Especificamente parte do dragão e Polichinelo”, entre outros... São referidos os atores, o texto, o cenário, a luz, a banda sonora e algumas cenas, como elementos que nos remetem para a fantasia, magia e o imaginário.

Quadro XVI – 3ª Pergunta, grupo 2 (18 aos 59 anos)

2. Qual foi o momento que mais o marcou/que mais gostou?	
Tipo de respostas	Nº respostas
Nascimento do Polichinelo	7
Ambiente luzes negras (dragão, floresta, dança)	13
Tudo	14
Ilegível	1
Outras: - “A forma como a mensagem chegou ao público e o fez rir” - “O respeito pela diferença dos outros «Todos diferentes, todos iguais»” - “Desaparecimento da Princesa” - “Quando o Julião estava com o Rei” - “A vingança” - “O salvamento da Princesa Abril, escapando às armações do malvado Julião” - “Julião comido pelo crocodilo” - “Gostei do que nos ensina. O bem prevalece.” - “A caracterização dos personagens.” - “Mudança rápida do cenário.” - “O final feliz.” - “A maldade e intriga de Julião e o seu castigo.” - “A entrada do Rei.” - “Julião foi espetacular.”	

Analisando este quadro, percebemos que a maioria dos inquiridos gostou de tudo no espetáculo, ainda assim, logo a seguir, é mais vezes referido o ambiente de luzes negras, e a seguir o momento do nascimento de Polichinelo.

2.1.3. TRATAMENTO DOS QUESTIONÁRIOS DO GRUPO 3

Dentro do Grupo 3 (idades entre os 60 e os 75) contamos com 8 questionários preenchidos. Depois de lidas as respostas à pergunta nº 1, organizámos os adjetivos utilizados, por categorias:

Categoria A: Interessante, bonito, muito bom.

Categoria B: Divertido

Quadro XVII – 1ª Pergunta, grupo 3 (60 aos 75 anos)

1. Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.	
Categoria	N. de respostas
A	7
B	2

Quadro XVIII – 2ª Pergunta, grupo 3 (60 aos 75 anos)

1.1. Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavra(s)?	
Categoria A	Categoria B
- “Soluções podem surgir de onde menos se espera, até mesmo dentro de um ovo. Excelente caracterização, coreografia e encenação.”	- “Tudo em geral.”
- “Tudo em geral.”	- Julião e o Rei. Todas as atitudes dos atores.
- “Todas as personagens.”	
- “Todos.”	
- “Tudo.”	
- “O desempenho dos personagens.”	

Houve um indivíduo que não respondeu a esta pergunta.

Quadro XIX – 3ª Pergunta, grupo 3 (60 aos 75 anos)

2. Qual foi o momento que mais o marcou/que mais gostou?
Respostas
- “A vitória do Polichinelo sobre o dragão com uma simples dança”
- “Gostei muito de todo o espetáculo”
- “O rapto da princesa”
- “Quando o Polichinelo salvou a Princesa.”
- “Gostei de todo o espetáculo.”
- “Gostei de tudo e todos eram divertidos e dignos da nossa atenção.”
- “Todo o espetáculo.”
- “Todos.”

Este grupo representa a faixa etária mais idosa. As respostas foram mais sucintas e generalistas. Mas tudo o que foi escrito foi muito positivo em relação à qualidade do espetáculo.

2.1.4. TRATAMENTO DOS QUESTIONÁRIOS GRUPO 4

Houve um total de 5 questionários que não preencheram o campo “idade”. Apresentaremos os resultados de forma mais sucinta, uma vez que as respostas são muito generalistas e em 2 casos, só foi preenchida uma resposta. As respostas dadas à primeira questão, para definir o espetáculo foram “muito fixe”, “fantástico” e “um momento bem passado”. Quanto à segunda questão (Que elementos o remetem para essas palavras?), as respostas passam por “foi divertido”, “Teatro muito bonito”, “os atores” e “humor”. Finalmente, na última questão (Qual foi o momento que mais gostou),

continuamos com respostas bastante generalistas, “Tudo”, “de tudo um pouco”, “Tudo muito bom”, e “toda a peça”.

2.2. TRATAMENTO DOS QUESTIONÁRIOS – EQUIPA DO PROJETO

Os questionários elaborados para a equipa de trabalho são a ferramenta escolhida para avaliar a liderança do projeto nas suas várias áreas de intervenção. Ao mesmo tempo ajudam-nos a perceber o que correu bem ou menos bem e qual a visão de cada um dos elementos sobre o que se pretendia transmitir com o projeto e se foi conseguido ou não.

Desta forma, optámos por pedir aos elementos que identificassem as suas funções dentro do projeto, apesar de comprometer a confidencialidade do questionário, seria a única forma de avaliar o processo nas várias áreas de atuação.

Dos 13 questionários enviados por email, recebemos um total de 9 respostas.

Apresentamos de seguida as questões elaboradas.

Quadro XX – Perguntas do questionário entregue à equipa de trabalho

Nº de pergunta	Questão	Objetivos
1	Qual o seu papel na criação de Polichinelo?	Identificar a função do elemento para podermos avaliar, de seguida, a orientação e as dificuldades sentidas em cada uma das áreas envolvidas no projeto
1.1	O que mais o motivou a participar no projeto?	Perceber se a temática (Maravilhoso) aliada a área artística em causa (teatro) foram devidamente transmitidas e se cativaram os elementos aquando do convite para integrar a equipa.
1.2 1.2.1	Dentro da sua função: O que correu bem? O que correu mal?	Confirmar que ao longo do processo conseguimos detetar as dificuldades e tentar solucionar eventuais problemas em cada uma das áreas envolvidas na criação do espetáculo.
1.2 1.2.2	Dentro da sua função: Como caracteriza/classifica a orientação/direção que lhe foi dada?	Identificar as características de liderança da autora do projeto.

2	Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.	Compreender se os adjetivos utilizados nos remetem para a temática do presente trabalho: fantasia, mágico, maravilhoso, fantástico, entre outros...
2.1	Tendo acompanhado o processo e/ou assistido ao espetáculo, na sua opinião, qual é a principal mensagem/partilha que a autora pretendeu transmitir.	Perceber se a nossa comunicação foi assertiva, se a orientação dada foi clara e se durante o processo ou a apresentação do produto a mensagem foi transmitida com sucesso.
2.2	Que elementos do espetáculo tiveram impacto na transmissão dessa mensagem/partilha?	Identificar os elementos que tornaram eficaz a transmissão da mensagem/tema.
3	Qual foi o momento que mais o marcou ao longo de todo o processo?	Identificar o momento mais marcante/especial/emotivo/forte do processo para cada um dos intervenientes.
3.1	Qual foi o momento que mais o marcou no espetáculo?	Identificar o momento mais marcante/especial/emotivo/forte do espetáculo para cada um dos intervenientes.

Quadro XXI – Pergunta 1

1. Qual o seu papel na criação de Polichinelo?
Apoio na cenografia e figurinos; Polichinelo; Sábio, técnico, apoio na cenografia e produção; Colaboradora da encenadora durante os ensaios; Ator nas personagens do Mordomo e cabeça do dragão; Rei; Apoio técnico à montagem da luz e som do espetáculo, desenho de luz do espetáculo; Caraterização; Sonoplastia de algumas falas e efeitos.

Pelas respostas dadas conseguimos avaliar daqui para a frente, o processo em quase todas as áreas artísticas e técnicas envolvidas no projeto. Não aparecem contemplados o designer gráfico, a figurinista, um dos atores e o cenógrafo. Ainda assim, está representado o trabalho de atores, da técnica (criação e operação de som e luz), caraterização, assistência de encenação, apoio à cenografia, figurinos e adereços.

Quadro XXII – Pergunta 1.1

1.1. O que mais o motivou a participar no projeto?
<p>De uma forma resumida as respostas contemplam:</p> <p>- O desafio, o conceito do projeto, a paixão pelo teatro e a oportunidade de troca de experiências e conhecimentos, a história, o elenco, a equipa.</p> <p>Citamos algumas das respostas:</p> <p>“A firme certeza e confiança que este seria um projeto aliciante e maravilhoso. Mal fiquei a conhecer a sua essencia fiquei maravilhada e sabia que não podia perder esta oportunidade de ver o polichinelo crescer.”</p> <p>“... a história, o elenco e o desafio de corresponder ao imaginativo da encenadora.”</p> <p>“A possibilidade de colaborar com um grupo de pessoas motivadas e apaixonadas pelo teatro, num projecto de mestrado que pretende ser uma troca de conhecimentos e experiências que permitam a todos os intervenientes crescer na sua relação com o teatro e ao espetáculo ser uma soma de contributos, em que toda a gente se sente motivada, respeitada e feliz...”</p> <p>“O desafio inerente ao projecto...”</p> <p>“O conceito do projeto.”</p>

Quadro XXIII – Pergunta 1.2.1

1.2.1. Dentro da sua função: O que correu bem? O que correu mal?		
Função	Aspetos Positivos	Aspetos Negativos
Apoio cenografia, figurinos	“Correu tudo bem”	“Pouco tempo para a criação do dragão”
Ator Polichinelo	“Interação com os outros elementos da equipa – todos muito trabalhadores”	“Entender as características do personagem, como interpretá-lo?”
Ator Sábio, apoio à produção e cenografia, técnico de luz e som no espetáculo	“O desenho de luz, as soluções na construção do cenário, a camaradagem com o restante elenco”	“A separação das funções entre técnico e ator tornou-se difícil de alcançar.”
Assistência de Encenação	“Tudo correu bem. Bom acolhimento por parte da equipa”	“Não ter conseguido estar presente em todos os ensaios”
Ator Mordomo	“Conseguir deixar de ser o ator e construir o boneco Mordomo; possibilidade de	“Dificuldade em memorizar a parte inicial do texto, falta de um único

	dar opiniões e a partilha entre todos”	local para trabalhar sempre que necessário.”
Ator Rei	“Entrega total e dedicação ao projeto”	“Algum pequeno atrito provocado pelo cansaço, prontamente sanado e resolvido, sem qualquer tipo de consequências.”
Apoio Técnico; Desenho de luz	“A relação com o grupo de trabalho e a encenadora/directora”	“Pouco tempo para a montagem técnica do espetáculo e para experimentar o desenho de luz por falta de disponibilidade do espaço o que dificultou um pouco o trabalho, mas felizmente conseguimos superar o problema.”
Caraterização	A dinâmica criada entre a equipa de trabalho (comunicação). A versatilidade e transformação/ crescimento da personalidade dos atores (adequação à caracterização-sintonia).	“(Mal, a melhorar) adequação dos materiais de caraterização, mais rápidos e funcionais; melhor resultado com a luz negra.”
Sonoplastia	“Não houve nada que corresse mal. Talvez alguns ajustes de volumes e efeitos sonoros que foram sendo corrigidos”	---

Depois de analisadas as respostas, que estão apresentadas de forma sucinta no quadro anterior, com as ideias principais, concluímos que houve frontalidade e transparência na relação com os intervenientes, pois os pontos menos positivos foram sendo discutidos durante o processo e alguns deles trabalhados e resolvidos. Não encontramos solução para a questão do espaço com condições disponível para todos os ensaios. Sendo que, como referido ao longo da memória descritiva, foi necessário transportar todo o material várias vezes para os diferentes espaços de ensaio e nem todos eles tinham as condições técnicas necessárias ao espetáculo. Quanto à caraterização as soluções estão apontadas para espetáculos futuros. E as dificuldades apontadas pelos atores foram discutidas, trabalhadas e superadas.

É nas dificuldades que nos conhecemos e evoluímos enquanto equipa, que fazemos crescer o espetáculo que vai ganhando maturidade e qualidade.

Quadro XXIV – Pergunta 1.2.2

1.2.1. Dentro da sua função: Como caracteriza/classifica a orientação/direção que lhe foi dada?	
Função	Classificação da Orientação/Direção
Apoio cenografia, figurinos	“Boa, determinada, as ideias já estavam concebidas quando entrei no projecto foi só seguir as orientações e apoiar em qualquer área que fosse preciso.”
Ator Polichinelo	“Foi um processo muito interessante pois a orientação que recebíamos era moldada segundo o progresso do projecto, ou seja foi um processo experimental e a orientação que recebemos foi-se moldando de acordo com o que era necessário para a peça.”
Ator Sábio, apoio à produção e cenografia, técnico de luz e som no espetáculo	“Eficaz. Aberta. Positiva.”
Assistência de Encenação	“A Mariana é extremamente responsável e sabe muito bem o que quer. Para mim foi muito fácil entender a sua orientação e o que pretendia da minha parte, pois quando se é precisa e objectiva é tudo muito mais fácil”
Ator Mordomo	“Uma direcção de cena com a certeza do que queria, objectiva nas orientações, assertiva nas decisões e cuidadosa nos horários a cumprir e na divulgação dos mesmos.”
Ator Rei	“A orientação/direção de Mariana Veloso foi idónea, de alguém que sabia muito bem o que queria, responsável e bem disposta, mantendo todo o grupo unido”
Apoio Técnico; Desenho de luz	“Boa (...) e no caso da iluminação foi bastante fácil encontrar soluções que servissem bem o espetáculo e agradassem á encenação/direcção e aos actores intervenientes no espetáculo...”
Caraterização	“Coerente, acertiva [sic], confiante e experimental”
Sonoplastia	“Boa”

Da análise às respostas dadas, concluímos que o tipo de orientação e direção foi eficaz e eficiente, transparecendo ainda assim o seu carácter experimental. Esta última característica poderá estar ligada à “abertura” também referenciada, uma vez que mesmo tendo bem definidos a temática e o resultado estético pretendido, os processos e técnicas foram sempre discutidos e debatidos por forma a enriquecermos o espetáculo

mas também a experiência artística de cada um dos intervenientes que foi estimulado a participar no processo criativo.

Quadro XXV – Pergunta 2

2. Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.	
Função	Definição do espetáculo
Apoio cenografia, figurinos	“...divertido, animado. Coerente com a linha de emoções desde ofício até ao fim.”
Ator Polichinelo	“Mágico e Motivante”
Ator Sábio, apoio à produção e cenografia, técnico de luz e som no espetáculo	“Deslumbrante e divertido”
Assistência de Encenação	“Extremamente criativo”
Ator Mordomo	“Magia Encantada...ou Fantabulástico!!”
Ator Rei	“Impecável. Fantástico. Maravilhoso”
Apoio Técnico; Desenho de luz	“Uma experiência bastante gratificante.”
Caraterização	“Magia e Surpresa”
Sonoplastia	“5 estrelas”

A maior parte das respostas remete para o caráter mágico, da fantasia e do maravilhoso.

Quadro XXVI – Pergunta 2.1

2.1 Tendo acompanhado o processo e/ou assistido ao espetáculo, na sua opinião, qual é a principal mensagem/partilha que a autora pretendeu transmitir.	
Função	Identificação da Mensagem
Apoio cenografia, figurinos	“Que somos todos iguais independentemente das diferenças quer físicas ou psicológicas que possam existir. Os contos vão evoluindo ao longo dos anos, embora tenham mensagens iguais o que importa é usar a imaginação e ser se o mais criativo possível para que a mensagem seja entendida e que nunca se desista de a transmitir de geração em geração.”
Ator Polichinelo	“Que o amor e a amizade podem vencer qualquer obstáculo.”
Ator Sábio, apoio à produção e cenografia, técnico de luz e som no espetáculo	“a) Entrar num universo do "maravilhoso" dando asas à imaginação e b) a beleza e a bondade está no interior, não nas características físicas”

Assistência de Encenação	“Que a mentira tem perna curta e que não devemos julgar os outros pela sua aparência. E acima de tudo é muito bom sonhar.”
Ator Mordomo	“O bem prevalece sempre sobre o mal....ou quem pratica o bem é sempre recompensado...e os mundos da fantasia são para todas as idades.”
Ator Rei	“Atitude. Valentia. Coragem. Amizade entre todos.”
Apoio Técnico; Desenho de luz	“Um Grande amor e respeito pelo Teatro, pelos outros mesmo que diferentes... este espetáculo é sobre respeito, sobre sermos todos diferentes mas mesmo assim podemos ser de facto especiais... é também sobre o mal que afinal nem sempre leva a melhor... FELIZMENTE”
Caraterização	“O teatro 'renova-se' e evolui a cada instante-uma mensagem de amor, fantasia e energia”
Sonoplastia	Não respondeu.

Pela análise das respostas dadas concluímos que as mensagens identificadas pela equipa refletem o argumento (texto) na identificação da diferença, do bem vencer o mal, da mentira, da amizade, do amor e da fantasia... E também as escolhas técnicas e estéticas aplicadas no espetáculo que nos remetem também para a fantasia, o sonho e o maravilhoso.

Quadro XXVII – Pergunta 2.2

2.2 Que elementos do espetáculo tiveram impacto na transmissão dessa mensagem/partilha?	
Função	Elementos do espetáculo
Apoio cenografia, figurinos	“O polichinelo representa sem dúvida a inocência e a simplicidade. É a personagem com mais impacto, embora o conselheiro mor (a personagem má, o maquiavélico) tenha de existir para que personalidade do Polichinelo seja revelada.”
Ator Polichinelo	“O facto do polichinelo ter conseguido vencer o dragão e salvar a princesa.”
Ator Sábio, apoio à produção e cenografia, técnico de luz e som no espetáculo	“O equilíbrio entre o texto e os recursos cénicos.”

Assistência de Encenação	“Toda a magia que envolvia o polichinelo, o seu aspecto físico e todas as mentiras e malícias do Julião.”
Ator Mordomo	“Todos. A ligação entre eles tem muita força. O enredo da história, cenografia, guarda roupa, sonoplastia, desenho de luz...”
Ator Rei	“As reacções e emoções das personagens. A construção do cenário. A história bem contada.”
Apoio Técnico; Desenho de luz	“É difícil responder.... Acho que todos os elementos do espetáculo contribuíram para a forma mágica como a história é contada, como a dramaturgia, a cenografia, a luz e os figurinos nos fazem mergulhar num reino de fantasia mas ao mesmo tempo nos fazem refletir sobre o nosso dia a dia e como uma história que podia ser só infantil é afinal uma historia para todos e com a qual só podemos/devemos aprender... acho que a dramaturgia e a direcção do espetáculo estão bem conseguidos.”
Caraterização	“A técnica e o argumento”
Sonoplastia	Não respondeu.

Todos os elementos do espetáculo são referidos como responsáveis na transmissão das mensagens apontadas no quadro XXVI. Aliás, concordamos que o diálogo entre os vários elementos (dramaturgia, interpretação, cenografia, técnica, caraterização, figurinos, adereços, banda sonora) foi bem conseguido e de forma equilibrada vai despoletando e sensibilizando o público para as principais mensagens identificadas.

Quadro XXVIII – Pergunta 3

3. Qual foi o momento que mais o marcou ao longo de todo o processo?	
Função	Momento marcante ao longo do processo
Apoio cenografia, figurinos	“O momento que mais me marcou não foi nenhum em específico, foi todo o processo. Sentir que podia ser uma ajuda, e poder continuar a desenvolver trabalho na minha área de formação com uma equipa fantástica, competente e profissional, é sem dúvida um orgulho.”

Ator Polichinelo	“O que mais me marcou foi no final de cada espetáculo as crianças e espectadores em geral querem falar, tirar fotos, etc., com as personagens.”
Ator Sábio, apoio à produção e cenografia, técnico de luz e som no espetáculo	“A construção do cenário.”
Assistência de Encenação	“Ver a evolução fantástica de todos ao longo dos vários ensaios. A Mariana arriscava como encenadora, experimentava coisas novas e era lindo ver como os actores correspondiam afirmativamente e como resultavam tão bem. “
Ator Mordomo	“A capacidade, visão e vontade da encenadora colocar em palco uma criação que lhe estava na cabeça.”
Ator Rei	“Todo o processo evolutivo da construção da personagem.”
Apoio Técnico; Desenho de luz	“A estreia do espetáculo, apesar dos muitos nervos e alguns medos foi um momento mágico pois toda a gente conseguiu dar o seu melhor e fazer daquele momento um momento mágico carregado de boas energias...e de uma mensagem importante...”
Caraterização	“A descoberta diária das personagens-ator”
Sonoplastia	“O poder fazer parte de algo que, com muito esforço, se revelou uma excelente demonstração de um trabalho final de qualidade ao nível de muitas produções com mais recursos financeiros.”

A maior parte das respostas remete para o processo e para a evolução do projeto nas suas várias valências. O que se compreende tendo em conta que os inquiridos representam a equipa de trabalho envolvida. Ainda assim há também quem refira o momento da estreia no qual, na nossa opinião, e como que “magicamente”, tudo encaixa e flui de uma forma inédita para quem acompanhou todo o processo.

Quadro XXIX – Pergunta 3.1

3.1 Qual foi o momento que mais o marcou no espetáculo?	
Função	Momento marcante ao longo do espetáculo
Apoio cenografia, figurinos	“A estreia, pois sentiu-se um grande alívio, e uma sensação de missão cumprida. Foi igualmente importante ver a sala cheia e maravilhada com o espetáculo. As crianças reagiram muito bem, a todas as personagens”
Ator Polichinelo	“Foi quando a princesa se reencontrou com o seu pai e o Julião foi desmascarado”
Ator Sábio, apoio à produção e cenografia, técnico de luz e som no espetáculo	“As "ilusões" criadas pelos atores e cenário e o nascimento do Polichinelo”
Assistência de Encenação	“Assistir ao incrível profissionalismo de todos os actores em cima do palco, ver a sala de espetáculos cheia, ouvir as várias gargalhadas do público mais novo e ouvir também os muitos aplausos de todos é realmente uma sensação maravilhosa de encher o coração de alegria.”
Ator Mordomo	“São tantos, mas ficam estes três...Abertura do ovo, a luz negra nas arvores e o aparecimento do dragão.”
Ator Rei	“Abertura do ovo gigante e saída do Polichinelo. Efeitos especiais da luz negra na floresta mágica e o Dragão.”
Apoio Técnico; Desenho de luz	“A forma mágica como a história é contada faz-nos rir, acreditar em reinos especiais e na fantasia, ao mesmo tempo faz-nos torcer para que o mal não leve a melhor... Quando no final o conselheiro mor (o mau) acaba dentro do saco do Mago (bom) acreditamos que o bem pode e deve vencer o mal.... nesta história e não só... “
Caraterização	“Transição para a floresta”
Sonoplastia	“Assumo que o espetáculo me marcou no seu todo, não existindo uma situação específica.”

Mais uma vez, os momentos identificados como mais marcantes ao longo do espetáculo refletem na sua maioria a magia, ilusão, fantasia, os efeitos das luzes negras na transição para a floresta e no dragão e a abertura do ovo.

3. REFLEXÃO

Graças aos instrumentos de avaliação e recolha de dados e sua análise, conseguimos validar os objetivos traçados no trabalho. Segundo as várias análises feitas aos questionários (hétero avaliação) e ao diário de bordo, gravações e fotografias (auto avaliação), podemos concluir que: foi criado um espetáculo teatral que se adequa a todo o público em geral (infantil e adulto). O Maravilhoso, o Fantástico e a magia foram identificados na peça teatral e são postos em cena pela sinergia das várias áreas artísticas que integram o espetáculo. Foi criado um novo texto teatral com as características pretendidas para exploração da temática em causa. A equipa de trabalho foi bem orientada e graças ao carácter experimental do processo, o enriquecimento individual foi um ponto bastante positivo. A importância do sonho, da fantasia e da imaginação foram detetadas pelo público que conseguiu identificar estes elementos no espetáculo e, submergiu para o reino da fantasia numa partilha maravilhosa de emoções.

Ainda graças à avaliação do projeto, conseguimos detetar os pontos mais frágeis ao longo do processo, principalmente pela análise aos questionários da equipa de trabalho. O que nos dá oportunidade de crescer enquanto artistas, criadores, gestores e produtores de um projeto de animação artística. É, sem dúvida valioso ouvir os colegas, mestres, artistas, refletir acerca do processo e do produto, apontar as dificuldades ou os problemas, estimular a discussão para o encontro de soluções, e por fim tomar decisões e apontar caminhos, para a evolução do trabalho.

Como conclusão, a nível mais pessoal, sentimos que foi nas dificuldades que mais aprendemos e evoluímos quer profissionalmente quer enquanto ser humano nas diferentes dimensões social, cultural, afetiva e emocional.

CAPÍTULO V - Conclusões e Reflexão Crítica

Uma pedra lançada a um charco suscita ondas concêntricas que se expandem pela superfície, envolvendo no seu movimento, a distâncias diferentes e com diferentes efeitos, o nenúfar e a cana, o barquinho de papel e a bóia do pescador. Objetos que estavam muito bem onde estavam, na sua paz e no seu sono, são como que chamados à vida, obrigados a reagir, e a entrarem em relações entre si. Outros movimentos invisíveis propagam-se em profundidade, em todas as direções, enquanto a pedra se precipita, deslocando as algas, assustando os peixes, causando sempre novas agitações moleculares. Quando por fim toca o fundo, remexe o lodo, bate os objetos que aí jaziam esquecidos, alguns dos quais são assim desenterrados, enquanto outros por sua vez ficam cobertos de areia. (Rodari, 1993, p.18)

1. O PROJETO POLICHINELO E A ANIMAÇÃO ARTÍSTICA

O projeto Polichinelo, sendo um projeto artístico, trouxe os seus contributos para a animação artística, na medida em que provocou numa comunidade de artistas e espetadores, movimento, formação, reflexão, transformação, partilha...

Encaramos a animação artística como uma área de trabalho cujas principais ferramentas são a cultura e as artes. Ora, o animador artístico é o agente inserido numa determinada cultura que cria, dirige, atua, produz ou programa com e/ou para a comunidade, utilizando essas ferramentas.

Polichinelo assume-se como um projeto de criação artística para a comunidade.

Criar para a comunidade, representou, para nós, uma necessidade urgente de comunicar, transmitir uma mensagem. “O que comunicar” surgiu, como referido em capítulos anteriores, de uma análise introspetiva, de emoções sentidas e vivenciadas e da observação feita à realidade da comunidade onde nos inserimos. Depois de alguma revisão de literatura percebemos que outros autores refletem sobre a problemática em questão e avançámos para a elaboração do projeto. No entanto, e sendo que a “imaginação criativa nasce do interesse, do entusiasmo de um indivíduo pelas possibilidades maiores de certas matérias ou certas realidades e provém da sua capacidade de se relacionar com elas” (Ostrower, 2001, p. 39), cada ação criativa é única, logo a forma como transmitimos a mensagem contribuiu para a animação artística com um novo texto dramático e um novo espetáculo teatral, únicos, uma vez que, aquilo que somos é fruto de uma interação complexa entre a hereditariedade e o meio ambiente ou as influências externas. Desta forma, muitos outros criadores poderiam partir da mesma questão problema levantada por nós, da mesma obra de Henrique Marques Júnior, ainda assim, o resultado final seria diferente. Não queremos com isto dizer que somos pioneiros em alguma matéria ou que inventámos algo de novo, muito pelo contrário. As técnicas e tecnologias usadas por nós para criar ou transformar a realidade já há muito foram inventadas. A unicidade da nossa ação reside naquilo que somos geneticamente, aliado a um conjunto de vivências que nos faz escolher, organizar, ordenar, configurar, estruturar e reestruturar toda a informação e a realidade que nos circundam. Esta dupla que nos define esteve várias vezes implícita neste processo criativo: a leitura da obra e seleção da informação a reescrever, a imaginação para criar novas cenas e diálogos, conceção de cenários, figurinos e adereços, escolha de materiais, seleção musical... Tudo isto tendo ainda em conta que a contaminação foi constante, ainda mais neste processo algo experimental, onde todos eram convidados a partilhar as suas opiniões.

Talvez alguma inovação que possa ter havido resida na utilização da tecnologia das luzes negras implementadas em teatro, na comunidade onde nos inserimos, Viseu. Na mensagem que quisemos transmitir através do teatro – o maravilhoso, a fantasia, a imaginação, o sonho, devem ter lugar na vida de cada um, em todas as idades, – e na forma como a transmitimos.

2. SÍNTESE CONCLUSIVA

Pretendemos com este projeto criar um espetáculo teatral dirigido ao público infanto-juvenil e adulto, orientando cada uma das áreas artísticas que o complementaram para uma linguagem que exaltasse o Maravilhoso e o Fantástico. De facto constatámos que a representação de fenómenos que não se regem pelas leis naturais do mundo contribuíram para a concretização do nosso objetivo principal. As dimensões do ovo e suas transformações, as características físicas e psicológicas de alguns personagens, nomeadamente o Polichinelo e o Sábio Ambrósio Infólio, a criação de um ambiente com luzes e cores artificiais (luzes negras), o dragão, as vozes que nos remetem para a existência de seres irreais, foram alguns dos elementos referidos pelos espetadores e membros da equipa que nos envolveram num ambiente de fantasia e magia. As opiniões e reflexões obtidas pelos questionários confirmam que o espetáculo é apreciado e valorizado por todas as idades.

Os restantes objetivos foram igualmente alcançados, a escrita de um texto dramático a partir de um conto infantil e a constituição da equipa de trabalho e sua direção em prol desta identidade do projeto. Conforme analisámos nos questionários, percebemos que a harmonia e sinergia das várias áreas implícitas no projeto foi um fator importante na criação do Maravilhoso.

Reconhecemos que o processo de criação não está fechado, a cada apresentação pública vamos melhorando o espetáculo a todos os níveis: técnico, interpretação, ritmo, caracterização, cenografia e figurinos. Há um crescimento e uma maturação próprios de um espetáculo que prevê continuidade e rodagem, que torna todo o processo mais rentável e valioso, pois vamos crescendo enquanto equipa e melhorando e corrigindo o papel de cada um e do todo que é o espetáculo.

Não conseguiríamos criar o Polichinelo se não tivéssemos rodeados desta equipa tão talentosa e trabalhadora. A entrega, responsabilidade, dedicação e acima de tudo o amor pela expressão/criação artística foram, sem dúvida, características comuns a todos os intervenientes. O segundo fator que nos deixa extremamente orgulhosos é saber que conseguimos sensibilizar o público e que, por momentos conseguimos

envolvê-los num mundo imaginário cheio de fantasia, estimular a sua imaginação e quem sabe, desenvolver a sua capacidade criativa.

Acreditamos que se essas faculdades forem estimuladas, a sociedade consiga encontrar outras soluções para os problemas que enfrenta, ou até redefinir os problemas em si. Voltamos a citar Rodari que nos diz em relação à sociedade que “Para a mudar, são precisos homens criativos, que saibam usar a imaginação” (Rodari, 1993, pag. 196).

3. *IMPACTO DESEJADO/SUSTENTABILIDADE DO PROJETO*

O projeto terá continuidade não só pelo agendamento de várias apresentações públicas em diversos espaços destinados à ocorrência, provocando num maior número de espectadores os objetivos traçados previamente, nomeadamente o de promover a capacidade imaginativa.

Adquirimos assim conhecimentos teóricos e práticos que desenvolveremos ainda mais, em projetos futuros a partir de novas narrativas, com a justificação/missão referida previamente, combate a uma sociedade fria, prática e mecanizada e exaltação do sonho, da imaginação, da criatividade como formas de proporcionar momentos de bem-estar e de contribuir para uma reeducação do indivíduo enquanto ser social.

A equipa de trabalho deparou-se com novas aprendizagens pessoais e coletivas que estiveram inerentes ao processo, deixando também uma marca nos intervenientes, que embarcarão em novos projetos levando consigo novas abordagens, técnicas e aprendizagens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abreu, M., Amaral, C., Amado, M., Lapa, O., Guerreiro, R., & Monteiro, S. (2006). GAVE. *Guia das artes visuais e do espectáculo*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- Armella, V. A. (2002). Lo maravilloso —to thaumaston—Un elemento olvidado en la Poética. *Signos Filosóficos*, 8, 51-70. Obtido maio 26, 2014, de <http://148.206.53.230/revistasuam/signosfilosoficos/include/getdoc.php?id=205>
- Bachelard, G. (2001) *O Ar e os Sonhos*, 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes
- Baffi, M. A. T. (2002). *Projeto Pedagógico: um estudo introdutório*. Pedagogia em Foco, Petrópolis
- Obtido maio 3, 2014 de http://www.portal.santos.sp.gov.br/seduc/e107_files/downloads/planejamento2009/proj_polit_pedag.pdf
- Bettelheim, B. (2003). *Psicanálise dos Contos de Fadas*, 10ª ed., Chiado: Bertrand Editora.
- Borie, M.; Rougemont, M., & Scherer, J. (2011). *Estética Teatral, Textos de Platão a Brecht*, 3ª ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Breton, A. (1924). *Manifesto Surrealista*. Obtido novembro 20, 2013 de <http://www.marxists.org/portugues/breton/1924/mes/surrealista.htm>
- Canhoto, M. S. (2009). *Os Contributos da Multimédia nas Artes Performativas*. Dissertação de mestrado, Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Cavalcanti, J. (2006). A Criatividade no Processo de Humanização. *Saber (e) Educar*, 11, 89-98. Obtido abril 11, 2014 de <http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/10000/7/SeE11CriatividadeCavalcanti.pdf>
- Gooch, S. (1998). *Eu Escrevo Peças de Teatro*. Lisboa: Editora Pergaminho

- Gutfreind, C. (2003) *Terapeuta e o Lobo – A Utilização do Conto na Psicoterapia da Criança*, 1ª ed., São Paulo: Casa do Psicólogo
- Guiraud, P. (1973). *A Semiologia*, Lisboa: Editorial Presença
- Hugnet, G. (1934). *Petite anthologie poétique du surréalisme*. Paris: J. Bucher
- Isaacsoon, M. (2011). Cruzamentos Históricos: Teatro e Tecnologias de Imagem. *ArtCultura* 13 (23), 7-22.
- Kavantan, S. (2012). *Elaboração de Projetos Culturais*. Notas de Biblioteca 3, São Paulo: SP Leituras.
- Lopes, T., Costa, M., & Barroco, S., (2011). *O Conceito de Criatividade em L.S. Vigotski e Suas Implicações Para Psicologia do Trabalho*. X Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional. Universidade Estadual de Maringá. Obtido abril 11, 2014 de <http://www.abrapee.psc.br/xconpe/trabalhos/1/158.pdf>
- Marinho, C. (2006) *Contribuições Para uma Poética do Maravilhoso. Um Estudo Comparativo Entre a Narrativa Literária e Cinematográfica* Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Oliveira, C. M. (2005a). *A Importância do Maravilhoso na Literatura*. Obtido abril 9, 2014 de <http://www.graudez.com.br/litinf/marav.htm>
- Oliveira, R. M. (2005b). *Novas Tecnologias, novas Fronteiras de Criação Artística: percursos e desafios*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Ostrower, F. (2001). *Criatividade e Processos de Criação*. 15ª ed., Rio de Janeiro: Editora Vozes
- Ribeiro, J. M. (1998) – *Fragmentos de uma Prática de Dramaturgia do Espaço*. Coimbra: Universidade de Coimbra. Obtido dezembro 15, 2013 de <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10214.pdf>
- Rodari, G. (1993) *Gramática da Fantasia*. 3ª ed., Lisboa: Editorial Caminho
- Ryngaert, J. (1992) *Introdução à Análise do Teatro*, 1ª ed., Porto: Edições Asa
- Sarrazac, J. P. (2005). *A Oficina de Escrita Dramática*. *Revista Educação e Realidade* 30 (2) 203/215, jul/dez 2005.

- Siewert, C.S. (s.d). *Era uma Vez: O Conto de Fadas e a Criança*. Artigo de estágio. Joinville: Faculdade de Psicologia, ACE
- Todorov, T. (1981). *Introdução à Literatura Fantástica*, São Paulo: Editora Perspectiva
- Ubersfeld, A. (1996). *Les termes clés de l'analyse du théâtre*. Paris: Editions du Seuil.
- Urssi, N. (2006). *A Linguagem Cenográfica*. Dissertação de Mestrado em Artes, São Paulo: Universidade de São Paulo
- Vasconcelos, M. S. (1996) – Rimbaud cut up Burroughs, *Revista de Estudos de Literatura*, Belo Horizonte, v. 4, p.241-257, out 96. Obtido janeiro 10, 2014 de http://www.lettras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_txt/ale_04/ale04_msv.pdf
- Vasques, E. (2003) – *O Que é Teatro*, Lisboa: Editora Quimera
- Vasques, E. (2007) – *Piscator e o Conceito de "Teatro Épico"*, Lisboa: Escola Superior de Teatro e Cinema

Anexos

Tentativas de escrita	84
Texto Polichinelo	86
Fotografias cenografia	110
Fotografias caracterização	111
Fotografias ensaios	112
Fotografias espetáculo	113
Material gráfico	117
Questionários	120
Apêndice: cd com vídeo e fotografias	153

Tentativas de Escrita

Vários mundos

- 1: Mundo rígido/catedrático/. Tudo tem regras e protocolos e formalismos. Somos o que nos ensinam e programam para ser. Somos o que os outros esperam que sejamos. Existem os catedráticos, os experimentalistas e os ignorantes. Os catedráticos são os que têm direito e dever de pensar, ler, estudar, teorizar, escrever, doutorar-se, mestrar-se. Existem os Filósofos, os Artistas, os Psicólogos, os Cientistas... Os experimentalistas são criados dos catedráticos. São eles que se arriscam em prol do conhecimento artístico. Se tiverem sucesso, os catedráticos aproveitam-se dos resultados e escrevem sobre eles. Se não tiverem sucesso, ninguém tem conhecimento da experiência. Se o catedrático se afeiçoar pelo experimentalista protege-o e nunca o expõe à vergonha do falhanço. Se o catedrático se faltar do seu experimentalista, denuncia-o, expondo a sua falha e erro à comunidade científica. O experimentalista nunca mais tem o direito de experimentar nada e passa para a classe dos ignorantes. Os ignorantes não questionam nada. Não se sabe muito sobre eles, porque nunca se vêem. Eles não gostam dos catedráticos, não falam com eles, nem olham para eles. É recíproco. O medo de falhar reprime-os e afasta-os da sociedade. (Na verdade, eles não vivem esse medo. Vivem livres e pensam e experimentam e criam as suas próprias sociedades, com regras diferentes, com formas de estar diferentes e mais felizes.)

Menina – filha de artistas – catedráticos.

-2: Mundo irreal/ do sonho/ da desordem...

(Duas criaturas deitadas, com as pernas para cima, a olhar para cima e a pintarem com os pés, sem pincéis, nem tintas, nem folhas.)

-Boa tarde, senhores, desculpem...

-Quem és tu?

-Sou Lara, senhores. Muito prazer!

-Não te pareces nada com a Lara!

-Perdão?

-Tu não és a Lara!

-Não, não és a Lara.

-Eu chamo-me Lara. Pelo menos, sempre me chamaram assim... Desde que me lembro!

-Eu não me lembro de seres assim! Podes dar uma voltinha? ... Não, não és a Lara!

-Desculpe senhor, creio que me ofende se continuar a questionar a minha iden...

-AGORA! *(silêncio)*

-O que estão a fazer?

-Estamos a pintar!

-É isso que estão a fazer? ... Gosto muito de ir aos museus. Já vi imensos quadros, de grandes pintores, de todos os tempos.

-Quadros? Todos pintam quadros? Parece aborrecido!

-Não, não é! Cada um tem o seu estilo, consoante os movimentos artísticos.

-E qual é o teu estilo?

-Eu?! Oh, eu não sou pintora!

-Não?!

-Já não és pintora?!

-Ficaste fora muito tempo Lara...

-Bem, nós somos pintores e adoramos pintar. Não te queremos atrasar.

Texto Polichinelo

Personagens:

Conselheiro Mor Julião – Roger

Rei – Carrilho

Abril – Márcia

Polichinelo – Vladimiro

Sábio – Rui Pêva

Duendes da Floresta – Carrilho, Roger, Pêva e Márcia

Dragão – Carrilho, Roger e Pêva

CENA 1 – UM OVO GIGANTE

(Rei entra em cena com uma venda nos olhos. Mordomo Julião está de rabo espichado a compor as palhas do ovo e a fazer sons...)

Julião – Está pronto? Pode entrar.

Rei – Julião? Julião? Aqui vou eu!

Julião – *(eufórico)* Sim! Sim!

Rei – *(Vai caminhando e bate contra o ovo!)* Julião? Não estou a ver nada.

Julião – Sua Alteza Majestade Rei Soberano! Venha! Venha!

Rei – Conseguiu trazê-lo para mim?

Julião – Oh claro! Por si, eu consigo tudo Sua Alteza Majestade Rei Soberano. Tenho sido e serei sempre o seu conselheiro mais fiel e mais forte e bonito e musculado! *(Faz músculos)*

Rei – *(Pigarreia)* Já posso tirar?

Julião – *(Vê o sítio onde o Rei embateu no ovo)* Oh! Espere... Não pode tirar a venda ainda. *(Procura lenço para polir o ovo. Não encontrando vira o Rei de costas e usa o seu manto real para polir o ovo. Arfa para cima do ovo e vai polindo. Rei é arrastado para cima e para baixo com a força do manto.)* Está quase... quase... e já está! *(Olha para*

Rei que está de costas ainda vendado. Faz-lhe uma pirueta para o virar). É para este lado! (Tira-lhe a venda)

Rei – Oh! Mas... *(Boca caída, admiradíssimo)* O que é isto?

Julião – Isto, Sua Alteza Majestade Rei Soberano?

Rei – Algo tão grande?

Julião – Não é um algo! É um ovo, Sua Alteza!

Rei – Então é verdade? É mesmo um ovo gigante! Um ovo como nunca antes visto!

Julião – *(imitando o tom de emoção do Rei)* E fui eu que fui àquela capoeira, pisar todo aquele... huuu... Xô, xô... Fui eu que o carreguei às costas até ao castelo, fui eu que subi as 46 escadas até aqui, ao Salão Real e finalmente o instalei nestas palhinhas para si. Fui eu que o limpei... Eu consegui trazê-lo para si, Sua Alteza Majestade Rei Soberano! O Melhor Conselheiro-Mor do reino!

Rei – Sabe o que isso poderá significar?

Julião – Claro, Sua Alteza *(Choramanga de emoção)* Serei promovido... Se poder escolher um título... Talvez duque?!... *(olha para ar de reprovação na cara do Rei)* ... Ah... Significa que poderemos fazer o maior ovo cozido do mundo!?

Rei - Nunca mais haverá fome... *(pensativo)* Mas precisamos de mandar fazer uma panela igualmente grande! *(ri-se)* Que parvoíce!

Julião – Será certamente mais fácil fazer ovos mexidos! Pobres cozinheiras... Eu não queria estar no lugar delas...

Rei – *(Não ligando ao mordomo)* Um ovo assim... No meu reino! Precisamos de chamar o Sábio Ambrósio Infólio! Só ele deverá saber qual a origem deste ovo?

Julião – É para já Sua Alteza Majestade Rei Soberano! Meu amo, meu senhor... Eu trato disso! *(Sai de cena a chamar pelo sábio)* Sábio! Sábio!

Rei – Que idiota! Ele não está aqui no castelo. Julião, volte cá. Julião mande um guarda à Torre Azul! Ele que o vá buscar. Urgentíssimo!

Julião – *(espreitando para dentro de cena)* Era o que eu ia dizer, Sua Alteza! Mas olhe, nunca se sabe onde param os sábios! Às vezes eles aparecem nos sítios mais inesperados...

Rei – Julião despache-se!

Julião – *(escondendo-se novamente.)* Guarda! Vai buscar o sábio Ambrósio Infólio à Torre Vermelha!

Guarda – É para já!

Rei – Azul!

Julião - Guarda!

Guarda – Sim?

Julião - Vai imediatamente à Torre Azul e traz o sábio!

Guarda - Com a sua licença!

Rei – *(suspiro profundo de impaciência)* Julião... E vá chamar a Princesa!

Julião – Sim Majestade.

(Rei à volta do ovo... Toca, cheira, bate, examina, ouve barulhos de dentro do ovo e foge, torna a aproximar-se....)

CENA 2 – O SÁBIO E AS MIL E UMA NOITES

Abril – Meu pai! Este é o ovo?

Rei – Sim Abril. Este é o ovo de que todos falam...

Abril – É Tão grande! Tão bonito!

(Abril abraça-se ao ovo)

Rei – Abril, afasta-te do ovo. Pode ser perigoso! Não sabemos nada sobre ele.

Abril – Eu não o acho nada perigoso... é macio e simpático. Parece frágil mas não é! Eu gosto dele!

Rei – Filha, por enquanto prefiro que se afaste do ovo *(Rei separa princesa do ovo)*. Pelo menos até percebermos melhor o que é. Há-de chegar o Sábio Am...

(Sábio entra em cena com um grande saco de pano)

Sábio – *(Faz vénia)* Vossa Majestade! *(Faz vénia)* Princesa... *(Faz vénia)* Ovo... Oh! Então é mesmo verdade?

Rei – *(Preocupado)* Sim Sábio Ambrósio Infólio. Um ovo, sim... Mas ninguém sabe nada mais sobre ele. Apareceu durante a noite numa quinta não muito longe daqui.

(P. Abril vai olhando incrédula, curiosa e enternecida para o ovo)

Sábio – Hum... Curioso... Curioso... Volto já! Princesa, pode dar uma ajuda? *(entra para dentro do saco, faz gesto a Abril para segurar na abertura do saco. Vai-se baixando e fazendo sons... como quem procura alguma coisa)*. Não é isto... Nem isto... Assim, não dá... Assim não... Não encontro! Mais para cima Princesinha! Mais para cima! *(Abril estica-se ao máximo, mas o saco parece que nunca mais acaba!)* Não é nesta secção! Nem nesta... Já chegou ao fim? Tem que ficar esticado... Não encontro o procurado!

Abril – Mas senhor Sábio... Não consigo... *(Tem uma ideia. Olha para o pai...)* Vossa Majestade?

Rei – Já estou um bocado velho para estas coisas...

(Rei baixa-se e Abril sobe para as suas costas... esticando finalmente o saco. Sábio aparece à altura de Abril! Ela fica estupefacta e olha para o chão)

Sábio – Cá está! O livro que tudo sabe! *(traz um monte de livros na mão)*

Rei – Um livro? Então acha que a resposta está nesse livro?

Sábio – Este não é um livro qualquer Vossa Majestade, é o *(lê)* “Tratado do Salto à Corda através dos Tempos”?... Ups, desculpe... *(Deita o livro para baixo, para dentro do saco. Vê o próximo)* Deve ser este! “O Sistema Digestivo da Estrela do Mar”?!... *(repete o movimento)*, “A Invenção do Algodão Doce”! Não... Não... Não! Ah! Cá está! O livro das “Coisas raras e maravilhosas”

(Sábio agarra as pontas do saco e vai descendo... Sai do saco e fecha-o. Abre o livro e começa a correr as páginas à procura da página certa. Abril ainda está em cima do Rei a tentar descer)

(Princesa e Rei ficam inertes)

Sábio – hum hum... hum hum... *(Vai lendo e fazendo o som de confirmação)*

Rei – E então Sábio Ambrósio Infólio?

Sábio – Vossa Majestade. Certamente, já ouviu falar da história As Mil e Uma Noites!

Rei – Da História... As Mil e Uma Noites...

Sábio – Sim, sim! Lembra-se da ave mágica cor de fogo, que nenhum olho humano conseguia ver, tão rápido era o seu voo. A ave que nunca precisava de descansar exceto de dez mil em dez mil anos, altura em que se preparava para pôr o ovo! Sua

Majestade, visto a existência dessa ave não se poder ter em dúvida, o ovo aqui presente deve ter saído desse extraordinário ser.

Rei - Da ave... cor de fogo... da história... Mil e Uma Noites?!

Sábio – Vejo que concorda comigo! Bem, o meu trabalho aqui acabou. Fico feliz por ter desvendado mais um mistério! Devo voltar para a Torre... Há muito trabalho a fazer. Ex-traor-di-nário! O ovo da ave das Mil e Uma Noites... Quem diria... Quem diria...

(Sábio sai de cena a falar sozinho)

Cena 3 – O NASCIMENTO DE POLICHINELO

Abril – *(Feliz)* Uma ave mágica... Um ovo mágico! Vamos ficar com ele meu pai?

Rei – Não sei, não sei... Continuo com imensas dúvidas! Porque veio cá parar? Para que serve afinal? O que vamos fazer com ele?

(Entra mordomo)

Julião – Vossa Majestade, a cozinha está preparada para cozinhar o maior ovo do mundo. Posso mandá-lo para lá?

(Ovo começa a estalar. Ficam todos inertes e boquiabertos, na expectativa)

Julião – *(medo, agitação)* Ahhhh! O ovo está ... O ovo! Vossa Majestade!

Princesa – *(encantada)* Uaaaaau!

(A casca do ovo começa a levantar-se. Polichinelo aparece no topo do ovo. Boceja, espreguiça-se... Olha à sua volta...)

Princesa – UAAAAU!

Julião – Ah! *(Susto. Leva as mãos à cara, vira-se de costas. Vira-se novamente de frente e tira as mãos da cara)* Ah! Isto é um pesadelo! Acorda Julião! Acorda! Ah!!! Horrível, horrendo, horror, que terror! Que feio!

(Polichinelo olha para o chão e vê que é muito alto para saltar. Vai para dentro do ovo e faz barulhos lá dentro)

Julião – Oh, que criatura horrível! Onde é que ele foi? Sua Alteza, Majestade, Rei Soberano, é melhor ter cuidado! Afaste-se!

(Rei afasta-se, na dúvida)

(Polichinelo, com os pés faz uma abertura para poder sair perto da base do ovo! Salta para o chão e corre para junto do Rei. Polichinelo ajoelha-se diante do Rei. Julião lança-se sobre ele)

Polichinelo – Sua Majestade, eis o seu mais humilde servo!

(Rei fica estático e de boca aberta)

Julião – Maldito sejas! Não vais fazer mal ao nosso Rei. *(Levanta-se e ataca Polichinelo. Põe-lhe as mãos à volta do pescoço.)* Vossa Majestade, não se preocupe. Ele não lhe fará mal. Pode chamar os guardas! *(Rei não reage. Está de boca aberta)* Tu nunca devias ter nascido! És horrível! Mas como é possível? És torto e feio! Um monstro! Um Diabo!

Abril – Pai, ele está a magoá-lo! Páre! Como pode ser tão mau? Coitadinho, acabou de nascer!

Julião – Princesa, afaste-se... Este... Isto... ai... tu! É um monstro! E não vai magoar ninguém!

Abril – Pai... Sua majestade, peço-vos que não faça mal a este homenzinho. Ele é diferente mas também merece viver! Ele não tentou atacar ninguém. Olhe para ele... Lembre-se das palavras do sábio... ... Por favor Pai... Peço-lhe.

(Polichinelo assobia e as mãos de Julião vai-se afastando magicamente, sem ele querer. Assim Polichinelo consegue escapar das mãos do mordomo e corre para trás da Princesa, ajoelhando-se. Julião fica a olhar incrédulo, para as próprias mãos.)

Polichinelo – Princesa, o meu nome é Polichinelo. Estou aqui para servi-los. Não faço mal a ninguém...

Abril – *(em tom de pedido)* Pai...

Julião – Sua Alte....

Abril - Shhhhh!

(tempo de espera. Rei pensativo, caminhando de um lado para o outro)

Julião – Se me permite, Sua Alteza Majes...

Abril – Shhhhhh!

(tempo de espera. Rei pensativo, caminhando de um lado para o outro)

Rei – Muito bem Princesa Abril! Fica responsável pelo ... Pelo...

Polichinelo – Poli... Poli... Polichinelo, senhor.

Rei - ... Polichinelo.

Julião – Mas Sua Alteza, Majesta...

Abril e Rei – Shhhhhhhh!

Polichinelo – *(Faz vénia)* À sua disposição senhor!

Abril – Polichinelo? Chamo-me Abril. Queres ser meu amigo?

Polichinelo – Princesa Abril, eu quero muito ser teu amigo. Tu não me achas feio? Nem perigoso?

Abril – Claro que não. Tu estás sozinho... não tens amigos... Sabes de onde vens?

Polichinelo – *(Despreocupado)* Não... tenho bem a certeza.

Abril – Vem comigo. Vou-te mostrar o castelo e contar-te a história do teu ovo... Não há muito para contar, mas o Sábio Ambrósio Infólio esteve cá e disse-nos que o ovo...

(Saem de cena a conversar)

Rei – Devemos confiar em Abril.

(Mordomo recompõe-se)

Julião – Concordo Sua Alteza Majestade Rei Soberano.

Rei - Ela cresce a cada dia e tem-se mostrado sensata nas suas decisões.

Julião – Tirou-me as palavras da boca! Tenho exatamente a mesma opinião sobre a princesa Abril... Filha de Sua Alteza Majestade Rei Soberano, o melhor Rei que algum reino alguma vez viu!

Rei - Um dia será uma boa Rainha!

Julião – Certamente. Sem sombra de dúvida!

Rei - O pobre ser merece uma oportunidade mas não quer dizer que não tenhamos que estar atentos. Julião, mande preparar os aposentos do Polichinelo e, bem... Trate de mandar arrumar o Salão Real.

Julião – Sim Sua Alteza, eu mesmo farei tudo que pede! Ficará contente com a decoração que tenho em mente para o Salão!

Rei – Muito bem Julião. E o meu discurso para amanhã?

Julião – Está nos seus aposentos Vossa Alteza.

Rei – Não se esqueça da sua parte... Que seja breve!

Julião – Sim Sua Alteza Majestade Rei Soberano.

(Rei sai de cena)

Julião – Ah! Aquele bicho horroroso que nem pense em atrapalhar os meus planos! Estes anos todos tenho conseguido uma boa fortuna com este rei pateta e bonzinho que não vê nada, nem nada quer ver! Hei de ser o homem mais rico do reino, mais rico que o próprio Rei. E ele ficará tão pobre que terá que pedir ajuda a Julião! *(Riso triunfante)*. *(Sério e preocupado)* Mas se este Rei sabonete *(pigarreia)* Soberano, continua a fazer as vontades todas àquela menina Princesa mimada... Qualquer dia eu não mando nada! E o Feioso...? *(Faz gesto com as mãos de estar a apertar o pescoço de Polichinelo)* Como é que ele escapou? Eu tinha-o tão bem apertadinho!

Cena 4 – A INVEJA DO MORDOMO

(Entra música. Mordomo prepara o Salão. Princesa passa a correr e a rir, Polichinelo vem atrás dela... Mordomo continua a preparar o Salão. Princesa torna a passar a correr e Polichinelo vem atrás dela. Mordomo faz uma rasteira a Polichinelo, mas este antecipa-se e faz uma pirueta. Olha para trás e pisca o olho ao Mordomo, que faz cara de chateado)

Polichinelo – *(Na brincadeira)* Sr. Conselheiro Mor do Reino de Sua Alteza Majestade Rei Soberano *(acena com cabeça)* até amanhã.

Julião – Eh... *(a ferver)* P-P-P-Pauchinelo...

Polichinelo – Poli chinelo.

Julião – Espera! Onde está a Princesa Abril?

Polichinelo – Já está a dormir Sr. Conselheiro Mor do Reino.

Julião – Tens a certeza?

Polichinelo – Estive com ela até se ir deitar – a princesa adora histórias!

Julião – Hum *(com desprezo)* Obrigado Poponelo. Podes ir dormir.

Polichinelo – Com licença... Até amanhã.

(Polichinelo sai)

Julião – Ah ah... Mal sabes o que te espera... *(Tira uma jarra de flores que estava escondida debaixo do trono)*. Pauchelo... que ser mais horrível ... Eu sou bonito! E agora ... Desde que chegaste, Abril está sempre a defender-te! E o Rei vai nas cantigas dela. É uma menina mimada e chata, desprezível! Se o Rei não gostasse tanto dela... eu era capaz de o convencer a mandá-la para bem longe daqui! *(Ri)* Ah, mas depois do que vai acontecer amanhã, ela nunca mais vai querer olhar para o PédeChinelo. *(Prepara o púlpito para o discurso e esconde a jarra de flores na parte de fora do púlpito. Baixa luz)*.

CENA 5 – O DISCURSO

(Luz sobe lentamente. Rei está em cena a praticar o discurso. Entra Conselheiro)

Julião – Sua Alteza, Majestade Rei Soberano, os súbditos aguardam-no.

(Entra P. Abril e Polichinelo, de peito cheio, a ajeitar-se)

Julião – Ah! Talvez seja melhor o Piuchinelo não estar presente. Ou vai assustar toda a gente! *(ri-se)* Ainda acaba por discursar para uma praça vazia, se todos se põem a fugir! *(ri-se)*

(Polichinelo não lhe liga importância)

Abril – Que disparate! O Polichinelo *(acentua a nome, de forma a corrigir o mordomo)* vai estar presente sim, bem ao meu lado. *(em tom calmo e carinhoso e olhando para Poli)* Afinal, ele agora faz parte da nossa família!

Julião – Sua Alteza? Majestade? Rei Soberano?!

Rei – Ouviu a Princesa!

(Polichinelo volta a encher o peito de ar e coloca-se ao lado da Princesa. Rei dirige-se ao púlpito. Tocam as trompetes. Ao centro o Rei, do lado direito Abril e Polichinelo e do lado esquerdo Mordomo)

Julião – Atenção, muita atenção! Como Conselheiro Mor venho avisar que Vossa Alteza, Majestade, Rei Soberano vai discursar. Peço silêncio pois a complexidade dos estudos efetuados contribui para a verificação da correta determinação das nossas opções de desenvolvimento para o futuro! Por outro lado, tendo em conta a raiz quadrada, a tabuada e a consolidação da História, acarreta-se um processo de formulação das novas proposições. Não podemos esquecer que devemos escrever corretamente cerca de 45 de uma lista de 60 palavras e 5 de uma lista de 15 palavras irregulares, em situação de ditado. Dizer trava línguas e pequenas lengalengas. O Rato da Garrafa da Rússia Roeu a Rolha do Rei... Muito obrigado pela vossa atenção!

(Rei vai olhando com ar de desaprovação para Julião... Ele vai deixando algumas frases a meio, mas inicia sempre a ideia seguinte confiante.)

Rei – Meu querido e bom povo! Adultos, crianças... A Família Real de (Viseu/Águeda/Tondela...), saúda-vos e agradece a vossa presença! Como vosso Rei e segunda as nossas tradições, todos os meses vos venho transmitir a situação social, política e demográfica do reino. Bem, na verdade, não há mudanças. Aquilo que podemos continuar a fazer, e isso ninguém nos pode tirar, é sonhar! E se o fizermos somos um grande povo! Porque o sonho é uma bela fonte de movimento, crença e mudança. *(espirra e vai começando a faltar o ar. Faz expressões faciais)* Quanto ao ovo... *(espirra)* sei que estão todos curiosos *(espirra)* o assunto está resolvido! *(espirra)* Polichinelo, é o fruto *(espirra)* desse extraordinário ovo. *(espirra)* Um bom homem que nos ... tem ajudado...

Abril – Polichinelo, o meu pai não está bem!

Polichinelo – O que será?

Abril – Parece... um dos seus ataques de alergia...

(Rei cai no chão. Polichinelo segreda algo a Abril e corre para fora de cena.)

Julião – *(Convencido e orgulhoso por estar a falar para a plateia em nome do Rei)* Caríssimos súbditos. Não se preocupem. O Rei teve apenas uma pequena tontura. O discurso estava praticamente no fim. Em nome do Rei, peço-vos, continuem sentadinhos, que já falta pouco para o MEU *(pigarreia)*; o grande final! Obrigada! Até breve! Podem bater palmas! Ah! *(arrependido pelo seu entusiasmo)* Já chega de palmas! Olhem o Rei!... Respeitem o Sabonete! O Soberano!

(Mordomo tira púlpito de cena. Entra música triste)

CENA 6 – JULIÃO É DISPENSADO

Abril – Pai... Pai... Acorde! Vá lá...

Julião – Princesa, vou já chamar os médicos da corte. Não se preocupe.

(Sai de cena, com calma, passo lento. Volta atrás para compor o púlpito agora trono e torna a sair com muita calma)

Abril – Pai, tem que ser forte... O Polichinelo foi buscar a planta que o pode salvar. Aguarde mais um bocadinho que ele vem já! Vá, respire... *(Pega na cabeça do pai e coloca-a em cima dos seus joelhos.)* Não seja preguiçoso!

Polichinelo – Cá está! Temos que pôr um pouco destas plantas no peito dele. E logo, logo ele torna a respirar! Elas atuam diretamente nos pulmões quando eles estão a dormir.

(tempo de espera e expectativa)

(Rei começa a respirar, faz sons)

Abril – Pai! *(Abraça-o)*

Julião – Os médicos vêm a caminho. Ufa, Sua Alteza Majestade Rei Soberano, que susto nos pregou! Um ataque de alergias assim, sem mais nem menos!? Vou ver se descubro o que se passou e tranquilizar os médicos!

(Julião sai de cena)

Abril – Polichinelo, obrigada! Salvaste-lhe a vida!

Polichinelo – Senhor, teve uns dez minutos sem respirar, completamente roxo, os olhos já estavam a sair, não foi nada de grave. Espero que se sinta melhor.

Rei – Polichinelo, sinto-me perfeitamente bem!

(Julião entra em cena)

Julião – Sua Alteza, descobri o que provocou a sua alergia. Veja, alguém colocou esta jarra de flores no seu púlpito...

(Rei começa a espirrar. Mordomo atira com as flores para trás e Polichinelo agarra-as.)

Julião – Sua Alteza Majestade Rei Soberano, devo informá-lo que temos um suspeito.

Rei – Um suspeito? Acha que alguém o fez intencionalmente?

Julião – Claro que sim... Se não, não estariam escondidas. Se alguém lhe quisesse oferecer flores, decerto que as punha visíveis para Sua Majestade as ver! Isto foi um ataque a Sua Alteza!

Abril – Alguém tentou atacar o meu pai? Mas quem?

(Julião puxa Rei para a frente de cena. Abril segue-os e ouve a conversa)

Julião – Se me permite... Fui eu que preparei tudo para o discurso e, a única pessoa que foi vista perto do púlpito, ontem à noite, foi... Aquilo! O Diferente! Os guardas avisaram-me! É ele o culpado! Eu sempre o achei perigoso.

Rei – Oh... ... Tem a certeza? Bem, se o guardas o viram...

Julião – *(corre atrás de Polichinelo e este foge como pode e vai tentado negar o que diz o mordomo)* Anda cá que já vais ver!

Abril – *(Fala com o rei enquanto eles andam a correr de um lado para o outro)*
Impossível! Polichinelo nunca vos tentaria fazer mal. Como poderia? Acabou de o salvar, meu pai! Ouça-me por favor. Se o quisesse ver morto, não o tinha salvo!

Rei – PAREM! Julião, obrigada pela sua preocupação, mas o que a Princesa Abril diz é verdade e faz sentido. Aliás, como saberia Polichinelo que eu sofro de alergias? E acabou de me salvar... Terá que averiguar melhor. Algum dos criados poderá ter cometido este erro. Talvez sem intenção!

Julião – *(Já com as mãos à volta do pescoço de Polichinelo)* Como é possível? Estão sempre a defendê-lo! Não veem que ele é perigoso? Olhem para ele! Basta olhar para ele!

Rei – Julião, tem sido um bom mordomo... *(sério e assertivo)* Mas já chega de teimosia. Tire o resto do dia para descansar e conversamos amanhã.

Julião – Está a dispensar os meus serviços?!

Rei – Não, estou a pedir-lhe que vá descansar e que pense nas atitudes que tem tomado.

Julião – *(Choramingar)* Mas... Sua Majestade, em tantos anos de serviço eu nunca fui dispensado... Não vai precisar de mim?

Rei – Não seja tão dramático.

(Polichinelo assobia... Julião larga involuntariamente o seu pescoço)

Rei - O Polichinelo ajuda-me com as suas tarefas. *(Polichinelo faz mimica das ações para o Rei as dizer...)* Ele dará as ordens na cozinha, falará com os jardineiros, e reunirá os guardas para virem ao meu encontro. E irá ele buscar as moedas ao Almojarife. *(A cada tarefa Julião reage dramaticamente com ahs!)* É só um dia. Para resolvermos esta situação. Amanhã volte, olhe para Polichinelo como alguém da família e tudo volta ao normal. *(Para Princesa e Polichinelo)* Vamos, a tarde é por nossa conta.

Abril – Podemos ir buscar os cavalos e passear pelo reino. Prometi a Polichinelo mostrar-lhe as nossas belas florestas.

Polichinelo - Adoro Florestas.

(Vão saindo de cena. Fica apenas o mordomo)

CENA 7 – O MALVADO MORDOMO

Julião – (Imitando a princesa) “Prometi a Polichinelo mostrar-lhe as nossas belas florestas...”. Chega! Não aguento mais... Aquele

Puchelo, Pinchêlo,

Todos o adoram

Mas... Tem cara de farelo!

Pinchinelo Pinchinêlo

Criatura horrível e com

Corcunda de camelo!

Pudichinelo, Pau e chinelo

Pólóchelo, Cabeça de martelo!

Enquanto houver P-P-P-P-PinChelo

Nunca mais serei

O melhor Conselheiro do Rei.

Desgraçado! Porque não desapareces? Maldito sejas! (*Anda pensativo de um lado para o outro*) AH - Ah! Só há uma coisa a fazer! Tenho um plano! Vou à gruta do maléfico, horrível e desprezível Gigante. Genial Julião! Julião, Genial! Julião a General! Ahahaha... Junta-te aos fortes e serás como eles! Adeus Princesinha!!! Ahahaha...

(Mordomo sai de cena a praguejar. Luz baixa)

CENA 8 – O BONDOSO MORDOMO

(Entram Polichinelo, Rei e Princesa Abril.)

Rei – A tarde passou num instante...

Polichinelo –As florestas do palácio são maravilhosas! São parecidas com as minhas!

Abril – E não conseguimos ver todas! As tuas florestas são mais divertidas! As árvores andam e falam... Há monstros e fadas. Há piratas e guerreiros. Animais cheios de cores. Adorei aquela vez que tivemos que lutar com o urso Igor!

Rei – Eh... Mas aqui nada de aventuras! Estas são bem reais. Não quero que vão para lá sozinhos. Podem ser encantadoras, mas há imensas histórias, reais, sobre as mais

perigosas situações, reais. Pessoas, reais, que voltaram de lá muito doentes e outras que nem voltaram.

Polichinelo- Sua Majestade, se a sua vontade é essa, então nós não iremos sozinhos para as florestas! Mas é lá que me sinto mais forte e seguro. A Princesa Abril está a salvo comigo! Esses perigos eu sei enfrentá-los. Tenho vindo a pensar ... espero não causar problemas ao Sr. Conselheiro Julião.

Rei – Oh, não se preocupe, aquilo passa-lhe. Quando ele lhe der uma oportunidade, vai ver que não tem razões para tantas acusações.

Abril – *(à parte)* Meu Pai, eu penso que ele só gosta é dele próprio! Polichinelo, vem, quero que me contes mais uma história fantástica sobre as tuas florestas mágicas.

Polichinelo – Com certeza Abril.

Rei – Polichinelo... Um momento, preciso de falar consigo.

Polichinelo – Vou já ter contigo!

(Abril sai de cena)

Rei – Polichinelo, a Princesa gosta muito de si.

Polichinelo – Sua Majestade e eu tenho o maior carinho pela Princesa Abril. E por si também. Fique descansado!

Rei – Eu sei Polichinelo! Não estou preocupado. Quero agradecer-lhe ter vindo aqui parar. Tem feito muito bem à Princesa. Já há muito tempo que não a via tão feliz!

Polichinelo – Mais feliz me sinto por sabê-lo, Sua Majestade.

Rei – Bem, vamos descansar! Há alguém à sua espera para uma boa história, julgo!

Polichinelo – É verdade! Com a sua licença.

(Sai Polichinelo. Entra Mordomo)

Rei – Julião! Só esperava vê-lo amanhã.

Julião – Sua Majestade, venho pedir-lhe as mais sinceras desculpas!

Rei – Ah sim?! A tarde fora do castelo fez-lhe bem, estou a ver!

Julião – *(à parte em tom maquiavélico)* Oh! Se fez! Não vai esquecer o dia de amanhã, prometo-lhe!

Rei – Que disse Julião?

Julião – Quero muito que chegue uma nova manhã. Um novo dia! Para lhe mostrar o quanto estou arrependido. Tudo o que fiz foi para protegê-lo, a si, e à Princesa. Mas compreendo que devo obedecer-lhe, afinal de contas, quem sou eu para questionar o Rei! Se confia em Polichinelo, eu farei um esforço e confiarei também!

Rei – Bravo Julião! Palavras sensatas. Fico feliz em tê-lo de volta. Pode voltar a ocupar o seu cargo e a cuidar das suas tarefas. O meu bom conselheiro mor!

Julião – *(vaidoso)* Ora, o melhor conselheiro mor que este reino já alguma vez viu! Quer que vá ver a Sua Alteza Princesa Abril?

Rei – *(ternurento)* Oh não! Está com Polichinelo a brincar às florestas... é melhor não interromper. A última vez que o fiz, saí do quarto vestido de unicórnio! Ahaha... E olhe que não foi fácil sair de lá! Aqueles dois levam as estórias muito a sério!

Julião – Perdão, Sua Majestade... de unicórnio?!!

Rei – *(recompondo-se para postura séria)* Julião, não tem nada para fazer? Pode voltar ao trabalho.

Julião – Sim majestade.

(Mordomo sai de cena)

(Rei senta-se no trono a relembrar a história)

Rei - ... Um belo e forte unicórnio... E muito especial, porque tinha asas... Seria um primo do Pégasus! O Rei dos Unicórnios Voadores! Meio cavalo, meio pássaro... Que corria pela terra e voava pelos céus! Um dia... *(Vai bocejando)* Conheceu uma unicórnio muito bela e muito amável... *(Boceja)* Logo se apaixonou... *(Boceja)* ... e casaram ... e ... tiveram muitos... *(adormece expirando fundo como um cavalo).*

(Luz baixa)

CENA 9 – O RAPTO DA PRINCESA

(sobe luz devagar... até ficar estável. Rei está a dormir no trono em posição fetal... vai-se mexendo inquieto... começa a soluçar... de repente acorda e solta um grito)

Rei – Abril!

(Entra Julião em alvoroço)

Julião – Sua Majestade, a Princesa... Muito grave! A Princesa foi raptada!

Rei – Abril!! Não. O que diz? Eu sonhei... Pode repetir?

Julião – Sua Alteza, Majestade, Rei Soberano, a Princesa Abril foi raptada.

Rei – *(Levanta-se)* Como?!

Julião – *(Não se cala. Fala muito rápido)* Não quer sentar-se? Está a ficar branco Vossa Alteza Majestade. Oh Céus... Oh ... Ai de mim... Com posso dizer isto? Não devia ter dado assim a notícia! Mas como ...? E agora Julião? Vamos lá... Não custa nada, é só falar e rápido... Rápido é indolor! Certo! Vossa Alteza! *(Choramíngua)* Ai pobrezinha... e pobrezinho! Oh Céus!

Rei – *(triste)* Devagar Julião... Não estou a compreender o que diz!

Julião – *(Calmo)* Vossa Majestade, acalme-se. Vou explicar-lhe. Passei por aqui de manhã cedo e vi Vossa Majestade a dormir... Não querendo acordá-lo fui dar as ordens do costume, às cozinheiras, aos criados dos estábulos, ao ferreiro, ao carpinteiro... Quando regresssei à ala real, ouvi os criados a cochichar, muito agitados. Percebi que alguma coisa não estava bem. Questionei-os a todos, um a um, e depois aos guardas. E a verdade é esta: a Princesa foi vista com o P-P-P... no jardim, logo de manhazinha. Foram vistos juntos a sair do palácio e há pouco tempo ... ele... regressou sozinho! Sua Alteza, Majestade, Rei Soberano temo que aconteceu o pior. Pulinelo raptou a Princesa!

Rei – *(Sério, chateado, triste, desiludido)* Julião, percebe o que me está a dizer? Isso são acusações gravíssimas... Abril... Raptada? Quem terá feito uma coisa destas?

Julião – *(Enervado, insensível)* Já lhe disse! Ouça-me! Foi o... o... P-P-P... Pépunélo... eles foram vistos... os dois a sair. E ele voltou sozinho!

Rei – Não é possível! Polichinelo? Por que razão? Tem a certeza que era ele?

Julião – Oh! Não seria difícil reconhecê-lo, pois o seu aspeto é inconfundível Sua Majestade.

Rei – Mas... que interesse teria ele em raptar a minha filha?

Julião – Custa-me falar-lhe Sua Majestade, uma vez que conhece a minha opinião sobre ele desde o início e já fui castigado por tal. Mas sempre desconfiei da criatura. Tudo é diferente e estranho à volta de Polichinelo!... Maléfico, manhoso, medonho!

(Polichinelo entra em cena, cabisbaixo e emocionado)

Polichinelo – Sua Majestade, ouço os rumores que correm no Palácio... Que um raio me fulmine já, se tenho culpa do rapto da Princesa Abril.

Julião – Esse raio chama-se Julião – O Conselheiro Mor do reino!

Polichinelo – Ninguém pode imaginar como gosto dela, seria incapaz de lhe fazer mal e daria a minha vida para a poder ver imediatamente com Vossa Majestade.

Julião – Sua Alteza, é só dizer e eu arranco-lhe o pescoço.

Polichinelo – Não posso e não consigo provar que estou inocente,

Julião – Claro! Porque tu és o culpado!

(Entra sábio)

Sábio – Mas se fosse ele o culpado, teria fugido e não estaria aqui para sofrer o castigo.

Julião – *(à parte)* Ai, só faltava cá este louco!

Rei – *(surpreendido)* Sábio Ambrósio Infólio!

Sábio – Soube da triste notícia Senhor, e vim o mais rápido que pude! *(Sorri para Polichinelo)* Venho lembrá-lo que o ovo ... *(hesita em falar... aproxima-se do rei para segredar, pigarreia)* Se me permite, bbjhnlkjhukhknkj. E há mais... jkjhkhkhukdjihc! *(rei reage com interjeições. Sábio afasta-se. Rei fica pensativo)*

Polichinelo – O culpado decerto não está longe *(Julião fica quieto e calado. Preocupado)* e se Vossa Majestade me conceder alguns dias, encontrarei a Princesa e acharei o criminoso que a fez desaparecer.

Julião – Oh! Isso é que era bom! Vossa Alteza, Majestade, Rei Soberano não se deixe enganar por este mons...

(Todos congelam, menos o Sábio. Polichinelo congela em posição de ajoelhar-se. Sábio caminha até ficar frente a frente com Julião)

Sábio – Já chega! Não há paciência! Julião, ficará calado até o Rei tomar a sua decisão! Ora, vamos lá continuar... *(Sábio volta a colocar-se na sua posição)*

(Todos voltam a mexer. Polichinelo ajoelha-se)

Rei – Não sei... Não sei...

Polichinelo - Por favor, Majestade!

Sábio – *(dando confiança ao Rei)* Senhor...?

(Julião tenta falar mas a voz não sai. Rei levanta-se.)

Rei – Concedo-te até ao nascer da lua.

Polichinelo – Voltarei com a Princesa.

(Rei começa a sair de cena. Julião vai atrás dele)

Julião – *(indignado)* Sua Alteza?

Rei – Sim Julião? Envia os guardas todos para procurarem a Princesa Abril. Sábio Ambrósio Infólio, venha comigo.

CENA 10 – A FLORESTA

(Polichinelo vem à boca de cena. Luz de trás baixa até apagar, fica luz fechada sobre ele...)

Polichinelo – Abril, linda e bondosa Abril, como te vou encontrar? Quem pode ser tão malvado para te fazer tanto mal? Para onde te levaram? Não sei o que fazer! Como te posso salvar? Não tenho muito, mas daria o que tenho para te ver sã e salva e feliz! Devo encontrar-te e levar-te para casa... Mas ... Como? Ai de mim... Onde estão as minhas forças? Agora não posso pensar em mais nada. Preciso encontrar a Princesa e levá-la ao Rei...

(Sobe luz negra. Baixa luz de Polichinelo. Atores, vestidos de preto, manipulam árvores e ovos... Começam a aparecer luzes que representam os seres da floresta, os duendes)

Voz Off: Não tenhas medo Polichinelo... Confia na Floresta, confia em ti. És filho do grande e mágico Pássaro de Fogo, que nenhum olho humano consegue ver, tão rápido é o seu voo.

Polichinelo – Filho do Pássaro de Fogo?

Voz Off - Ele trata dos assuntos do céu... Espalha a magia pelo ar. Já o seu ovo, é transportado de reino em reino para que a sua cria espalhe a bondade e a magia por Terra. Em breve, o Grande Pássaro de Fogo virá buscar-te. Assim que termines a tua missão.

Polichinelo – Mas como vou encontrá-la? Para onde a levaram?

Voz Off: Nós ajudamos-te Polichinelo. Julião, o Conselheiro Mor, convenceu o Dragão de nome Gigante a raptar a Princesa Abril. Eles são muito parecidos: vaidosos e invejosos. Tens que acreditar em ti. Mas não te esqueças... Esta viagem está quase a chegar ao fim.

Polichinelo – Muito bem!

Voz Off - Em breve terás que partir para novas aventuras!

Polichinelo – Partirei depois. Mas agora devo salvar a princesa Abril.

(Forma-se caminho com árvores que têm vida própria. Aparece a gruta. E a pedra em frente à gruta)

Voz Off: Vai Polichinelo.

CENA 11 – A DANÇA DO DRAGÃO

(Acende luz de sombra, gruta e de caminho)

Polichinelo – Ei... Esperem... Foram-se embora? Ah! Ainda aí estão...

Dragão – Quem ousa perturbar-me?

Polichinelo – Quem és tu?

Dragão – “Quem és tu”? Quem és tu pergunto eu, oh ignóbil criatura de aspeto medonho!

Polichinelo – Eu sou o Polichinelo!

Dragão – Poli quê? E vens cá fazer o quê?

Polichinelo – Venho buscar a Princesa Abril.

Dragão – A Princesaaaaaa! *(Ruge)*

Polichinelo – Mostra-te! Quem és tu?

(Dragão aparece)

Dragão – Sou o Dragão Gigante! Gigante no nome, na beleza, na maldade, nas vitórias! Foge enquanto podes criatura...

Polichinelo – Onde está a Princesa Abril? Não vou embora sem ela.

Dragão – Ah, ah, ah! É pequeno mas corajoso! Pois bem... Tenho um desafio para ti! Se eu ganhar, vais-te embora e a Princesa é minha.

Polichinelo – Seu eu ganhar, a Princesa vem comigo e tu desapareces deste reino.

Dragão – Muito bem, combinado! Ah ah ah... Ora... Vejamos... Poderá ser a luta das bolas de fogo...

Polichinelo – Bolas de Fogo? Pode ser... Mas olha que eu sou filho do Pássaro de Fogo! Não é melhor pensares num desafio mais difícil para mim?

Dragão – *(ruge)* Filho do ... ? Muito bem... Luta de espadas!

Polichinelo – Luta de espadas... É mais difícil do que o das bolas de fogo... Mas, mesmo assim... Como sou mais pequeno do que tu, vou conseguir esconder-me muito melhor. E apanhar-te-ei de surpresa e cravarei a minha espada no teu lindo dorso.

Dragão – *(ruge)* Maldito! Fazes-me perder a paciência! *(ruge)*

Polichinelo – Grande Dragão O Gigante, que ganhe quem melhor dançar!

Dragão – Dançar?!

Polichinelo – Aposto que consegue dançar maravilhosamente, com esse corpo comprido, esbelto e cheio de cores. Bonito! Já eu... pequeno, torto, preso ao chão... Oh. Se calhar é má ideia...

Dragão – *(todo vaidoso)* Ah, Ah, Ah... Que ganhe o que melhor dançar! Está decidido e quem manda sou eu!

Polichinelo – Com certeza Dragão Gigante.

(Entra música. Começam os dois a dançar. Dragão exhibe-se... Até ficar todo torto e com o rabo preso na boca.)

Dragão – Ai, ai... Estou todo enrolado! Tenho o rabo preso na boca! Oh que vergonha... Estou preso... Seu... *(ruge)*

(Abril sai a correr da gruta do Dragão e atira-se nos braços de Polichinelo)

Abril – Polichinelo!

Polichinelo – Abril! Oh Abril, tu estás bem? Não estás magoada?

Abril – Não. Ele não me magoou. Polichinelo, pensei que nunca mais te ia ver. E o meu pai? Ele está bem? *(Revoltada)*

Polichinelo – Vamos Abril. O teu pai está preocupado contigo e eu prometi levar-te até ao nascer da lua!

(Saem de cena)

CENA 12 – O REENCONTRO E O CASTIGO DE MORDOMO

(Rei entra em cena e fica pasmado a olhar para o Salão)

Rei – Julião! Julião!

(Julião entra em cena)

Julião – Sim Vossa Alteza, Majestade, Rei Soberano...

Rei – Que caos é este?! O que se passou aqui?

(Julião , embaraçado, começa a arrumar o salão)

Julião – Sua Alteza, estive a cumprir as suas ordens!

Rei – Como?!

Julião – Pedeu que preparasse os soldados para irem salvar a Princesa Abril... Pois eu armei aqui mesmo um campo de treinos!

Rei – Que disparate Julião! Um campo de treinos no Salão Real?

Julião – Eles fazem sempre os mesmos treinos, não acha? Pois, eu também acho. Por isso criei ambientes diferentes, para situações mais inesperadas...

Rei – *(Desconfiado)* Gostaria de me sentar...

(Faz movimento como quem se vai sentar e espera que Julião lhe ponha o trono atrás. Senta-se. Julião vai arrumando o Salão Real. Rei está impaciente.)

Rei – Ainda não há novidades?

Julião – Não Sua Alteza. Os guardas partiram bem cedo. Dei ordens para avançarem nas diferentes direções.

Rei – Saíram todos?

Julião – Sim Sua Alteza!

Rei – E Polichinelo?

Julião – Não há notícias dele ... *(À parte)* A noite aproxima-se ... hi hi hi *(pausa no diálogo, vai continuando a arrumar o Salão)* Sua Alteza Majestade Rei Soberano, não acredita que ele vai voltar, pois não?

Rei - Tenho esperança...

Julião – *(Indignado)* Como pode ter esperança no PpPechelo? Devia tê-lo mandado para os pântanos para ser comido por crocodilos, quando teve oportunidade! Pior,

Julião – Prefiro tudo, menos ter este monstro em cima de mim e ficar feio e horrível como ele!

Polichinelo – *(a gozar com Julião)* Olhem... A sua pele está a ficar esverdeada... E o seu nariz começa a crescer!

Abril – Ah! Que horror! Em vez de cabelo, estão a crescer minhocas! E as costas... Estão a ficar todas tortas!!

Julião – *(Chora)* Aiiii! Não... Mãezinha! Sai, por favor... Sai... *(consegue soltar-se e foge a dizer...)* Eu vou para os pântanos! Tudo é melhor do que ser um monstro feio. Ahhhh... Que terror!

Rei – Guarda! Não o deixe fugir. Leve-o para o pântano.

Guarda – Pois não, senhor.

(Os 3 ficam em cena a rir)

CENA 13 - O OVO E O PÁSSARO DE FOGO

Rei – Polichinelo, obrigada! Nem sei como agradecer...

Polichinelo – Senhor, não me agradeça. Não imagina como estou feliz... A Princesa Abril está de volta e em segurança. E Julião já não é um problema! Foi um prazer poder ajudá-lo. *(Voltando-se para Abril)* Abril, como te expliquei, enquanto voltávamos...

Abril – Eu sei Polichinelo... Terás que ir embora. O Grande Pássaro de Fogo vem buscar-te... *(Abraça-o)* Rei – Então, é mesmo Filho do Grande Pássaro de Fogo...

(Sábio entra em cena e diz ao mesmo tempo que o Rei)

Sábio – O Grande Pássaro de Fogo vem a caminho! *(Faz vénia)* Sua Majestade. *(Faz vénia)* Princesa Abril! Que bom vê-la! *(Faz vénia mais exagerada)* Senhor Polichinelle, é um prazer conhecê-lo, finalmente!

Rei – Sábio Ambrósio Infólio... O que o traz por cá?

Sábio – Os astros... estão alinhados . O elemento fogo se sobrepõe a todos os outros! É a hora! *(Para Polichinelo)* O Grande Pássaro sabe que terminou a sua missão! Ele está feliz e orgulhoso de si Polichinelle. *(emocionado)* Vão encontrar-se novamente!

(Polichinelo tem estado parado e pensativo. Começa a recordar-se do Pássaro e das saudades que tem dele. Fica contente e otimista. Sábio começa a deslocar as metades dos ovos para o centro. Polichinelo ajuda.)

Abril – *(feliz por Polichinelo)* Adeus Polichinelo. Ficamos à tua espera!

Rei – Obrigada Polichinelo. Será sempre bem-vindo!

(Vão-se afastando. Deixam de se ver. Polichinelo acaba de entrar no ovo.)

Sábio – Vou contar a toda a gente a tua história! E ela vai viajar de boca em boca, de terra em terra... de pais para filhos, de avós para netos! E tu nunca mais serás esquecido...

Abril - E quando voltares faremos uma grande festa!

Polichinelo – Até sempre...

(Luz vai baixando. Saem todos de cena. Vão pegar no dragão.)

- *Levam ovo para fora de cena e ouve-se aqui o som o pássaro de fogo ou o ovo ainda assiste ao final de Julião? E o som do pássaro de fogo é o final?*

CENA 14 – JULIÃO E DRAGÃO

(Julião entra de gatas pela linha da boca de cena e vai gatinhando e falando)

Julião – Eles pensam que me venceram! Ahaha... Ninguém vence Julião! A vingança vai ser terrível!! Eles vão ver... Isto não fica assim! Ai não, não. Julião a general, Julião é o maior.

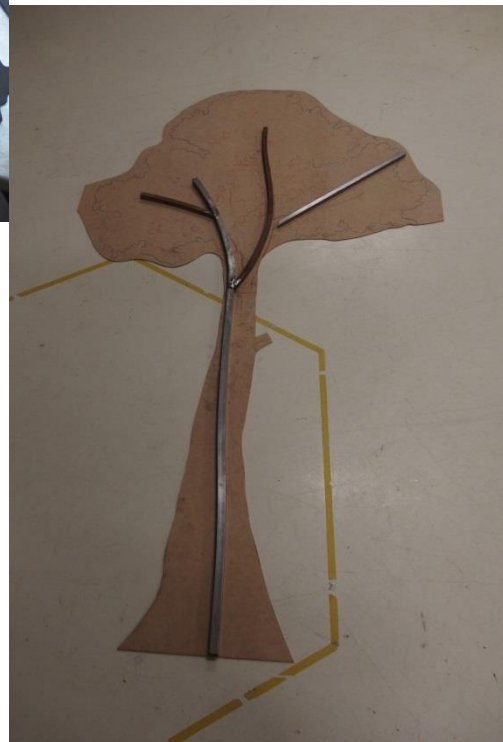
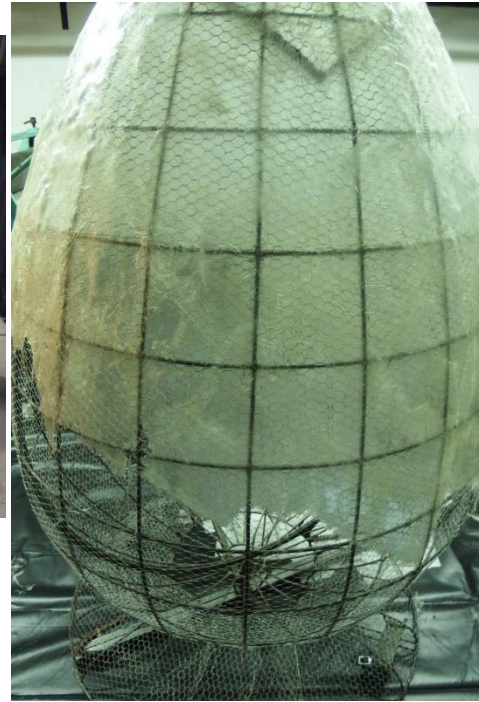
(Sábio vai-se aproximando da boca de cena e cria túnel com o seu saco. Julião entra para dentro do saco)

Julião – Ai! De repente ficou escuro... Olha, também estás aqui? O que vieste cá fazer? Tens uns dentes muito brancos! Ai.. Ai... Ahhhhhh. Um crocodilo!!!!

(Mexe-se dentro do saco freneticamente até ficar estático deitado no chão)

FIM

Fotografias cenografia



Fotografias caracterização



Fotografias ensaios



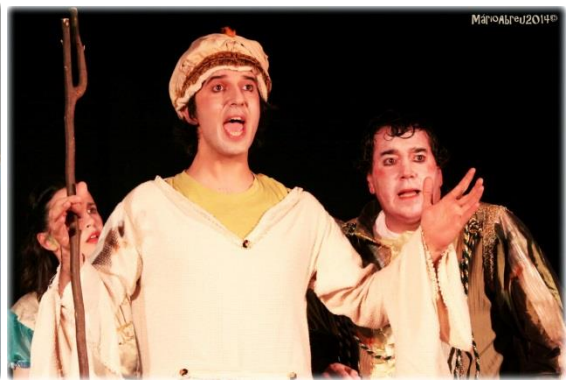
Fotografias Espetáculo

Cedidas por Mário Abreu, tiradas no âmbito do Festival i (d'Orfeu - Águeda)



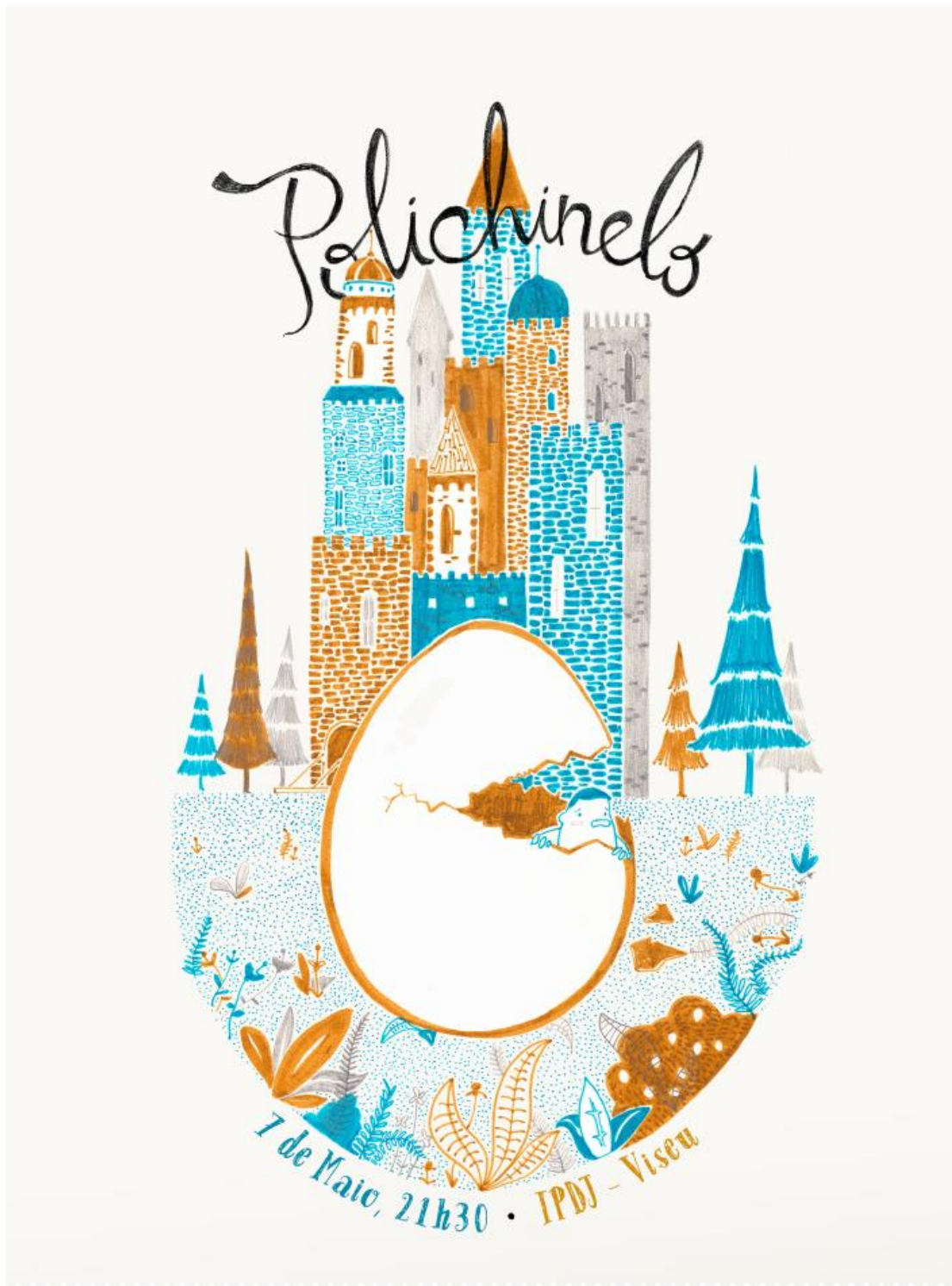






Material Gráfico

Cartaz



uma produção
Zunzum



oficina do
'Zé ferreiro'



Casa do
IPDJ

pormedida

torredeita

CAPTÓFURO

Flyer



Teatro Comunitário
apresenta
Pelichinelos

7 de Maio, 21h30 • IPDJ - Viseu

Uma grande e misteriosa ova apareceu num Reino muito distante. O Rei, atropelado, não sabia o que fazer. A Princesa, doentia, adorou a ideia de conhecer melhor. Quanto ao valioso e generoso Conselheiro Mor... Bem, na verdade, pouco lhe interessava a ova. O importante é ser "O Melhor Conselheiro do Reino".
No entanto ninguém esperava o que viria a acontecer, da grande e misteriosa ova nasceu a diferença e a magia! O Pelichelo encerra-se de forma deslumbrante, surpreendente e muitas surpresas.

Esta peça de teatro é uma produção da Zunzum dedicada aos mais pequenos, mas cujos valores também irão apelar. Encenada por Mariana Veloso, a magia tem sempre a absoluta em Viseu, a 7 de Maio.

Zunzum

Cartão Verde, GEP, IPDJ, Câmara Municipal de Viseu, Teatro de Viseu

Convite



Pelichinelos
convite
7 de Maio, 21h30

1 ENTRADA

Questionários

Questionário Equipa

1_ Qual o seu papel (papeis) na criação de Polichinelo?

Apoio na cenografia e figurinos

1.1_ O que mais o motivou a participar no projeto?

A equipa, que é fantástica criativa, e profissional.

1.2_ Dentro da sua função:

1.2.1_ O que correu bem? O que correu mal?

Dentro mudas minhas funções penso que correu tudo bem, mas a pressão da data da apresentação e a falta de tempo disponível fora do meu horário de trabalho levou a que o meu objecto (dragão) não ficasse 100% do meu agrado. Se tivesse tido mais tempo tinha melhorado alguns aspectos no que toca à manipulação do objecto para que fosse mais simples e prático para os atores.

1.2.2_ Como caracteriza/classifica a orientação/direção que lhe foi dada?

Boa, determinada, as ideias já estavam concebidas quando entrei no projecto foi só seguir as orientações e apoiar em qualquer área que fosse preciso.

2_ Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

O espetáculo foi, divertido, animado. Coerente com a linha de emoções desde ofício até ao fim.

2.1_ Tendo acompanhado o processo e/ou assistido ao espetáculo, na sua opinião, qual é a principal mensagem/partilha que a autora pretendeu transmitir.

O espetáculo na minha opinião quer dizer de muitas maneiras, como muitas outras histórias tem vindo a fazer ao longo do tempo. - Que somos todos iguais independentemente das diferenças quer físicas ou psicológicas que possam existir. Os contos vão evoluindo ao longo dos anos, embora tenham mensagens iguais o que importa é usar a imaginação e ser se o mais criativo possível para que a mensagem seja entendida e que nunca se desista de a transmitir de geração em geração.

2.2_ Que elementos do espetáculo tiveram impacto na transmissão dessa mensagem/partilha?

O polichinelo representa sem dúvida a inocência e a simplicidade. É a personagem com mais impacto, embora o conselheiro mor (a personagem má, o maquiavélico) tenha de existir para que personalidade do Polichinelo seja revelada.

3_ Qual foi o momento que mais o marcou ao longo de todo o processo?

O momento que mais me marcou não foi nenhum em específico, foi todo o processo. Sentir que podia ser uma ajuda, e poder continuar a desenvolver trabalho na minha área de formação com uma equipa fantástica, competente e profissional, é sem dúvida um orgulho.

3.1_ Qual foi o momento que mais o marcou no espetáculo?

A estreia, pois sentiu-se um grande alívio, e uma sensação de missão cumprida. Foi igualmente importante ver a sala cheia e maravilhada com o espetáculo. As Crianças reagiram muito bem, a todas as personagens.

1_ Qual o seu papel (papeis) na criação de Polichinelo?
Polichinelo

1.1_ O que mais o motivou a participar no projeto?
Gosto pelo teatro

1.2_ Dentro da sua função:

1.2.1_ O que correu bem? O que correu mal?
foi mais difícil conseguir entender como interpretar o personagem e entender as suas características mas quando entendi melhor como o Polichinelo era foi mais fácil fazer esse papel. O que correu bem foi a interação com os outros elementos do projecto que eram trabalhadores e isso tornou as coisas mais fáceis.

1.2.2_ Como caracteriza/classifica a orientação/direção que lhe foi dada?
Foi um processo muito interessante pois a orientação que recebíamos era moldada segundo o progresso do projecto, ou seja foi um processo experimental e a orientação que recebemos foi-se moldando de acordo com o que era necessário para a peça.

2_ Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.
Mágico e Motivante.

2.1_ Tendo acompanhado o processo e/ou assistido ao espetáculo, na sua opinião, qual é a principal mensagem/partilha que a autora pretendeu transmitir.
Que o amor e a amizade podem vencer qualquer obstáculo.

2.2_ Que elementos do espetáculo tiveram impacto na transmissão dessa mensagem/partilha?
O facto do polichinelo ter conseguido vencer o dragão e salvar a princesa.

3_ Qual foi o momento que mais o marcou ao longo de todo o processo?

O que mais me marcou foi no final de cada espetáculo as crianças e espectadores em geral querem falar, tirar fotos, etc., com as personagens.

3.1_ Qual foi o momento que mais o marcou no espetáculo?

Foi quando a princesa se reencontrou com o seu pai e o Juliao foi desmascarado

1_ Qual o seu papel (papeis) na criação de Polichinelo?

vários:

ator com o papel do Sábio Ambrósio Infólio;

colaboração no Desenho de Luz;

operador de Luz e Som de cena;

Construção de cenário (árvores, ovo, muro, etc);

Apoio à pré-produção

1.1_ O que mais o motivou a participar no projeto?

1- Por gosto:

Pertencendo a um coletivo artístico, foi um enorme gosto ser desafiado para colaborar no processo de pré-produção e técnica de luz e som;

2- Necessidade:

Entretanto surgiu a necessidade de assumir um papel de ator no elenco.

1.2_ Dentro da sua função:

1.2.1_ O que correu bem? O que correu mal?

Bem:

O desenho de luz, as soluções na construção do cenário, a camaradagem com o restante elenco;

Mal:

A separação das funções entre técnico e ator tornou-se difícil de alcançar.

1.2.2_ Como caracteriza/classifica a orientação/direção que lhe foi dada?

Eficaz. Aberta. Positiva.

2_ Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

Deslumbrante e divertido.

2.1_ Tendo acompanhado o processo e/ou assistido ao espetáculo, na sua opinião, qual é a principal mensagem/partilha que a autora pretendeu transmitir.

- a) Entrar num universo do "maravilhoso" dando asas à imaginação e
- b) a beleza e a bondade está no interior, não nas características físicas.

2.2_ Que elementos do espetáculo tiveram impacto na transmissão dessa mensagem/partilha?

o equilíbrio entre o texto e os recursos cénicos.

3_ Qual foi o momento que mais o marcou ao longo de todo o processo?

A construção do cenário.

3.1_ Qual foi o momento que mais o marcou no espetáculo?

As "ilusões" criadas pelos atores e cenário e o nascimento do Polichinelo.

1_ Qual o seu papel (papeis) na criação de Polichinelo?

Colaboradora da encenadora durante os ensaios.

1.1_ O que mais o motivou a participar no projeto?

A firme certeza e confiança que este seria um projeto aliciante e maravilhoso. Mal fiquei a conhecer a sua essência fiquei maravilhada e sabia que não podia perder esta oportunidade de ver o polichinelo crescer.

1.2_ Dentro da sua função:

1.2.1_ O que correu bem? O que correu mal?

Tudo correu bem, fui muito bem acolhida por toda a equipa. Talvez para mim o menos positivo fosse o facto de não ter conseguido estar presente em todos os ensaios.

1.2.2_ Como caracteriza/classifica a orientação/direção que lhe foi dada?

A Mariana é extremamente responsável e sabe muito bem o que quer. Para mim foi muito fácil entender a sua orientação e o que pretendia da minha parte, pois quando se é presisa e objectiva é tudo muito mais fácil.

2_ Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

Extremamente criativo.

2.1_ Tendo acompanhado o processo e/ou assistido ao espetáculo, na sua opinião, qual é a principal mensagem/partilha que a autora pretendeu transmitir.

Que a mentira tem perna curta e que não devemos julgar os outros pela sua aparência. E a cima de tudo é muito bom sonhar.

2.2_ Que elementos do espetáculo tiveram impacto na transmissão dessa mensagem/partilha?

Toda a magia que envolvia o polichinelo, o seu aspecto físico e todas as mentiras e malícias do Julião.

3_ Qual foi o momento que mais o marcou ao longo de todo o processo?

Ver a evolução fantástica de todos ao longo dos vários ensaios. A Mariana arriscava como encenadora, experimentava coisas novas e era lindo ver como os actores correspondiam afirmativamente e como resultavam tão bem.

3.1_ Qual foi o momento que mais o marcou no espetáculo?

Assistir ao incrível profissionalismo de todos os actores em cima do palco, ver a sala de espetáculos cheia, ouvir as várias gargalhadas do público mais novo e ouvir também os muitos aplausos de todos é realmente uma sensação maravilhosa de encher o coração de alegria.

1_ Qual o seu papel (papeis) na criação de Polichinelo?

Actor nas personagens de Mordomo e cabeça do dragão

1.1_ O que mais o motivou a participar no projeto?

Ter a Mariana Veloso como encenadora, a história, o elenco e o desafio de corresponder ao imaginativo da encenadora.

1.2_ Dentro da sua função:

1.2.1_ O que correu bem? O que correu mal?

Correu bem o facto de conseguir deixar de ser Roger e conseguir construir o boneco do mordomo, ter tido a possibilidade de dar opinião durante todo o processo e a partilha entre toda a equipa...menos bem correu o facto das palavras do texto no inicio nao estarem totalmente interiorizadas e numa questão mais técnica não conseguirmos um unico local para trabalhar sempre que necessário.

1.2.2_ Como caracteriza/classifica a orientação/direção que lhe foi dada?

Uma direcção de cena com certeza do que queria, objectiva nas orientações, assertiva nas decisões e cuidadosa nos horarios a cumprir e na divulgação dos mesmos.

2_ Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

Magia Encantada...ou Fantabulástico!!

2.1_ Tendo acompanhado o processo e/ou assistido ao espetáculo, na sua opinião, qual é a principal mensagem/partilha que a autora pretendeu transmitir.

O bem prevalece sempre sobre o mal....ou quem pratica o bem é sempre recompensado...e os mundos da fantasia são para todas as idades.

2.2_ Que elementos do espetáculo tiveram impacto na transmissão dessa mensagem/partilha?

Todos. A ligação entre eles tem muita força. O enredo da história, cenografia, guarda roupa, sonoplastia, desenho de luz...

3_ Qual foi o momento que mais o marcou ao longo de todo o processo?

A capacidade, visão e vontade da encenadora colocar em palco uma criação que lhe estava na cabeça.

3.1_ Qual foi o momento que mais o marcou no espetáculo?

São tantos, mas ficam estes três...Abertura do ovo, a luz negra nas arvores e o aparecimento do dragão.

1_ Qual o seu papel (papeis) na criação de Polichinelo?

Rei

1.1_ O que mais o motivou a participar no projeto?

Este projeto ser para um público-alvo mais juvenil, tendo curiosidade de trabalhar para um público específico, embora seja um espetáculo para toda a família.

1.2_ Dentro da sua função:

1.2.1_ O que correu bem? O que correu mal?

Entrega total e dedicação para que o projeto fosse um êxito, respeitando a exigência. O que poderá ter eventualmente corrido menos bem, algum atrito pontual, possivelmente provocado pelo cansaço, prontamente sanado e resolvido, sem qualquer tipo de consequências.

1.2.2_ Como caracteriza/classifica a orientação/direção que lhe foi dada?

A orientação/direção de Mariana Veloso foi idónea, de alguém que sabia muito bem o que queria, responsável e bem disposta, mantendo todo o grupo unido.

2_ Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

Impecável. Fantástico. Maravilhoso.

2.1_ Tendo acompanhado o processo e/ou assistido ao espetáculo, na sua opinião, qual é a principal mensagem/partilha que a autora pretendeu transmitir.

Atitude. Valentia. Coragem. Amizade entre todos.

2.2_ Que elementos do espetáculo tiveram impacto na transmissão dessa mensagem/partilha?

As reacções e emoções das personagens. A construção do cenário. A história bem contada.

3_ Qual foi o momento que mais o marcou ao longo de todo o processo?

Todo o processo evolutivo da construção da personagem.

3.1_ Qual foi o momento que mais o marcou no espetáculo?

Abertura do ovo gigante e saída do Polichinelo.

Efeitos especiais da luz negra na floresta mágica e o Dragão.

1_ Qual o seu papel (papeis) na criação de Polichinelo?

Apoio técnico á montagem da luz e som do espetáculo.

Desenho de luz do espectáculo.

1.1_ O que mais o motivou a participar no projeto?

A possibilidade de colaborar com um grupo de pessoas motivadas e apaixonados pelo teatro, num projecto de mestrado que pretende ser uma troca de conhecimentos e experiências que permitam a todos os intervenientes crescer na sua relação com o teatro e ao espetáculo ser uma soma de contributos, em que toda a gente se sente motivada, respeitada e feliz...

1.2_ Dentro da sua função:

1.2.1_ O que correu bem? O que correu mal?

A relação com o grupo de trabalho e a encenadora/directora correu muito bem, o trabalho foi bem conseguido.

Houve pouco tempo para a montagem técnica do espetáculo e para experimentar o desenho de luz por falta de disponibilidade do espaço o que dificultou um pouco o trabalho, mas felizmente conseguimos superar o problema.

1.2.2_ Como caracteriza/classifica a orientação/direção que lhe foi dada?

Boa. Houve desde o inicio uma partilha de ideias e conversas sobre as opções estéticas e caminhos possíveis para a realização do espetáculo que resultaram numa relação próxima

entre as diversas disciplinas intervenientes no espetáculo, e no caso da iluminação foi bastante fácil encontrar soluções que servissem bem o espetáculo e agradassem á encenação/direcção e aos actores intervenientes no espetáculo....

2_ Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

Uma experiência bastante gratificante.

2.1_ Tendo acompanhado o processo e/ou assistido ao espetáculo, na sua opinião, qual é a principal mensagem/partilha que a autora pretendeu transmitir.

Um Grande amor e respeito pelo Teatro, pelos outros mesmo que diferentes... este espetáculo é sobre respeito, sobre sermos todos diferentes mas mesmo assim podemos ser de facto especiais... é também sobre o mal que afinal nem sempre leva a melhor...

FELIZMENTE

2.2_ Que elementos do espetáculo tiveram impacto na transmissão dessa mensagem/partilha?

É difícil responder....

Acho que todos os elementos do espetáculo contribuíram para a forma mágica como a história é contada, como a dramaturgia, a cenografia, a luz e os figurinos nos fazem mergulhar num reino de fantasia mas ao mesmo tempo nos fazem refletir sobre o nosso dia a dia e como uma história que podia ser só infantil é afinal uma historia para todos e com a qual só podemos/devemos aprender...

acho que a dramaturgia e a direcção do espetáculo estão bem conseguidos.

3_ Qual foi o momento que mais o marcou ao longo de todo o processo?

A estreia do espetáculo, apesar dos muitos nervos e alguns medos foi um momento mágico pois toda a gente conseguiu dar o seu melhor e fazer daquele momento um momento mágico carregado de boas energias...e de uma mensagem importante...

3.1_ Qual foi o momento que mais o marcou no espetáculo?

Uiiiiii....

A forma mágica como a história é contada faz-nos rir, acreditar em reinos especiais e na fantasia, ao mesmo tempo faz-nos torcer para que o mal não leve a melhor... Quando no final o conselheiro mor (o mau) acaba dentro do saco do Mago (bom) acreditamos que o bem pode e deve vencer o mal.... nesta história e não só...

1_ Qual o seu papel (papeis) na criação de Polichinelo?

Caracterização

1.1_ O que mais o motivou a participar no projeto?

O conceito do projeto.

1.2_ Dentro da sua função:

1.2.1_ O que correu bem? O que correu mal?

(BEM) A dinâmica criada entre a equipa de trabalho (comunicação).

A versatilidade e transformação/ crescimento da personalidade dos atores (adequação à caracterização-sintonia).

(MAL/a melhorar) adequação dos materiais de caracterização, mais rápidos e funcionais; melhor resultado com a luz negra.

1.2.2_ Como caracteriza/classifica a orientação/direção que lhe foi dada?

Coerente, acertiva, confiante e experimental.

2_ Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

Magia e Surpresa

2.1_ Tendo acompanhado o processo e/ou assistido ao espetáculo, na sua opinião, qual é a principal mensagem/partilha que a autora pretendeu transmitir.

O teatro 'renova-se' e evolui a cada instante-uma mensagem de amor, fantasia e energia.

2.2_ Que elementos do espetáculo tiveram impacto na transmissão dessa mensagem/partilha?

A técnica e o argumento

3_ Qual foi o momento que mais o marcou ao longo de todo o processo?

A descoberta diária das personagens-ator

3.1_ Qual foi o momento que mais o marcou no espetáculo?

Transição para a floresta

1_ Qual o seu papel (papeis) na criação de Polichinelo?

Sonoplastia de algumas falas e efeitos

1.1_ O que mais o motivou a participar no projeto?

O desafio inerente ao projecto e a amizade para com a autora

1.2_ Dentro da sua função:

1.2.1_ O que correu bem? O que correu mal?

Não houve nada que corresse mal. Talvez alguns ajustes de volumes e efeitos sonoros que foram sendo corrigidos

1.2.2_ Como caracteriza/classifica a orientação/direção que lhe foi dada?
Boa.

2_ Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.
5 estrelas

2.1_ Tendo acompanhado o processo e/ou assistido ao espetáculo, na sua opinião, qual é a principal mensagem/partilha que a autora pretendeu transmitir.

Não percebi se a questão se relaciona com a peça em si ou com o projecto que a autora se comprometeu a desenvolver. Sorry :(

2.2_ Que elementos do espetáculo tiveram impacto na transmissão dessa mensagem/partilha?

3_ Qual foi o momento que mais o marcou ao longo de todo o processo?

O poder fazer parte de algo que, com muito esforço, se revelou uma excelente demonstração de um trabalho final de qualidade ao nível de muitas produções com mais recursos financeiros.

3.1_ Qual foi o momento que mais o marcou no espetáculo?

Assumo que o espetáculo me marcou no seu todo, não existindo uma situação específica.

Questionários Público

Grupo 1

<p>Idade <u>5</u></p> <p>1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.</p> <p><u>foi giro</u></p> <p>1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?</p> <p><u>tudo</u></p> <p>2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?</p> <p><u>a parte que o Palatinho saiu da rua, e dançou.</u></p>	<p>Idade <u>5</u></p> <p>1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.</p> <p><u>foi fixe</u></p> <p>1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?</p> <p><u>tudo</u></p> <p>2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?</p> <p><u>a parte da dança</u></p>
<p>Idade <u>47</u> (5)</p> <p>1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.</p> <p><u>Palatinho</u></p> <p>1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?</p> <p><u>Todos, desde o início e o Palatinho subiram.</u></p> <p>2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?</p> <p><u>O início.</u></p>	<p>Idade <u>6</u></p> <p>1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.</p> <p><u>ADOREI</u></p> <p>1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?</p> <p><u>A Princesa e o Palatinho</u></p> <p>2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?</p> <p><u>Quando chegou estava a dançar</u></p>

Idade 7 anos (1)

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.
Fixe e Espectacular

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?
Por causa do Polichinelo e do Julião.

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?
Quando o dragão estava a dançar.

Idade 8

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.
divertidíssimo.

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?
O Polichinelo.

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?
gostei mais da parte do florista.

Idade 9 anos (2) e (3)

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.
criatividade e diversão

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?
Quando o polichinelo saiu do ovo.
Quando o dragão apareceu a desobedecer o polichinelo.

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?
Quando o dragão apareceu.

Idade 9 anos (3)

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.
mágico

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?
O dragão, o ovo e o pássaro.

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?
Foi o Polichinelo a sair do ovo.

Idade 9 (5)

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

Gostei muito e representaram mes-
mo muito bem.

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

Representaram muito bem
e aprende que a diferença
não significa que sejam
mais e as pessoas podem
ser boas por fora, mas bonitas
por dentro.

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

Foi a parte que as ad-
versas bailaram no escuro
e as falas de espalhar
a bondade.

Idade 8

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo

muito engraçado

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

O quilômetro.
O Silbo
O Polichinelo

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

Foi quando
começou a luta da dragão

Idade 10 (3)

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

Fenomenal e fantástico

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

O Julião, Polichinelo e o Tibão
Ambrosia

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

Quando dançava entre o
Polichinelo e o Dragão.

Idade 10 (1 e 2)

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

Engraçado, espetacular

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

Julião - Conselheiro
Ilton

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

Quando apareceu o
Polichinelo dentro do
caso.

Idade 34, 10 e 13 (3)

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo

Muito linda história e decoray

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

A história em si é bonita e todas as personagens têm um pouco de graça a decoração tá linda.

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

O dragão, e o Polichinelo a nascer.

Idade 10 (1)

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo

Disse e espetacular.

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

O "Polichinelo" e o resto toda.

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

A parte da virgama da guilão e da "luta" de dança do dragão e do "Polichinelo".

Idade 11 (1)

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

Muito bom

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

O polichinelo e o dragão

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

Quando o polichinelo saiu do ovo

Idade 11 (3)

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

Uma maravilha

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

O polichinelo e guilão.

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

A parte mais me marcou foi o momento em que tudo ficou bonito e as coisas brilharam.

Idade 11

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

M. Bom

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

As personagens.
A história

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

Quando o Polichinelo nasceu.

Idade 13 anos

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

Espectacular e Divertido

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

Toda a interação que tiveram com o público e a diversão que foi transmitida.

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

Quando o Polichinelo saiu do ovo, salvou a princesa e dançou com o dragão.

Idade 13

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

Muito emocionante

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

As personagens teatralizadas, a história e a música feita ao vivo.

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

A parte em que estava vestido com a coroa e as pedras preciosas.

Idade 15

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

Mixed feelings

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

As várias emoções transmitidas em cada uma das cenas.

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

Em geral, gostei de tudo, mas os momentos com as luzes neon foi o que mais me cativou.

Idade 7

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo

ótimo, divertido

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

A figura do gubias

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

o aparecimento do Rei

Idade 5

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo

Foi fixe.

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

GOSTEI DA PRINCESA

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

PRINCESA

Idade 8 ① e ③

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo

fantástico e incrível

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

Polichinelo

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

A parte em que o gubias polichinelo chama o Julião de mamã.

Idade 9 anos ②

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo

Uma grande comédia!

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

O conselheiro mãe Julião!
O Rei!
O Sabão!

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

O final! (mas o espetáculo todo também foi fixe)

Idade 11 ③ e ④

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

Baja, variedade.

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

O ora gigante e a princesa.

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

Foi quando a princesa defor
sou o Polichinelo que não
tinha sido ele a meter as
flocas no felpito.

Idade 11 ①

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

magnifico.

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

O ora sem palavras coisas e o
polichinelo.

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

Foi quando o polichinelo salvou
a princesa.

Idade 13 anos

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

Muito bom

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

Os atores: Polichinelo e Princesa
Azul.

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

Quando o polichinelo fugia aquela
com a corralava o Concelheiro
sem (outra).

Idade 15 ①

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo

Interessante

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

a cantitação e o corpo
do espetáculo estava
muito bonito

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

O dragão e as palavras
re: y plão.

Idade 15 ① e ②

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

Espetacular e bastante divertido

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

Polichinelo e Juliana

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

O facto de Juliana ser a "mãe da festa".

Idade 16 ②

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

Divertido e ~~com~~ comico

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

O polichinelo, a história da história

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

quando Mafioso é descolado de ter traido o rei

Grupo 2

Idade 45

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.
Magia e emoção

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?
O ovo gigante e a amizade entre o Polichinelo e a princesa.

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?
O respeito pelo pela diferença dos outros.
"Todos diferentes todos iguais"

Idade 48

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.
Imaginário, divertido, diferente

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?
O cenário e a caracterização.

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?
Todos, sem distinção

Idade 57

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.
Fluía bem

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?
Juliana
Polichinelo
Pai
Princesa

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?
Desaparecimento da princesa

Idade 56

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo
Interessante e divertido

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?
Interessante -> pelo cenário e história
Divertido -> pelo apoio dos personagens para o pai e a coroa do rei

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?
A parte do casamento

(2)

Idade 27

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo

Diretado

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

Gostei muito da
personagem Jolinda

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

A dança com o diabo

(1)

Idade 28

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo

Não sou melhor.

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

O CABRILHO.

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

A VINGANÇA :)

(3)

Idade 39

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

Grande divertimento e história

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

AMBOS ESTIVERAM MUITO
MAS TAMBÉM A MARCAR A
PERSONAGEM O SERVENTE MORE.

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

QUANDO O SERVENTE MORE
ESTAVA COM O REI.

(4)

Idade 48 A

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

Diverso

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

A caracterização excelente
dos personagens, o texto e
a constante interação
com o público.

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

Gostei de todos os momentos
do espetáculo proporcionado,
especialmente a originalidade
com que as cenas foram
feitas.

(2)

Idade 22

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

DIVERTIDO

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

A PERSONAGEM JULIÃO

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

O MOMENTO DA LUZ VERDE

(3)

Idade 45

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo

FANTASIA

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

AS PERSONAGENS

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

A ABERTURA DO OVO

(3)

Idade 38

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo

Mágico

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

AS PERSONAGENS QUE COM TRANSFORMAM
A IMAGINAÇÃO, O ILUS
REPRESENTAÇÃO.

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

O SALVAMENTO DA PRINCESA
ABRIL ESCALANDO AS ARMAS
DO MALVADO JULIÃO.

PANO BONS ZUM ZUM

(3)

Idade 46

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo

Mágico

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

LUZES, MÚSICA, PERSONAS

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

Saída do Polichinelo do ovo
e o Julião caído pelo
escudo

Idade 24 ③

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.
Fantástico

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?
Gostei muito do cenário em si, bem como a representação e a história. Foi um momento muito agradável.

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?
Gostei de tudo, pois um momento não aconteceu sem outro momento. Mas principalmente do que nos ensina o bem prevalece.

Idade 33 ①

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.
Excelente

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?
A moral, as personagens não como outras.

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?
Quando escureceu e apareceu o Polichinelo todo iluminado.

Idade 27 ②

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.
divertido

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?
personagens, falas das personagens, atitudes e momentos cômicos

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?
Gostei da parte da dança com a flauta. Gostei de tudo!

Idade 35 ③

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.
rápido

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?
bu e esp

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?
Saida do ovo

Idade 35 ②

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

Divertido

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

o desempenho do Júlio.

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

Toda o espetáculo.

S

Idade 45 ①

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

Espectacular

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

A capacidade de
expressões dos
personagens, foram
todos demais...

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

épico do dia

T

Idade 31 ②

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

Divertido

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

Discurso entre o pai e
o Júlio

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

A aventura do ovo

Idade 33 ② ③

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

Divertido, mágico

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

O polichinelo, a beleza
de história

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

A peça toda a geral

Idade 33

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

Diversão, Espetáculo

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

o sentido de humor

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

Gostei da peça geral

Idade 20

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

Preparação e trabalho

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

Tudo o trabalho da luminotecnia, especialmente a parte do cenário e do polichinelos

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

O momento do cenário e polichinelos e todo o jogo de luz interessante

Idade 21

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

DIFERENTE, DIVERTIDO

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

Todos os personagens, seu enredo.

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

O universo do cenário e a caracterização dos personagens

Idade 21

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

Fantasia e engraçados

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

O cenário foi muito criativo e bonito, ajudou bastante para um mundo cheio de fantasia. As personagens desempenharam um papel muito competente.

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

O momento do diálogo foi de facto muito engraçado. Parabéns pelo magnífico trabalho, Espero que proporcionem mais vezes com espectáculos tão bonitos, o público de viseu será grato.

② ③

Idade 48

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo

Qualquer experiência

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

o desenho dos personagens, a caracterização que está explícita. A cenografia simples que trouxe o "fantasma" de maneira mais a realidade

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

"TODOS"

A1

③

Idade 60

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

Surpreendente, maravilhoso

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

Cenário simples
texto de fácil compreensão
adereços e vestuário adequados
personagens maravilhosos
História do Mundo (Lusão,
de Lanstros, Sábios, "coisas diferentes")

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

→ Mudança rápida do cenário
→ Efeito maravilhoso das luzes
nas personagens/ cenário
→ Entrada do "dragão" e todos
Parabéns a todos que tornaram este
espetáculo possível. Bom-Plaz a todos!

B1

①

Idade 53

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

Um espetáculo espetacular

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

A história

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

Todos

C1

③

Idade 22

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

Criativo, único

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

A história diferente e original

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

A saída do Polichinelo
do ovo

D1

Idade 23

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo

Divertido, Engraçado

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

Juliano, Rei Stefan

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

Tudo ótimo

F4

Idade 37

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

incrível

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

todos

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

A entrada do Rei Stefan

F4

Idade 22

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo

fantástico e muito divertido

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

as cenas em si, são muito engraçadas e muito divertidas e a cenária é fantástico porque é o mesmo mas consegue mudar tanto para cada cena

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

O momento das luzes foi mesmo muito, muito Bom, muito Bem conseguido.

PARABENS 😊!!! ZUM ZUM

G2

Idade 44

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo

Um espetáculo!!!!

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

conselho do Mon João e o cenário da luta com a Dna Mãe.

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

Foi tudo um espetáculo!!!!

A1

Idade 54

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

MAGIAVEL INTERATIVO

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

SEM RITMO E INTERAÇÃO COM
A PLATAFORMA

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

O FINAL FEITO!

IA

Idade 43

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

Fantástico e Inspiração

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

O cenário, a história
e as performances dos
atores

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

A maldade e instigação
da puliã e o seu
castigo

JA

Idade 54

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

DISNEY

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

Música, cenário, personagens
feitos

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

A entrada do rei

KA

Idade 29 anos
31 "
8 "

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

Fantástico, espetacular

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

tudo os artistas fantásticos
e o mordomo
era um engraxado. A
figura dele também estava
muito bem.

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

A parte do salvamento
com o dragão e o final!

LA

Idade 46

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.
Espetacular, Fantástico

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?
Todos, mas o João e o d'elã;
nefo (?)

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?
Todos os momentos foram bons

Idade 44

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.
Fantástico Espetacular

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?
Todos

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?
Todos, mas o Guilherme
foi espetacular

Idade 38

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.
mágico / infantil

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?
história, figurinos

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?
pena da luz negra.

Idade 38

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.
Espetacular

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?
os personagens e a
"história"

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?
toda o momento

Idade 49

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo
Divertido

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?
Polichinelos, criatividade,
profissionalismo

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?
Saída do ovo

Q 1

Idade 19A MARAVILHOSO ♥
 EXCELENTE ♥

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.
EXCELENTE, FANTÁSTICO.

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?
A caracterização dos personagens,
a criatividade do texto, a
excelência de atores. Os melhores
momentos que conseguiram
proporcionar foram a no tempo
da vida, ESPANTOSO.

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?
Os sapatos do rei ficaram bem
delicados, a originalidade da
cena de dança e da forma
como a mensagem chegou
ao Público e o fez rir.

A

Idade 44

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo
divertido / divertido

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?
Os personagens envolvidos
A história que nos mostra
que a aparência não é o
importante

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?
Tudo a história.

B

Idade 37 (2) (3)

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.
Divertido, fantástico

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?
O diálogo, o Polichinelo e
o Sábio Ambrosio

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?
Gostei do espetáculo todo.
Muito bem conseguido.
É pra continuar!!!

R 1

Grupo 3

Idade 60

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.
muito interessante

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?
gêneros podem surgir
de onde menos se espera.
Até mesmo de dentro do ovo.
EXCELENTE CARACTERIZAÇÃO
& COREOGRAFIA & ENCENAÇÃO!

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?
A história do POLICHINHO
subiu o DRAGÃO com
uma simples dança.

Idade 64

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.
gostei imenso

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?
foi uma peg que
gostei muito

Idade 66

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo
Bonito, Divertido

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?
Tudo em geral.

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?
O Rapto da Princesa.

Idade 70

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.
muito bom

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?
Todos os personagens.

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?
Quando polichinelo subiu a
princesa.

Idade 71

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

A OM ESPETÁCULO

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

TODOS

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

EU GOSTEI DE TUDO
MAS ADOREI OS
SAPATOS DO REI

Idade 73

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

Disertido

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

Oxalá q o Rei ses
sapatos e todas as
atitudes dos actores

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

Todos, por serem toda
disertidos e dignos de
essa situação

Idade 73

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

Bom demais

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

Tudo

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

Tudo
o
Espectáculo

Idade 75

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

Foi bom

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

O desempenho dos personagens

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

Todos

Grupo idade não identificada

Idade _____

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

Tudo muito bom

Idade _____

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

Um momento bem passado

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

os atores

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

toda a peça

Idade _____

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

FANTASIA

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

EU-102

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

TUDO

Idade _____

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

muito fixe

1.1 - Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

foi divertido

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

de tudo um pouco

Idade _____

1- Defina, usando uma ou duas palavras, o que foi para si o espetáculo.

1.1 – Que elementos do espetáculo o remetem para essa(s) palavras?

Fuente muito bonito

2- Qual foi o momento que mais o marcou/ que mais gostou?

Apêndice: cd com vídeo e fotografias